

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE LETRAS  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
CURSO DE DOUTORADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**A CRISTIANIZAÇÃO DA *FIDES* ROMANA NO SERMÃO XII  
DE SÃO CESÁRIO DE ARLES:  
DO *CRER* AO *FAZER* LATINO-PORTUGUÊS**

Niterói – RJ  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

JANDYRA GONÇALVES FIGUEIREDO

**A CRISTIANIZAÇÃO DA *FIDES* ROMANA NO SERMÃO XII  
DE SÃO CESÁRIO DE ARLES:  
DO *CRER* AO *FAZER* LATINO-PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor, Área de Estudos Linguísticos: Descrição da Língua.

Orientador: Prof. Dr. RICARDO CAVALIERE

Co-orientador: Prof. Dr. EDISON LOURENÇO MOLINARI

Niterói  
2007

Figueiredo, Jandyra Gonçalves

A cristianização da *fides* romana no Sermão XII de São Cesário de Arles: do crer ao fazer latino-português. Faculdade de Letras da UFF/Jandyra Gonçalves Figueiredo. – Niterói: [ ], 2007.

f., cm

Tese (Doutorado em Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, 2007.

Bibliografia: f.

1. Estudos lingüísticos. I. Título.

JANDYRA GONÇALVES FIGUEIREDO

**A CRISTIANIZAÇÃO DA *FIDES* ROMANA NO SERMÃO XII  
DE SÃO CESÁRIO DE ARLES:  
DO CRER AO FAZER LATINO-PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor, Área de Estudos Linguísticos: Descrição da Língua.

Defendida em Março 2007

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Ricardo Stavola Cavaliere – Orientador

---

Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Edila Vianna da Silva

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Martins Santos Fernandes

---

Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari

---

Prof. Dr. Rosalvo do Valle

Niterói  
2007

*In memoriam* de meus pais,  
Cirilo e Lourdes Gonçalves Pereira.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Stavola Cavaliere e ao meu co-orientador, Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari, pelo carinho, dedicação e competência na orientação deste trabalho.

Aos professores e colegas do Setor de Latim do Instituto de Letras da UFF.

Aos meus filhos Nilo, Marcelo e Carlos Eduardo.

À Maria Elizabeth e Lilian, que digitaram este trabalho.

## RESUMO

São Cesário de Arles (470-542), no Sermão XII, prega sobre a fé cristã, ressaltando que o seu valor se firma na realização das obras. Sua argumentação apóia-se na cristianização do vínculo etimológico entre *fides e fit* estabelecendo uma unidade semântica e teológica entre o *crer* e o *fazer*, para provar a verdade bíblica de que “a fé sem as obras é morta”. Para este trabalho, fez-se necessária uma pesquisa preliminar sobre etimologia, semântica, latinidade clássica e cristã. Em seguida desenvolveu-se o estudo de palavras cognatas dos “uerba credendi” e dos “uerba faciendi”, do latim ao português atual, a partir de exemplos colhidos no texto cesariano.

## ABSTRACT

San Cesario di Arles (470 - 542), in the Psalm XII, preached about the Christian faith, emphasizing that its value is based in the deeds of its works. His argument relies in the Christianization of the etymological ties between *fides* and *fit* establishing a semantic and theologic unit between the *belief* and the *deed*, in order to prove the biblical truth that *faith without deeds is dead*. This work required a preliminary research about etymology, semantics as well as classic and Christian Latinate. It was followed by the development of the study of the affinity of *uerba credendi* and *uerba faciendi*, from Latin to contemporary Portuguese, in samples gathered from cesarian texts.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
1.1 Escolha do tema .....	09
1.2 Objetivos, metodologia e <i>corpus</i> .....	12
<b>2. A VIDA DE SÃO CESÁRIO DE ARLES</b> .....	15
<b>3. AS FORMAS DO LATIM DITO POPULAR</b> .....	19
<b>4. O LATIM DOS CRISTÃOS</b> .....	28
<b>5. O LATIM DO SÉCULO VI</b> .....	32
<b>6. O GALEGO-PORTUGUÊS</b> .....	36
<b>7. OS ESTUDOS ETIMOLÓGICOS DA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA À IDADE MÉDIA</b> .....	40
<b>8. A RETÓRICA NA ANTIGÜIDADE</b> .....	46
<b>9. O CONCEITO DE <i>FIDES</i> NA ÉPOCA CLÁSSICA</b> .....	50
9.1 <i>Fides</i> na condução da guerra .....	51
9.2 Fundamentos religiosos .....	55
<b>10. A TRADUÇÃO DO SERMÃO XII DE SÃO CESÁRIO DE ARLES</b> .....	67
<b>11. A CRISTIANIZAÇÃO DE <i>FIDES</i> NO SERMÃO XII DE SÃO CESÁRIO DE ARLES</b> .....	75
<b>12. O CAMPO SEMÂNTICO DE <i>FIDES</i></b> .....	96
<b>13. A SINTAGMATIZAÇÃO DE <i>FIDES</i></b> .....	101
<b>14. A <i>FIDES</i> DO LATIM AO PORTUGUÊS</b> .....	109
<b>CONCLUSÃO</b> .....	134
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	137
<b>ANEXO: SERMON XII</b> .....	142

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Escolha do Tema

O nosso interesse em analisar o Sermão XII de São Cesário de Arles<sup>1</sup>, autor do século VI – época importante na evolução do latim dos cristãos -, deve-se ao fato de tê-lo descoberto em um curso de especialização feito na Faculdade de Letras da UFRJ, na década de 90; mais tarde, foi objeto de nosso estudo na dissertação de mestrado, intitulada *A transfiguração lexical no Sermão VI de São Cesário de Arles*, defendida na mesma Faculdade (1995), e agora desejamos continuar a enfocá-lo em nossa pesquisa de tese de doutoramento na área de Estudos Lingüísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense.

Ao longo de nossas pesquisas nos livros consultados para o desenvolvimento deste trabalho, verificamos certa originalidade e florescimento no que concerne ao uso do latim eclesiástico na passagem da Antigüidade ao período em que passa a vigorar menor exigência com as normas da língua latina. Julgamos ser São Cesário de Arles um representante legítimo dessa originalidade.

São Cesário dedicou-se à evangelização de pessoas que viviam nas regiões gaulesas – homens do campo, humildes e de pouca instrução. O discurso empregado em suas

---

<sup>1</sup> São Cesário viveu de 470 a 542, tendo estudado, portanto, na segunda metade do século V e obtidos no século VI os maiores sucessos da carreira religiosa e literária.

admoestações coloca-se, sob o ponto de vista lingüístico, em um registro intermediário entre a língua escrita e a língua falada.

Nos séculos IV e V, o latim dos cristãos vai-se aproximar do latim clássico, embora conserve ainda alguns resquícios da linguagem popular dos primeiros séculos. Observamos no Sermão XII de São Cesário a justa medida na elaboração de seus textos: trabalha a escolha do vocabulário, o emprego de estruturas morfossintáticas, o uso de empréstimos da língua grega e de hebraísmos, a manipulação de metáforas e, muitas vezes, transfigura o sentido canônico de uma palavra a fim de obter um outro sentido que leve seus fiéis a um melhor entendimento de sua prédica. Encontramos um grande número de neologismos, embora a língua clássica fosse bem mais rígida quando se tratava de admitir um nome não consagrado pelo uso. São Cesário, além de elaborar um texto bastante coerente com o entendimento do seu público, procura provar com exemplos bíblicos a veracidade de sua pregação. Na produção de seu texto, nosso autor deixa evidente seu espírito apostólico; seus conselhos levam o homem à dicotomia entre o dever e o fazer, atitude importante na vida religiosa da época. Nos sermões de São Cesário, a temática do texto procura provar a seus ouvintes como a prática do culto a Deus é mais importante que qualquer outra atitude na vida dos cristãos. Logo, seu texto está claramente imbuído da defesa da mensagem cristã.

Nosso propósito, neste trabalho, é examinar o quanto o texto cesariano propicia aos interessados na ciência da linguagem um estudo aprofundado da evolução da língua latina. Pensando em desvelar novos caminhos aos estudos da língua latina e suas confluências com a língua portuguesa, pretendemos analisar a etimologia do vocábulo *fides* cujo sentido empregado por São Cesário já não é o mesmo usado na época clássica. Procuraremos ainda detectar aspectos relevantes da língua cristã com os quais possamos estabelecer relações com vocábulos contemporâneos de língua portuguesa. Pareceu-nos

que esses traços de diferenciação são de grande valia para o estudo da etimologia do vocábulo *fides*.

É importante comentarmos, ainda, que São Cesário usa uma linguagem direta e comovente na elaboração de seu texto para ressaltar a responsabilidade que têm aqueles que se dedicam à obra de Deus, quando desejam converter novos adeptos à doutrina cristã. Constatamos também que, no Sermão XII, o bispo muitas vezes despreza estruturas características do latim clássico e usa construções morfossintáticas que refletem a maneira de se expressar dos fiéis e não aquela que é própria do pregador. Esse procedimento naturalmente evidencia um discurso “oralizado”.

Constatamos também que essa evidência – o emprego de usos considerados variantes da língua clássica – pode ser objeto de estudo, em outras obras e receber um maior aprofundamento na área dos estudos clássicos e lingüísticos. Em sua obra, percebemos variantes ou inovações da língua como a criação de palavras novas, ou uso de estruturas oracionais divergentes da norma clássica, como o emprego de *quod*, *quia*, *quoniam* e mesmo *qualiter* no lugar da proposição infinitiva, estrutura que seria genuinamente clássica, e ainda um número expressivo de hebraísmos e grecismos. Sabemos, por exemplo, que atualmente, no campo da lingüística funcional, há um retorno aos estudos diacrônicos por meio do qual se pretendem explicar diferentes usos gramaticais da língua, mesmo que não sejam considerados relevantes nos estudos típicos da chamada língua culta. Podemos comprovar essa afirmação transcrevendo as palavras de Maria Angélica Furtado Cunha (2003: 29):

O funcionalismo lingüístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação lingüística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua.

Além do interesse lingüístico, outro motivo nos levou a abordar o Sermão XII de São Cesário; hoje há um grande número de adeptos da filosofia cristã que surgem no nosso país, professando a religião como salvação para a transcendência da alma. Tal atividade se justifica pela procura do homem moderno em amenizar suas frustrações e medos causados pelo avanço exacerbado da evolução do mundo. Essa evolução, de cunho histórico, social e político, será sempre a causa principal pelos diversos rumos que a cultura de um povo poderá sofrer ao longo do tempo e, conseqüentemente, influenciará a vida religiosa do homem.

Uma das alterações dessa evolução apresenta-se no plano do significado de palavras relativas à prática religiosa. Sabemos que palavras nascem, crescem, morrem e, muitas vezes, ressurgem como o vocábulo *fides* que constitui o elemento fundamental do homem em virtude da violência exacerbada nos dias atuais. Dessa forma, a busca da etimologia de *fides* revela-se bastante atual em nossa sociedade.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para a compreensão inteligível da trajetória do vocábulo *fides* na questão da fé e possa comprovar que São Cesário deseja ensinar a seus fiéis que só existe fé se cumprirmos as obras prometidas a Deus.

## **1.2 Objetivos, metodologia e corpus**

Pretendemos neste trabalho pesquisar a etimologia de *fides* no Sermão XII de São Cesário de Arles; analisar os recursos lingüísticos que dão suporte a esse recurso literário no texto cesariano e, dentre eles, os de maior expressividade e originalidade no htim dos cristãos; e finalmente verificar os desdobramentos do sentido da palavra *fides* da época clássica na língua portuguesa da atualidade.

Este trabalho inclui-se na linha de pesquisa 1 (Descrição da língua) do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF. Visa destacar a relevância dos estudos

diacrônicos ao longo do período clássico e popular da língua latina e do período arcaico ao moderno da língua portuguesa.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, seguir-se-ão os seguintes passos:

- a. Tradução do texto do Sermão XII de São Cesário de Arles;
- b. Levantamento da ocorrência de *fides* e sentidos decorrentes de cada tipo de ocorrência;
- c. Levantamento e análise das linhas teóricas seguidas pelos interessados em estudos etimológicos em línguas neolatinas e, mais especificamente, em língua portuguesa;
- d. Verificação de possíveis desdobramentos de sentido da *fides* romana na atualidade vernácula.
- e. Observação das confluências do substantivo *fides* e do verbo *credo* (e seus cognatos) na língua portuguesa, bem como dos verbos *ago* a *facio*.

Após a tradução, levantamento e análise das ocorrências de *fides* no texto cesariano, examinamos nos dicionários de latim clássico os sentidos desta palavra e a acepção da mesma utilizada no Sermão XII, na prática da evangelização dos fiéis. Para isso, foi observado e analisado, dentro do texto, os sintagmas verbais e nominais que envolvem o uso de *fides* para chegar às palavras cognatas de *fides* e *credo* na língua portuguesa. Visamos ainda trabalhar não só com aspectos semânticos, mas, sobretudo, morfológicos e sintáticos que ajudem a definir a diacronia de *fides*.

Consultamos também dicionários etimológicos e dicionários de língua portuguesa considerados de publicação recente para definir as acepções atribuídas aos cognatos de

*fides*. O objetivo foi levantar o sentido registrado de *fides* e *credo e facio* para verificar as confluências desses vocábulos na língua portuguesa.

Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, foram utilizadas as seguintes fontes:

- a. O texto latino do Sermão XII de São Cesário de Arles, extraído da publicação *Sermons au peuple* de Marie-José Delage, obra que apresenta os sermões de São Cesário (do primeiro ao vigésimo) em língua latina<sup>2</sup> com tradução francesa;
- b. Dicionários e outras obras do campo da etimologia a partir do século XX: *Dictionnaire étymologique de la langue latine* de Ernout e Meillet; *Dicionário de Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Hollanda; *Dicionário de verbos e regimes* de Francisco Fernandes.
- c. A obra de Gerard Freyburger intitulada *Fides: étude semantique et religieuse depuis les origines jusqu'à l'époque augustéenne*.
- d. Os trabalhos de Albert Blaise, Curtius e Ricardo Cavaliere.
- e. Os trabalhos sobre Semântica de Ullmann e Pierre Guiraud.

---

<sup>2</sup> A tradução em português constitui o capítulo 10 desta tese.

## 2 A VIDA DE SÃO CESÁRIO DE ARLES

Graças a alguns documentos oficiais, em particular os concílios gauleses da época e à correspondência entre o bispo e a Santa Sé, e, sobretudo, ao testemunho da *Vita Caesarii* (obra redigida a pedido da Abadessa Cesária, a jovem), aos familiares e a alguns colaboradores do bispo nos anos que se seguiram à sua morte, podemos retratar alguns acontecimentos da vida do bispo São Cesário.

Em relação às datas de nascimento e morte de Cesário, infelizmente a *Vita* não nos fornece as épocas exatas, mas oferece informações que nos permitem deduzi-las com bastante precisão.

Segundo a *Vita*, Cesário morreu em 27 de agosto com a idade de 72 anos depois de 39 anos de episcopado, no dia seguinte ao trigésimo aniversário da fundação dos Mosteiros das Monjas; para o ano de sua morte, o término *post quem ...* é fornecido pela carta do papa Virgílio, entregue no dia 18 de outubro de 543 aos enviados de seu sucessor *Auxanius*.

Por outro lado, sabemos da existência de uma carta do papa Símaco endereçada no dia 29 de setembro de 500 ao seu predecessor da Sé de Arles, Eônio. Logo, ou Cesário morreu em 540 ou, mais tarde em 543. Nenhuma prova nos permite deduzir com absoluta certeza entre esses quatro anos.

A *Vita* diz que Cesário foi citado a comparecer diante de Teodorico em Ravena, depois da fundação daquele mosteiro. O papa Símaco menciona em 513, numa carta endereçada aos bispos da Gália, a passagem de Cesário em Roma, ocorrida durante a sua volta de Ravena.

Se a fundação do mosteiro foi no dia 26 de agosto desse mesmo ano 513, parecemos muito pouco tempo para o nosso bispo ir a Ravena se justificar, resgatar a maior parte da população de Orange, organizar seu repatriamento e ir ele mesmo a Roma.

Se avançarmos a data desta consagração até 510/511, aproximação feita pelos autores da *Vita*, a acusação de Cesário não se justifica; por outro lado, é pouco provável que o bispo tenha podido tão rapidamente, depois da guerra e do sítio de Arles, construir o mosteiro. O ano de 512 parece-nos ficar mais de acordo com esses dados cronológicos.

Quanto à infância de São Cesário, ao meio em que cresceu, à sua origem, podemos afirmar não ter pertencido à família ilustre, porém de raiz e tradição galo-romana e católica. Embora já houvesse entre seus parentes o Bispo Eônio de Arles, ao qual sucederia mais tarde, Cesário não obteve total apoio da família para sua vocação religiosa.

Com dezoito anos, abandonou a vida leiga e dois anos mais tarde decidiu consagrar-se a Deus. Optou por Lérins ao invés da cidade de Condat, e não sabemos ao certo se por pura predileção ou para escapar à oposição de seus pais. Por outro lado, o sucesso de Lérins já se estendia até a Inglaterra, o que seria suficiente para atraí-lo ao famoso colégio, à procura de Deus. Foi em Lérins que adquiriu sua cultura eclesiástica, fundamentada na meditação dos Livros Santos.

Desde o começo do século V, um famoso abade de Condat, Honorato, retirou-se para Lérins, acompanhado por jovens da aristocracia galo-romana. Tal escolha deveu-se

ao fato de Lérins já possuir uma tradição meio século mais antiga que a de Condat, e uma auréola de monges e bispos renomados que ali haviam feito seus estudos.

Parece-nos que o Bispo de Arles guardava eterna felicidade pelos anos em que ali viveu, e sentia nostalgia desses muitos anos de dedicação. Assim, quando veio mais tarde à ilha, pregando a pedido do Abade, compôs um elogio célebre sobre seus montes elevados e a excelência de seu ensino religioso (Sermão 236. 1-2). Quanto à formação intelectual, sua obra anterior não apresenta traços de conhecimento literário profano. Logo, podemos concluir que toda sua cultura eclesiástica fundamentada na meditação dos Livros Santos e no estudo dos Padres foi adquirida em Lérins.

Em seu método de interpretação espiritual da Escritura, o monge se formou na tradição de Orígenes e de Santo Agostinho, o que pode ser observado com frequência em seus sermões sobre a Bíblia. Quanto à doutrina trinitária, Cesário se baseou em obras de Hilário, de Ambrósio e de Santo Agostinho; já em sua doutrina ascética, ele se fixou nas conferências de Cassiano e nas *Homiliae decem ad monachos* de Fausto de Ruiz, Abade e Bispo de Lérins.

A Louvação a Deus através do canto era de grande importância para Cesário. Assim, durante os três anos em que esteve como Abade de Lérins, incentivou a prática dos cantos e orações pela manhã, formando monges com uma *cotidiana instantia*. O canto dos monges deve ter sido para ele uma verdadeira revelação, ao mesmo tempo de ordem estética e espiritual. Quando foi Bispo de Arles, seu primeiro cuidado foi estabelecer a prática do canto a cada dia, durante as horas livres, na Basílica de Santo Estevão. Alguns anos mais tarde, Cesário escreveu, em sua *Regra às monjas*, o ordenamento do ofício.

Mas o monge de Lérins não trilhou apenas caminho de plumas; alguns percalços marcaram profundamente sua vida e sua personalidade. Um deles deveu-se ao fato de

Cesário ter sido rígido demais em sua primeira experiência no convívio com os homens. As sucessivas queixas dos monges ao Abade resultaram em seu afastamento, o que determinou a perda da função de celeireiro.

Um outro problema parece ter sido mais grave, visto ter-se entregado o nosso monge a excessos de vigílias, de jejuns e de mortificações, prejudicando gravemente sua saúde. Por ordem do Abade, teve que deixar o mosteiro para restabelecer a saúde em Arles, a Roma do mundo gaulês. Foi nessa época que Cesário teve a oportunidade de fazer amargas reflexões sobre a virtude da *discretio* e de se reconhecer culpado por ter dessa vez desconhecido inteiramente sua própria fragilidade. Parece-nos que esta rude lição vai humanizar nosso orador, que aprenderá a ter em conta os limites de cada um.

Mais tarde, quando se tornou Bispo de Arles, soube compreender a fragilidade espiritual dos homens, deixando que cada um fosse juiz de si próprio em matéria de mortificação e meditação religiosa.

### 3. AS FORMAS DO LATIM DITO POPULAR

Segundo Mohrmann, em *Études sur le latin Chrétiens* (1952:6), o filólogo clássico que desejar se ocupar do latim popular, ou seja, tal qual foi falado pelas classes médias, encontra-se diante de uma tarefa extremamente complicada, já que a tradição latina conspira por assim dizer, contra ele, pois toda tradição cobrar-lhe-á o conhecimento da língua falada em favor de uma tradição culta. Para a autora, isso não ocorre apenas no período clássico, mas também no latim tardio. Na maioria dos documentos que nos foram transmitidos, permanece fiel a tradição secular do latim culto ou literário.

A partir do momento em que o povo romano começou a desempenhar um papel no cenário internacional, adotou, decididamente, um estilo que, a princípio, poderia parecer não natural, porém que expressava as tendências mais profundas desse povo cuja origem estava na agricultura. Rapidamente, o povo romano passou a dominador do mundo antigo. Esse estilo, mistura bizarra de uma dignidade austera e de uma rudez ingênua que nunca pôde completamente transpor, refletiu-se na evolução sofrida pela língua. O povo romano, inspirado pela cultura grega, começa a ter consciência do valor da expressão lingüística cuidada. Formou-se uma língua paralela, meio de expressão utilizado nos documentos oficiais no discurso público. Foi esse latim cultivado que se tornou instrumento de uma literatura rica em prosa e poesia. Mohrmann (1952:1) afirma que Marouzeau corrobora a mesma idéia em seu livro *La formation du Latin Littéraire*. O último século a.C. e o

primeiro século d.C. viram nascer uma literatura clássica que permanecia através dos séculos como exemplo e norma da língua culta. Além disso, passou a ser vista como norma para o ensino escolar. A escola tornou-se, então, o local de excelência da língua literária.

Na Itália e no norte da África, na Espanha e nas Gálias (hoje território francês), o ensino permaneceu fiel ao cultivo e valorização da língua literária.

Em todas as escolas do Ocidente, a juventude recebeu uma formação literária uniforme. Graças aos esforços dos mestres e dos alunos, a tradição literária subsistiu, e a literatura clássica permaneceu como um modelo não só para toda produção literária, mas também para todo texto escrito. Na época augustiniana, houve uma certa aproximação da língua popular com a língua cultivada graças à evolução política e espiritual evidenciada naquele período, a qual tendia a eliminar a exclusividade do ensino do latim. Mesmo assim, não se pôde evitar o dualismo criado entre o normativismo da língua cultivada e a espontaneidade da língua popular e, aos poucos, a distância entre esta e aquela se ampliou.

Gerou-se, então, uma tradição no ensino de língua clássica perpetuada na França até o fim do século VI, na Itália até o século VIII e na Espanha até o século IX.

Até os textos latinos mais tardios conservam ainda traços do ensino escolar conservador. Os escribas, quando produziam com grande cuidado as fórmulas tradicionais dos diplomas, se esforçavam em manter a tradição escolar; mesmo assim, aqueles textos tardios foram testemunhos fiéis da língua falada.

Naquele momento, o ensino tradicional baseado na literatura de Roma correu o risco de ser interrompido, mas a tradição literária de Roma conseguiu salvar-se. Na Itália o ensino antigo fundamentado na literatura profana ministrada por leigos desapareceu e também muitos centros monásticos do Ocidente mantiveram em suas origens um caráter letrado. Isso ocorreu também no extremo Ocidente, na Irlanda e mais tarde, na Inglaterra

onde Santo Agostinho de Canterbury introduziu, com o Cristianismo, a tradição literária sob forma cristã, que se tornou a base de uma cultura latina.

Carlos Magno, quando desejou dar a seu Império um ensino voltado para a tradição literária de Roma, baseou-se na cultura monástica anglo-saxônica e na antiga tradição clássica das escolas italianas.

As medidas tomadas por ele visavam normatizar o uso da língua para que a situação lingüística, antes caótica tal qual pode-se observar nos textos merovíngios – uma mistura bizarra de elementos tradicionais e elementos da língua falada da época – fosse estabilizada.

A reforma carolíngia apoiou-se em dois elementos diferentes: no ensino carolíngio herdado da escola profana tal qual subsistia na Itália e na herança cristã, decorrente da difusão da Bíblia e da ação dos padres da Igreja. Essa tradição cristã chega-lhe, sobretudo, pela via anglo-saxônica.

Mohrmann enfatiza a importância das afirmações do mestre Marouzeau a respeito da língua culta dos primeiros séculos da nossa era.

Sans doute vous vous demandez pourquoi je vous parle en premier lieu de cette prolongation de la langue littéraire, tandis qu'on m'a invité à parler devant vous de la langue populaire des premiers siècles de notre ère. J'ai voulu vous parler d'abord de cette continuation de la branche littéraire pour vous montrer à quel degré ce dualisme, cette co-existence de formes linguistiques très diverses a été pleine de vitalité. (*apud* MOHRMANN, 1952:02).

As palavras de Marouzeau comprovam a importância de uma análise lingüística, a partir da língua clássica, para se chegar ao latim popular e também às línguas neolatinas.

Daí Marouzeau alertar para o fato de que não se pode considerar como certo o que afirmam alguns autores quando dizem que o latim culto desapareceu, para poder dar lugar

ao latim dito vulgar<sup>3</sup>, que continuou a viver, diferenciando-se e dando origem às línguas românicas. Diz ainda o grande mestre que não se pode afirmar que o latim dito popular foi uma língua que existiu ao lado do latim literário, como uma língua separada e autônoma, conforme M. Bonfante e M. Lot afirmavam na época. As duas formas de línguas são inseparáveis entre si: sobrepõem-se e subsistem; o latim popular persiste nas línguas românicas e o latim literário na latinidade medieval.

Mas, na Idade Média, a interação das duas línguas ainda se manifesta. A língua românica tem uma influência considerável no latim medieval, e este funciona como língua culta literária, influenciando profundamente as línguas românicas e as germânicas.

Sabemos que, quanto mais se estuda a evolução de uma língua, mais se observa a unidade cultural e espiritual herdada de uma cultura mais antiga. Por isso, não podemos concordar com estudiosos modernos que consideram superado tudo o que era abordado nos manuais do latim corrente, nos quais a evolução do latim até as línguas neolatinas é geralmente tida como retilínea. É preciso destacar ainda que alguns desses teóricos estão convencidos da impossibilidade de conhecer o latim popular apenas pelo método da análise de textos.

Outra questão levantada por Marouzeau refere-se à polêmica do latim popular poder ser considerado uma língua corrente, um proto-romance, ou um romance. Julga o mestre francês que o termo romance comum não é um termo correspondente no sentido estrito da palavra, ao contrário do que diz Bloomfield (*apud* MOHRMANN, 1952:5). Marouzeau afirma que outros lingüistas como M. Trager e M. Hall designam para o termo proto-romance exclusivamente o latim popular, considerado como uma forma de dialeto.

---

<sup>3</sup> Preferimos a denominação “latim popular”, pois o nosso adjetivo “vulgar” tem valor depreciativo. Só o conservamos neste texto, quando transcrevemos o pensamento de autores que o adotam.

Alerta que, em nome desse tipo de discussão, muitos filólogos deixam de lado o que deveria realmente ser objeto de pesquisa. Para ele

J'avoue franchement que pour philologue classique il y a quelque chose d'enervant e d'irritant à se voir échapper la forme du latin qui devrait être la plus vivante et la plus directe, qui devrait nous donner l'occasion d'attraper la vie même de cette société, laquelle se montre à nous avec cette pompe et cette *gravitas*, qui nous semble parfois quelque peu théâtrales, à voir que cette forme vivante se dérobe à nous yeux, qu'elle se cache et qu'il ne nous reste qu'à la restituer péniblement et scrupuleusement, et à la réduire en une série de formules qui nous donnent une langue tant soit peu momifiée. (*apud* MOHRMANN, 1952:5).

Entretanto, para o mestre francês, essas reações espontâneas são justificáveis apenas sob o ponto de vista científico. Exatamente como nossos ancestrais, somos levados a pensar que o latim é uma língua privilegiada na qual mãos profanas não devem tocar.

À medida que o estudo do latim popular serviu de conhecimento mais profundo das línguas românicas, muitas opiniões dividiram-se entre os filólogos: Meyer Lübke aplicou o método rigoroso estabelecido pelos gramáticos comparativistas na restituição das fases anteriores às línguas românicas, constituindo um estudo sobre o período chamado de proto-romance. Já Schuchardt rejeitou o princípio rigoroso da constância das leis fonéticas e evitou os métodos baseados pela Geografia Lingüística.

Schuchardt consultou as fontes: os glossários, as inscrições, os gramáticos, os autores ditos vulgares. Assim sua obra *Volkalismus des Vulgarlateins* tornou-se uma fonte de dados sobre o latim popular, tirados dos textos referidos acima.

Apesar das críticas rigorosas à lingüística comparativa, Marouzeau reconhece o método do trabalho de muitos lingüistas, como o de Meyer Lübke. Atribui a ele o mérito de ter estudado as origens das línguas neolatinas como o estudo da desagregação da unidade latina que se transformou, pouco a pouco, na pluralidade presente das línguas românicas. Marouzeau afirma ainda que, graças aos estudos de Meyer Lübke e sua escola,

foi possível, através de um método seguro e rigoroso, obtermos resultados para os quais mesmo os exames mais profundos dos textos feitos até então não haviam permitido reconhecer uma diferenciação fonética dialetal. O que Marouzeau deixa claro é que os filólogos clássicos, ao tentarem reconstituir um romance comum a partir dos métodos da lingüística comparativa e descritiva, encontraram resultados insuficientes. Afirma ainda que ele e outros filólogos clássicos não se sentem aptos a considerarem o latim, mesmo o mais tardio, como um embrião lingüístico.

Afirma ainda o mestre que, para superar a tendência normal de se querer encontrar uma língua viva e real, é preciso superar muitas dificuldades principalmente na forma de análise de elementos da língua popular presente nos textos, elementos esses que sempre foram repelidos pelas formas lingüísticas tradicionais propagadas pela escola. Defende a idéia de que não é possível deter-se apenas nos textos qualificados como vulgares, mesmo nos textos mais literários do período clássico. É preciso lembrar aqui a atividade admirável da escola sueca que, durante meio século, se dedicou ao incansável estudo seguro e profundo sobre textos diretos da literatura latina, selecionando os elementos vivos e espontâneos da língua.

Assim, um conhecimento profundo da língua permanece ainda, e sempre será, uma base sólida para todo estudo lingüístico. Cabe a um filólogo clássico um exame minucioso de todos os textos latinos que possam esclarecer sobre a língua corrente, mas isso não significa dizer, para Marouzeau, que os resultados adquiridos pelos romanistas por meio da lingüística histórico-comparativa possam ser negligenciados.

Por outro lado, os filólogos clássicos consideram o latim popular um fenômeno lingüístico autônomo. O latim popular é uma língua real, não considerada como tal pelo peso da tradição da língua culta e literária. Não existe um texto popular, existem apenas

numerosos traços populares e mais ou menos claros, nos textos preservados e, conseqüentemente, torna-se bastante difícil discernir as tendências gerais da língua popular. Não podemos desejar estudar o latim popular como uma língua real: em primeiro lugar, com o auxílio do estudo do texto, é possível percebermos a complexidade dessa tarefa e aceitarmos que esses textos não permitirão ter uma idéia aprofundada dessa variante da língua latina.

Marouzeau afirma que é preciso dar-se conta do fato de que o latim popular ou língua corrente em momento algum exprime, como Meillet o formulou, um estado único da língua. Note-se ainda que, desde a época imperial, diferenças dialetais, sobretudo de ordem fonética, existiram. Há uma espécie de acordo atualmente que admite o esquema tradicional de um latim popular, que era um e se transformou, em momento dado, nas línguas romanas diversas.

Afirma ainda o mestre que não podemos pensar em um esquema de diferenciação sem termos em conta as tendências especiais que se manifestam nos diferentes domínios desde o início. Cabe destacarmos que essas tendências especiais começam de forma lenta sobre cada território especial. A partir do momento em que foi ali importado, é claro que diferenciações serão observadas devido a fatores especiais de cada território. Sendo assim, a restituição do latim não propicia o resgate do latim como o era, mas tal restituição serve para revelar novas formas assumidas por elementos da língua.

Esses elementos modificaram-se seguindo tendências especiais que se manifestaram nos diferentes territórios para onde o latim foi levado.

Cumprе acrescentar que, ao longo de nossas pesquisas, não encontramos diferenças das opiniões de Marouzeau entre os gramáticos que se propuseram ao estudo do latim popular como, por exemplo, Maurer Junior (1959:5) assevera:

Naturalmente o conhecimento desse latim vulgar ficou incompleto por não existirem dele documentos escritos diretos. De fato, até hoje subsistem dúvidas a respeito da sua natureza exata, da época que se constituiu e suas linhas gerais, das fontes mais seguras para o seu estudo, havendo divergências freqüentes entre os romanistas quanto a essas e outras questões.

Também Silva Neto (1957) elenca uma série de exemplos de trabalhos de gramáticos que se dedicaram ao estudo das origens do latim popular e suas peculiaridades, contudo as fontes antigas – textos, inscrições e gramáticas – nos parecem muitas vezes incertas e contraditórias; mesmo o *Appendix Probi*, considerada uma das melhores fontes para o estudo do latim popular, apresenta uma série de erros. Faz relevante referência: “Niedermann também escreveu sobre a origem do latim popular com muito acerto: ‘o latim vulgar (*Vulgärlatein*) é a fala diária da maior parte da população, elementos êsses que compunham a camada social inferior”. (apud SILVA NETO, 1959:30).

Sabemos que as condições geográficas, a forma de estabelecimento das primeiras comunidades e o pensamento social de um povo fazem-se sentir claramente na formação de seu idioma. Assim muitas foram as situações e tendências especiais da língua latina que dificultam um resultado seguro das origens do latim vulgar.

Sempre que os filólogos e lingüistas pretenderam buscar, nas fontes mais antigas, uma formulação mais teórica de seus estudos, não obtiveram resultados satisfatórios em virtude da complexidade das línguas. Quando buscamos pesquisar o estudo da etimologia na Antigüidade clássica, surgem fatores de ordem lingüística como o bilingüismo, a expansão geográfica – consequência das conquistas romanas - , a mistura de falares, ou seja, o contato da língua latina. Com outras diferentes línguas continuam sendo grandes os problemas que dificultam aos filólogos e lingüistas a desenvolverem pesquisas a contento em assuntos tão complexos como por exemplo, a origem do latim vulgar e, por que não dizer, a etimologia como ciência na época antiga? Leiamos o que nos diz a respeito

Antenor Nascentes (1955:XI): “Desde a mais alta Antigüidade o homem sempre foi tentado pelo que Grimm chamou de demônio da etimologia”.

Não nos parece fácil, portanto, dar conta de uma tarefa tão importante sem fazermos um percurso lingüístico das várias transformações que uma língua sofre ao longo de sua evolução. Daí o percurso cumprido por este trabalho acerca da origem do latim popular, para que pudéssemos explicar certas dificuldades da língua portuguesa que ainda hoje são encontradas como o eram no latim primitivo. É exatamente a falta de documentação completa que não nos permite resultados satisfatórios.

Mesmo com todas essas dificuldades, o homem sempre tentará desvendar os mistérios transcendentais de sua origem e conseqüentemente da origem de sua língua. Por enquanto, ainda é preciso que continuemos essa procura cujos resultados poderão ser de grande valia para a ciência da linguagem, bem como para outras áreas de conhecimento.

#### **4. O LATIM DOS CRISTÃOS**

A expansão do Império Romano propiciou, não só à língua oficial da Urbe, mas também ao latim dos cristãos, novas possibilidades de movimentação geográfica e lingüística.

Tal afirmação pressupõe, à primeira vista, a existência de duas línguas diferentes, o que, ao longo desta pesquisa, nos levou a profundas reflexões.

Sabe-se que, no início do Cristianismo, pregou-se no ocidente em língua grega: a Koiné que primeiro serviu de intérprete ao pensamento cristão, em todo o mundo antigo. Assim, os primeiros textos cristãos vindos de Roma e das primeiras comunidades gaulesas são gregos. Entretanto os documentos cristãos antigos da África do Norte são redigidos originariamente em latim, porém tão saturados de helenismos que, para seu entendimento, faz-se necessário um bom conhecimento da língua grega e da primeira fase da igreja grega da África no Norte. Logo, parece-nos claro que a fase grega original deixou vestígios no latim dos cristãos. Também, durante muito tempo, acreditou-se que a latinidade tinha seu início na igreja africana e que muito contribuía para a latinização da igreja em Roma. Embora essa opinião tenha sido defendida por Chamoine Bardy em seu livro sobre a questão das línguas na igreja antiga (apud MOHRMANN, 1952:28)) já, na metade do século II, o processo de latinização da igreja em Roma estava em curso. Ora, se o

pensamento cristão ultrapassou as fronteiras da Palestina e, passando pela Grécia, foi pescar novos adeptos no povo romano, é claro que uma interferência lingüística entre essas línguas seria sentida, mas de maneira alguma propiciaria o surgimento de uma terceira língua.

Sabe-se também que a finalidade precípua dos cristãos era atingir a maior parte da gente humilde, a fim de despertar a ideologia cristã em seus corações, mas provavelmente a correção lingüística não se faria necessária; mais comum seria a liberdade lingüística criadora. Adaptava-se então um termo ou outro para melhor entendimento da doutrina que os cristãos queriam transmitir, o que mostra que a língua como instrumento de comunicação de uma determinada comunidade não era simplesmente um sistema de códigos determinados e preestabelecidos, subordinados a um rígido padrão de normas. Uma língua, por ser dinâmica, apresenta uma variedade infinita de formas determinadas pelas manifestações peculiares à fala de diferentes indivíduos, bem como por fatores temporais, geográficos, sociais e econômicos. Para Ullmann (1977:269): "A língua não é apenas um veículo de comunicação, é também um meio de despertar emoções e de fazê-las surgir nos outros". Pelo exposto, podemos observar que na trajetória da língua latina, inúmeros fatores contribuíram para o surgimento de diferentes falares entre as diversas regiões de Roma. Logo, parece-nos que alguns autores, quando usam inúmeras terminologias para definir uma época ou fase da língua latina, mostram-se apenas preocupados em explicar uma série de alterações históricas, sociais e culturais das épocas ou fases a que se referem.

Uma das causas que impediram a língua latina de se manter rigorosamente uniforme em todo o seu território foi justamente a expansão geográfica. Em Roma, por exemplo, com a efervescência dos estudos literários, já se vão encontrar duas modalidades

de língua: a literária, usada pelos escritores e pela sociedade culta; e a popular - falada pelo povo despreocupado com as normas rigorosas dos gramáticos.

Tal situação propiciou duas vertentes de uma mesma língua, permitindo o emprego de duas terminologias distintas que vão explicar a situação lingüística da época. O *latim clássico*, "sermo urbanus", é a língua das escolas ou academias e da sociedade culta de Roma. O *latim vulgar*, "sermo vulgaris", é a língua do povo inculto, sem a preocupação com as normas rigorosas exigidas pela língua escrita.

É importante ressaltarmos que no latim em uso já existiam várias modalidades da língua corrente; assim, ainda temos o *latim familiar*, falado pela classe média; o *latim plebeu*, falado pela classe baixa; o *latim castrense*, falado pelos soldados; o *latim náutico*, falado pelos marinheiros; o *latim proletário*, falado pelos operários. Todas essas variantes do linguajar do povo refletem diferentes aspectos de uma mesma língua. Elas não nos permitem pensar em línguas, mas em modalidades diferentes de uma mesma língua.

Se a vertente da língua latina, originária do Lácio, não tivesse sofrido as grandes influências lingüísticas dos povos conquistados, e os seus escritores não se tivessem inspirado nos autores gregos, fato que sem dúvida contribuiu grandemente para o aperfeiçoamento da língua latina, é possível que o latim falado entre os humildes pastores e agricultores não tivesse perdido aquela rusticidade tão comum do período arcaico.

Segundo Serafim da Silva Neto,

As línguas já o dissemos noutra lugar - são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente realizando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende quer das carências do próprio sistema lingüístico, quer de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez e a lentidão das mudanças. (1957:52).

Cumpramos destacar que o latim clássico, em sua fase de grande brilho literário, de forma alguma anulou a linguagem espontânea transmitida pelas diversas classes da

sociedade romana. Logo, parece-nos claro que, não importando que transformação tinha sofrido a língua latina, em momento algum criou-se uma nova língua. Além do mais, com a queda do Império Romano, coube ao *Sermo Vulgaris* a primazia de se impor como língua.

O latim que se convencionou chamar cristão forma-se e estabiliza-se após o período revolucionário dos dois primeiros séculos d.C.; era, portanto o latim usado pelos cristãos também é uma variante da língua latina.

Com o decorrer de algumas gerações, sensíveis modificações lingüísticas se fizeram sentir entre os falantes cristãos e conseqüentemente houve uma série de renovações no vocabulário, na morfologia e na sintaxe.

Ao longo de nossas pesquisas, percebemos que alguns estudiosos reconhecem a existência de uma linguagem cristã ou mesmo uma língua à parte que os pregadores cristãos usavam como veículo para a propagação do fenômeno social e religioso, desencadeado pelo Sacrifício do Calvário, o Sacrifício de Jesus Cristo.

Sabe-se que inúmeras controvérsias têm surgido entre os mais renomados latinistas. Entretanto, pelo exposto acima e pelas constantes leituras feitas ao longo deste trabalho, optamos por seguir aqueles que julgam ser o latim dos cristãos uma nova modalidade dentro da língua latina.

Não é proposta deste trabalho fazer um estudo profundo da história ou da língua cristã, mas analisar no Sermão XII a cristianização da *fides* romana do *crer* ao *fazer* latino português.

## 5. O LATIM DO SÉCULO VI

Não é nosso intuito tecer comentários históricos e políticos sobre o Baixo Império, mas abordar a literatura latina do Século VI. Ressaltaremos os autores mais representativos dessa época e em particular aquele que é o motivo do nosso trabalho: São Cesário de Arles.

A efervescência causada pela queda do Império Romano e o afã latino de defender seus direitos pátrios não nos permitem avaliar com exatidão como os cristãos conseguiram emergir desse conturbado tempo. Além disso, as referências concretas do trabalho cristão surgem quando esses mesmos cristãos passam de perseguidos a conquistadores. Pode-se deduzir que houve um trabalho silencioso, firme, árduo nos meios cristãos, que conseguiu imobilizar a resistência cultural pagã ou o nacionalismo clássico e os costumes greco-romanos. Assim, parece-nos claro que o latim dos cristãos implantou nas classes menos favorecidas não cristãs as novas idéias que surgiam paralelamente.

Parece-nos evidente que só podemos estudar os resultados desse trabalho a partir da desintegração do Império Romano, pois o que havia nos séculos anteriores era um trabalho feito por alguns estudiosos nos conventos, e entre eles São Jerônimo que consegue traduzir a Bíblia diretamente do texto original. A *Vulgata* em sua maior parte é obra de São Jerônimo, Doutor da Igreja (cerca de 350-420). As traduções de São Jerônimo não encontraram imediatamente, no mundo latino, a acolhida merecida. A propagação devida,

em parte às dificuldades da época, foi curta mas de constante progresso, de sorte que dois séculos depois Santo Isidoro de Sevilha (639) pôde escrever que a *Vulgata* já estava em uso em todo o Ocidente.

O latim que se convencionou chamar de cristão forma-se e estabiliza-se após o período revolucionário dos dois primeiros séculos do idioma latino. Destacamos neste trabalho a expressão latina dos cristãos, mas registramos que, ao estudarmos a evolução do latim falado, ao lado da língua do povo, verificamos, por exemplo, a existência do latim forense, que se estagnou em formas estabelecidas pelas normas do Direito.

Certo tempo depois, da segunda metade do Século IV e até o século V, verificou-se uma atividade nova, muito viva, porém de caráter erudito. Estes dois séculos são caracterizados pela aproximação - latim cristão - latim corrente, e também pelo retorno às tradições da língua e da cultura.

A herança cristã dos primeiros séculos, com todos os seus elementos novos e suas convenções populares se manteve, mas as gerações precedentes, inspiradas por uma mentalidade revolucionária e pelo rigor cristão, tinham-se dispersado.

Torna-se difícil explicar essa evolução que operou um bom equilíbrio entre o espírito revolucionário e o tradicionalismo da cultura antiga. Isto, porém, parece-nos normal pelo fato de que, cada vez mais, intelectuais formados nas escolas clássicas se converteram ao cristianismo e induziram as comunidades cristãs à emancipação social e cultural. Tal fato revelou um sensível conservadorismo literário e linguístico. Henri Marrou diz em seu livro sobre história da educação na Antigüidade (1980) que, no fim da Antigüidade, os cristãos freqüentaram escolas de tradição pagã, onde se ministrava um ensino fundamentado na literatura clássica e se pregava um tradicionalismo rigoroso, baseado na cultura greco-romana. Entretanto o contacto contínuo de gerações cristãs com

a literatura pagã não conseguiu eliminar o falar cristão, criação autônoma dessas comunidades.

Assim, só podemos estudar os resultados desse trabalho a partir da queda do Império Romano, pois o que havia nos séculos anteriores era um trabalho feito pelos estudiosos nos conventos e, em especial, por São Jerônimo. Não havia nesta época nenhuma preocupação com a pureza da língua, já que os primeiros pregadores estavam mais interessados em converter o público menos letrado. Os primeiros tradutores da Bíblia preocuparam-se em escrever em uma linguagem simples em que misturavam o latim com helenismos e hebraísmos.

É nos séculos IV e V que o latim dos cristãos vai se aproximar do latim tradicional, embora ainda conservando alguns resquícios da linguagem popular dos primeiros séculos. Tal fato vem mostrar que, para os cristãos, o ensino profano era apenas a bagagem necessária do mundo. Esses ensinamentos deixaram seus traços nas castas cristãs nos fins do século IV e início do século V, porque esse humanismo cristão - feliz início de elementos especificamente cristãos - é a base da literatura cristã em seu apogeu. No século VI, o latim dos cristãos se aproximou novamente da normatividade do latim tradicional, embora conservando em seus textos toda a herança dos primeiros séculos.

Os séculos V e VI apresentam-nos um número expressivo de autores doutrinários. É nessa época, na Gália, entre os anos 415 e 435, que João Cassiano fundou dois mosteiros, um masculino e um feminino. Ele é considerado o fundador do semipelagianismo, que se difundiu nos conventos da Gália meridional, cujo centro se fixou no Mosteiro de Lérins, fundado por S. Honorato, Arcebispo de Arles. O ambiente de Lérins (como já foi mencionado) educou também um número apreciável de escritores cristãos, entre eles Santo

Agostinho e Fausto, Abade e Bispo de Riez em quem o semipelagianismo encontrou seu defensor.

Mais tarde uma nova situação se apresenta com aquele que foi o maior Bispo da Gália nos primeiros séculos de sua vida cristã: São Cesário, cujo Sermão XII é o tema de nosso trabalho.

Excluindo trabalhos esparsos, não dispomos de um estudo de conjunto sobre o latim de São Cesário. Partindo do exame dos seus sermões, alguns traços podem ser resumidos. Na morfologia, há oscilações na declinação dos nomes e na conjugação dos verbos; são freqüentes os diminutivos como *corpusculum* (12,4), *plebicula* (1,13); é também constante a fórmula *cum Dei adiutorio* (12,4). A sintaxe revela-se conservadora no emprego dos casos sem preposição; verbos transitivos aparecem como reflexivos; os comparativos sintéticos têm valor de superlativo; os particípios verbais são usados com muita freqüência; o emprego de orações subordinadas infinitivas coexiste com subordinadas introduzidas por *quod* ou *quia*.

A pesquisa para a elaboração deste trabalho ocupou-se ainda do campo da semântica e da etimologia, centralizada no estudo do substantivo *fides* no Sermão XII. Por não ser possível dedicar-se a outros aspectos da obra cesariana, a sintaxe, a semântica e a etimologia são os principais aspectos lingüísticos a serem tratados na análise do referido sermão.

## 6. O GALEGO-PORTUGUÊS

Ao estudar a evolução de uma língua, parece-nos haver dois caminhos a seguir: analisar a história e evolução da língua desde a sua origem até os dias de hoje, ou então comentar os problemas sócio-culturais de uma determinada época e da língua, evidenciando o que de importante merece ser observado na nossa pesquisa. Ou seja, um estudo diacrônico que privilegie a evolução da língua numa determinada época histórica.

Faremos, por isso, um breve histórico do galego-português, já que nossa pesquisa tem como proposta observar os sentidos do vocábulo *fides* na época clássica e no período cristão, bem como seus cognatos na língua portuguesa, já desvinculada do galego e formando uma língua distinta.

Até mais ou menos a metade do século XVIII, os estudiosos da linguagem procuraram estabelecer conceitos prescritivos ou normativos e lógicos, além de muito se preocuparem com a natureza da linguagem (se de origem divina ou não). Também Dionísio e Varrão preocuparam-se com a descrição dos elementos da linguagem.

Mais tarde, o movimento literário denominado Romantismo trouxe valiosa colaboração ao estudo comparativo das línguas européias, pois os autores, na ânsia de renovação, foram buscar nos manuscritos da Idade Média uma nova temática, verdadeiro manancial para seus estudos literários. Assim, pelo estudo histórico e comparado, obteve-se a certeza da língua primitiva, o indo-europeu, hoje mais importante dentre as famílias

lingüísticas estabelecidas pelos cientistas, dada a sua contribuição para o maior número de línguas antigas e modernas.

Vamos a um estudo do galego-português.

O galego-português foi a língua que predominou durante três séculos na Península Ibérica desde o século XII e tem sua origem nas conquistas romanas.

Alguns fatores importantes contribuíram para o surgimento de duas línguas: a romanização da Península Ibérica, as invasões dos bárbaros e dos árabes. Além disso, a situação político-social e lingüística constitui fonte de estudos indispensável para a compreensão do romance galego-português.

Quando a Ibéria foi invadida pelos Celtas, povos de origem indo-européia, houve a fusão dos dois povos, resultando os celtiberos. Nessa fusão, a língua que se impôs foi a dos celtas, alterando-se lentamente com a língua dos fenícios. Dois mil anos antes de Cristo, os fenícios já tinham fundado colônias nas costas da Espanha; também os gregos e os cartagineses já possuíam relações comerciais com os celtiberos antes de Cartago ter dominado a Península Ibérica.

Em 238 a.C., Cartago dominou a Península Ibérica. Mais tarde, em 200 a.C., após as guerras púnicas, Cartago, Roma e a Península Ibérica tornaram-se território romano. Foi no reinado de Augusto que a romanização foi quase completa, pela superioridade da cultura, pelo prestígio do poder e pelo parentesco da língua latina com a língua céltica, ambas de origem indo-européia. Embora a predominância da língua latina tenha sido quase completa e todos os povos da Península Ibérica tenham adotado o latim e o cristianismo, os bascos não adotaram o latim como língua.

No momento em que a Península Ibérica foi dividida em duas províncias na região nordeste, a Hispania Citerior, e na região sudeste a Hispania Ulterior, a expansão territorial

da Ibéria começa a desenhar não só a expansão territorial de um povo mas também o aparecimento de duas línguas distintas.

Antes das conquistas, o Rio Minho separava ao norte os nórios, artobros e tamáricos; e ao sul os galecos, todos da mesma raça e com dialetos afins, além da identidade étnica desses grupos, reconhecida pelos romanos. Toda a região noroeste acima do Douro uniu-se em uma só província a qual chamaram de *Gallaecia*, ou seja, (terra dos *Callaeci*), da raiz de *galli*, nome dado pelos invasores a todos os celtas à exceção da Ásia Menor, denominados gálatas.

Assim, podemos dizer que os povos pré-romanos da Galiza descendiam dos povos celtas. Embora os dialetos no norte e do sul do Rio Minho não tivessem diferenças, era latente a unidade do futuro romance galego-português. Mais tarde, a Galiza ficou pertencendo à Hispânia Anterior e à Lusitânia Ulterior. A *Gallaecia* estendia-se até o Douro, e ao sul deste mesmo rio começava a Lusitânia. Com a invasão dos Bárbaros, a *Gallaecia* e a Lusitânia foram ocupadas pelos sueros que se mantiveram por quase dois séculos. Foram várias as tentativas dos visigodos em reunificar a península a seu favor, mas em 570 reduziu-se à *Gallaecia* e aos bispados lusitanos de Viseu e Coimbre, tanto que em 585 todo esse território foi conquistado pelos Visigodos e incorporados a seus domínios. Nesta época se rompeu definitivamente a unidade romana, e quanto aos visigodos e aos suervos nada contribuíram com referência à língua.

Por outro lado, o latim escrito se mantinha como língua de cultura e o latim falado evoluía e se diversificava rapidamente. A partir do século VIII, uma série de invasões aceleraram a romanização do galego-português. Os árabes destruíram os visigodos que se renderam ao jugo mulçumano, mais tarde chamado de moçárabes, palavra que quer dizer “submetido aos árabes”.

Os rebeldes refugiaram-se nas montanhas das Astúrias e aos poucos conquistaram as terras tomadas pelos árabes e formaram os reinos cristãos de Leão, Navarra e Castela; assim, partindo do norte, a Reconquista Cristã expulsou os mouros para o sul, o que conseqüentemente influenciou a estrutura lingüística, embora de forma bastante fraca nas regiões setentrionais.

No sul, o domínio muçulmano, em virtude de trazer uma língua de estrutura bem diferente, propiciou o desenvolvimento de vários falares hispano-românicos. Logo na Península Ibérica no século IV existiram três grupos lingüísticos: o galego-português, no noroeste, o catalão e o castelhano. Mais tarde o idioma falado na Galiza seria o galego-português que durante três séculos foi o veículo da produção poética trovadoresca em toda a Península Ibérica.

Assim, a fé cristã envolveu Santiago de Compostela, na Galiza, a educação dos reis e mais o lendário túmulo do apóstolo Iago. O maior centro de devoção na Idade Média refletiu-se consideravelmente nos aspectos sociopolíticos e culturais da região. Foi nessa época que os falares da população moura e moçárabe aceleraram o processo de divergência entre os falares ao norte e ao sul do Minho. Após sofrer gradativamente uma significativa transformação pela heterogeneidade da nação portuguesa, foi no século XIV que uma feição distinta passou a caracterizar de forma mais definitiva a língua portuguesa. Observamos, desta forma, que o Galego-português sofreu uma evolução histórica até constituir as características de duas línguas distintas: o galego de um lado, e de outro a língua característica da nacionalidade portuguesa.

## **7. OS ESTUDOS ETIMOLÓGICOS DA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA À IDADE MÉDIA**

À medida que nos aprofundamos na pesquisa a respeito da origem dos estudos etimológicos, observamos instigante e complexa controvérsia a esse respeito nos autores da época clássica.

O helenista Pierre Chantraine (1981: 381) afirma que a etimologia tem sua origem na Hélade. Menciona que Aristóteles emprega o substantivo  $\tau\epsilon\lambda\epsilon\upsilon\sigma$  (“o elemento verdadeiro, autêntico de uma palavra, sua etimologia”); para o filósofo grego, a etimologia tem como objetivo encontrar o sentido verdadeiro da palavra.

Molinari (1993:13) argumenta que, na época clássica, o estudo da etimologia estava ligado ao da gramática e da retórica. Esse estudo tinha como finalidade identificar o sentido exato das palavras e revelar a sua origem. Os antigos mestres da Retórica ocupavam-se intensamente dos estudos etimológicos porque havia a crença de que, conhecendo-se o nome (*uerbum*) se poderia conhecer o objeto que ele designava (*res*). Entretanto nem sempre era fácil esclarecer a verdadeira origem das palavras – vários são os caminhos que se tem de percorrer para se desvelar, com precisão, o significado de um nome – e, em decorrência dessa impossibilidade, muitas vezes surgiam as “etimologias falsas e fantasiosas”.

Ernest Curtius apresenta (1979:531) uma farta exemplificação a partir de obras gregas, latinas e medievais no sentido de corroborar que a etimologia era vista como “forma de pensar”. No capítulo XVI, intitulado “Etimologia como forma de pensar”, Curtius elenca uma série de exemplos extraídos da *Odisséia*, de Homero, do fragmento em que é narrado o encontro de Ulisses com seu velho pai, depois de vinte anos de separação. Como o herói grego, ainda segundo Curtius, não quer se fazer reconhecer de imediato, lança mão de uma série de palavras que considera sugestivas para que, aos poucos, seu pai o reconheça. Ulisses diz, então, que procede do “Campo da Aflição” (Alybas); que se chama “Combate” (Eperitos) e que é filho de “Sofreu muito” (Apheidas Polypemonides). Curtius ainda destaca, analisando outra passagem de *Odisséia*, que Ulisses teria recebido o nome de seu avô Autólico e como esse se “irara” contra muitas pessoas, o herói também seria chamado de “Irado”, em referência ao avô (seu nome era Odysseús em grego).

Também na *Ilíada*, Curtius acredita ter encontrado provas de que a escolha das palavras, na época clássica, revelava o seu significado ou sua essência, citando uma série de exemplos de nomes “que falam”: Heitor (“Sustentador”, “Defensor”); Tersites (“Atrevido”); Toas (“Tempestuoso”); Harmonides (“Ensamblador”); Alcíone (rapariga cuja mãe sofrera o triste destino da ave alcíona).

Curtius ainda aponta exemplos em outros autores gregos e menciona que Píndaro não se furtou ao jogo da etimologia e empregou o nome Temístio por “soltador de velas”; Ésquilo extrai do nome da heroína Helena o seu papel na História; Platão, no *Cratilo*, aborda a questão da origem da linguagem. Com todos esses exemplos, Curtius quer mostrar a controvérsia presente na época clássica: os nomes dados às coisas são decorrentes da natureza ou essência dessas coisas, ou formam-se a partir de uma espécie de convenção cujo teor é arbitrado por alguém.

A Retórica antiga defendia a primeira possibilidade; julgava que, a partir do nome, era possível captar-se a essência, já que a natureza das coisas está contida no próprio nome. Curtius apresenta também exemplo de Aristóteles, quando esse fala das leis de Drácon, que não seriam leis de um homem, mas sim de um dragão.

Também os autores latinos são citados por Curtius. Cícero definiu a etimologia através do vocábulo *notatio*, dizendo *cum ex ui nominis argumentum elicitur* (“quando pela força do nome se evoca o conteúdo”). Quintiliano mostrou-se igualmente favorável à idéia de que o nome traduz a essência do ser ou coisa nomeada. Enquanto Cícero se refere à etimologia do nome próprio entre os “atributos” da pessoa, Quintiliano defendeu que só se poderia empregá-lo em caso de um título de honra como *Sapiens* (Sábio), *Magnus* (O Grande), *Pius* (Piedoso). Para ambos, a etimologia servia como um recurso dos argumentos retóricos, usava-se o nome de uma pessoa como ponto de partida para destacar suas virtudes, tanto em textos poéticos quanto em discursos laudatórios.

Curtius enumera, ainda, exemplos da interpretação de nomes na poesia latina, especialmente com Virgílio e Ovídio. É interessante destacarmos que considera ser Ovídio aquele que inicia a “etimologia inepta, tão apreciada na Idade Média” (palavras do autor), ou seja, uma etimologia que aceita múltiplas interpretações na ausência de uma certeza. Curtius apresenta como exemplo disso (1979:532):

A festa das *Agonalia* tira o seu nome do fato de que o sacerdote sacrificador, antes da matança do animal, pergunta: *Agone?* (devo executá-lo?); ou talvez do fato de os carneiros não virem voluntariamente, mas tangidos. De início, porém, a festa chamava-se simplesmente *Agnalia* (festa do carneiro), sendo que um *o* foi intercalado depois. Pensou-se na *agonia* do animal sacrificado, ou no grego *agon?* Temos, pois, cinco etimologias à escolha.

À primeira vista, pode-nos parecer frívolo e fantasioso o estudo da etimologia na época antiga, por não haver estudos aprofundados no campo da lingüística e em especial no da etimologia. Em função disso, tornou-se inviável afirmar com exatidão a origem de um nome naquela época. No campo da literatura, isso foi resolvido pelo emprego da etimologia como um ornamento literário. Daí o nosso interesse em pesquisar a etimologia enfocando-a como um recurso artístico, independentemente da base científica que ela possa apresentar. Assim, neste trabalho, a etimologia é utilizada como recurso literário-estilístico.

Como podemos ver pela farta exemplificação, os autores greco-latinos ocupavam-se, com afinco, dos estudos etimológicos. Os autores medievais perpetuaram esse interesse, com destaque para o trabalho de Santo Isidoro de Sevilha (562–636), cuja obra principal intitula-se *Etimologias ou Origens*.

Essa obra, reconhecida como de grande valor, compreendeu a compilação de todos os conhecimentos da Antigüidade clássica e cristã, tendo como suporte a etimologia. Santo Isidoro defendia a idéia de que o nome expressava a natureza do objeto denominado; acreditava que, através de levantamentos etimológicos, seria possível conhecer e compreender os objetos existentes. Para ele, conhecendo-se a origem das palavras, seria possível conhecermos todos os objetos e seres do universo (Molinari, 1993: 13).

Santo Isidoro de Sevilha reuniu o conhecimento de oito séculos e apresentou aos leitores a *origo* (origem) e a *uis* (força) das coisas. Tratou da etimologia como parte da gramática<sup>4</sup> (livro I, 29) e reconheceu que os nomes podem ter sido dados pelos antigos de

---

<sup>4</sup> “*Vis verbi vel nominis per interpretationem colligitur... nam dum videris unde ortum est nomen, citius vim eius intellegis*” (“A força da palavra ou do nome é deduzida pela interpretação... Pois, se vires de onde vem o nome, compreender-lhe-ás a força mais depressa” (CURTIUS, 1979:533).

forma arbitrária<sup>5</sup>. Santo Isidoro considerava que, exatamente por isso, não é possível obter-se a etimologia de todos os nomes. É relevante destacarmos as principais espécies de etimologias, descritas por ele: a) *ex causa* (o autor dá o exemplo do nome *rex*, que assim se chamaria àquele que reinava ou agia com retidão); b) *ex origine* (a palavra *homo* foi utilizada porque o homem provém da terra); c) *ex contrariis* (o exemplo dado é *lucus* – “escurecido pelas sombras, reluz pouco”). Para Santo Isidoro, poder-se-ia chegar, dentre outros recursos, à etimologia dos nomes analisando causa, origem e oposição. Sem dúvida, a sua contribuição foi e ainda continua sendo de grande importância para o campo da etimologia clássica.

Já vimos que os estudos etimológicos eram abordados junto à gramática e à retórica. Como a poesia fazia parte da retórica, a etimologia atuava e continuou atuando como espécie de “ornamento” poético. Curtius (1979:534) também nos oferece vários exemplos: Grã-Bretanha assim se chamaria devido a seus *bruti mores* (costumes brutos) (Poetae, III, 467 e 246).

Depois do período de Santo Isidoro, ainda conforme Ernest Curtius, há um momento em que a utilização da etimologia dos nomes próprios abandona os elogios – costume da Antigüidade pagã para fazer parte da poesia e hinos religiosos. Aparece utilizada também em comédias<sup>6</sup> e em versos, por vezes, considerados irrelevantes. Parece ser um momento em que o uso da etimologia havia abandonado objetivos mais “nobres”. Mas logo há uma revalorização desse uso, quando Dante Alighieri volta a empregar a etimologia como recurso literário. Consideramos relevantes dois exemplos dados por Curtius (1979:537):

---

<sup>5</sup> “... *Non omnia nomina a veteribus secundum naturam imposita sunt, sed quaedam et secundum placitum.*” (Nem todos os nomes foram dados pelos antigos conforme a Natureza; alguns o foram de maneira arbitrária” (CURTIUS, 1979:533).

<sup>6</sup> Comédia de Richard de Venosa, *Paulinus et Polla*.

Acerca do lugar de nascimento de S. Francisco, o poeta revela:

*Però chi d'esso loco fa parole  
Non dica Ascesi, chè direbbe corto,  
Ma Oriente, se proprio dir vuole.*

Ou seja, quem quiser interpretar a etimologia de Assisi, não tome como derivado de *ascendere* – isso seria muito pouco: trata-se do nascimento de um sol.

Dante deixa claro que acredita que os nomes revelam a essência das coisas nomeadas na frase “*nomina sunt consequentia rerum*” (“Os nomes são conseqüências das coisas”), citada no capítulo 13 da *Divina Comédia*. Depois de Alighieri, os autores humanistas, renascentistas e barrocos mantiveram, nos respectivos estilos poéticos, a utilização da etimologia dos nomes como um recurso literário e, conseqüentemente, valorizaram a herança recebida da Idade Média latina.

Por fim, julgamos importante destacar que os estudos etimológicos da época antiga, sem dúvida, constituíram o ponto inicial para a compreensão da origem das palavras. Mesmo incipientes, não podemos relegá-los a um segundo plano. Embora a etimologia fosse tratada, entre os autores clássicos, apenas como um ornamento literário, podemos asseverar que esse embrião abriu um novo caminho para os estudos no campo da etimologia, à luz da ciência filológica, no decorrer dos séculos até os dias atuais.

## **8. A RETÓRICA NA ANTIGÜIDADE**

O estudo da retórica nasceu entre os gregos, em virtude da necessidade do homem público expor seus ideais políticos, já que um sentido de democracia começava a dominar a “Pólis”.

Assim, um discurso oral bem organizado e principalmente convincente, era fundamental ao homem que falava. É na retórica que se encontram os fundamentos precípuos do domínio de expressão verbal. Para os gregos, a retórica baseava-se na arte de bem falar publicamente. Na antigüidade, a retórica era ainda a imagem não apenas do conhecimento prévio de todos os escritores, mas era também o conhecimento intelectual de qualquer reflexão sobre a linguagem. Para o homem grego, o discurso falado não se dissociava do discurso escrito, ou seja, quem falava bem fazia-o por ter um total conhecimento e domínio do discurso escrito. Segundo Jacques Gaillard

Falar em público é a vocação primeira da retórica. Ao contrário da dialética, que os antigos representavam pela imagem de um punho fechado, a retórica qual mão aberta diz respeito ao discurso na sua continuidade e propõe um exame metódico dos recursos de que dispomos para persuadir por meio de palavra. Que é dizer sucintamente, encontrar e ordenar as idéias, desenvolver os argumentos, deleitar com palavras adequadas, comover se for o objetivo, provar que se tem humor e até mesmo desconsertar sem, no entanto, ferir jamais o bom gosto. (1992:19).

Uma outra exigência para a formação retórica era o conhecimento de várias disciplinas como: o direito, a história, a geografia, a filosofia até mesmo a música. O homem grego julgava também que um vastíssimo conhecimento das disciplinas dava inspiração ao homem para suas idéias argumentativas em seu discurso. A retórica antiga era, pois, o cerne da cultura global.

Em meados do século II a.C., entre os romanos, influenciados pelas escolas gregas, surge um terceiro tipo de retórica diferente do discurso judiciário (pronunciados nos tribunais) e o deliberativo (numa assembléia).

Esses dois tipos de discurso das escolas gregas tinham como finalidade travar uma luta e conquistar uma vitória, o que influenciaria uma decisão favorável de um público institucional. O terceiro gênero de discurso, chamado em grego de epidíctico e em latim demonstrativo, tinha total liberdade no uso da palavra, sem outro objetivo além da admiração do público, livre do constrangimento de ter uma causa para advogar ou uma tomada de posição diante de uma assembléia. A retórica, já sem o compromisso com as normas anteriores grega, volta-se para o campo do imaginário e a expressão das idéias. A narração adquire, tal como a discussão, valor próprio. As palavras eram usadas apenas com o objetivo da admiração do público, quer na origem, durante uma cerimônia oficial, quer de maneira mais ampla nas diversas situações. Agora a retórica helenística faz surgir a escola de eloquência que compreende o estudo da literatura, ou seja, o domínio do gênero epidíctico ao qual acrescenta as narrações dramáticas e poéticas, influenciadas desde a época clássica, pela retórica e o seu ensino (idem, 1912:21).

Sem relegar os ensinamentos gregos, surge em Roma um movimento literário, a historiografia de uma literatura filosófica plena dos ornamentos de retórica. Assim, vários exercícios de retórica como as “suasoriæ” (discursos que visam provocar uma decisão, a

“etopéia” (discurso fictício de personagens históricos ou mitológicos) a “ecfrase” (descrição artística de uma obra de arte) influenciaram os gêneros literários. Gaillard afirma que

A retórica (...) quando se preocupa com a. correção e a. clareza da linguagem e levanta problemas do que é conveniente ou de bom gosto, deu “forma à criação literária em três campos que, para nós constituiriam em si mesmas disciplinas autônomas: “a estilística, a lingüística e a estética (idem, 1912:22).

Daí a sofística, movimento que no século II d.C. fez ressurgir o ensino e a prática da retórica grega, afirmar que a retórica constitui uma espécie de ciência global da linguagem – trata do estilo, da análise e da produção do belo em estruturas de linguagem.

Não podemos, por fim, deixar de destacar que, a partir da retórica antiga, os estudos na área da linguagem evoluíram, com a criação de várias formas de discursos – todas elaboradas a partir de modelos da retórica antiga.

Os sermões cesarianos não possuem as seis partes formadoras dos discursos clássicos. Duas de suas partes permanecem claramente destacadas: o exórdio e a peroração. Neles a narração, a argumentação e a exortação ordenam-se conforme as necessidades do tema proposto.

No Sermão XII, o exórdio ressalta a importância da fé com exemplos bíblicos, para provar sua definição de que a fé deve ser complementada com a realização das obras. Daí a utilização da etimologia *fides a fit*, associando a idéia de “crer em Deus” ao conceito de “fazer boas obras”, ou seja: *fides* provém de *fit*. Seu texto contém metáforas colhidas ao cotidiano de Arles e às passagens bíblicas.

As repetições frequentes assinalam com insistência os ensinamentos veiculados pelo sermão:

*sicut superius dixi* (12,2)  
*sicut iam dictum est* (12,4)  
*sicut iam saepius supra suggessimus* (12,6)

Além da etimologia de *fides*, citada quatro vezes, mencionamos abaixo os grupos de antíteses repetidos durante a pregação:

*praemium quod promittit Deus  
supplicium quod minatur (Deus)  
poena perpetua e aeterna praemia*

Na dramatização e na argumentação, desenvolvem-se interrogações, exclamações, apóstrofes e os diálogos fictícios.

A peroração contém a fórmula mais coerente em seus sermões: *Quod ipse praestare dignetur, qui cum Patre et Spiritu Sancto vivit et regnat in saecula saeculorum.*

No Sermão I, dirigido às autoridades episcopais sob sua jurisdição, São Cesário ensina que o bispo é o arauto (1,3), o semeador da palavra de Deus (1,10). Os temas de pregação devem ser acessíveis à compreensão de todos os fiéis. Assim, a eloquência profana (*eloquentia seacularis* 1,12) é posta de lado, por que muito poucos a entendem. Deve-se pregar, portanto, na linguagem do dia-a-dia, entendida por todos: *Non hic aut eloquentia aut grandis memoria quaeritur, ubi simplex et pedestrisernoome adminitio necessaria esse cognoscitur* (1,13). “Não se requer a eloquência e uma memória prodigiosa, aqui onde se reconhece que é necessária uma repreensão expressa numa linguagem sem ornamento”.

As técnicas da retórica clássica cedem lugar ao emprego da língua cotidiana, apoiada sempre nos exemplos da Bíblia e dos escritores cristãos.

## 9. O CONCEITO DE *FIDES* NA ÉPOCA CLÁSSICA

Durante a nossa pesquisa, observamos a necessidade de esclarecer o sentido do vocábulo *fides* na época clássica, termo que estudaremos no Sermão XII de São Cesário, bem como a eficácia do uso dessa palavra no discurso empregado junto aos seus fiéis de Arles.

Segundo Freyburger (1986:103), a *fides*, em seu sentido geral, como uma lei não escrita, criadora de obrigações mútuas, não tem obrigação de se fundamentar em um sujeito prévio.

Esse aspecto da noção de *fides* (lealdade) pode ser encontrado em três campos. Na condução da guerra, nas relações internacionais e nas relações fundamentais no interior da cidade. Ater-nos-emos apenas ao primeiro sentido visto não ser nosso propósito fazer um estudo exaustivo da etimologia de *fides*, mas pesquisar o sentido de *fides* na época clássica e o emprego do mesmo como a mais perfeita verdade dos princípios cristãos usado por São Cesário. Acreditamos haver uma diferença entre o sentido de *fides* na Antigüidade romana e *fides* empregada por São Cesário no século VI. Para o romano, *fides* apresenta o sentido de lealdade à palavra dada; ela cria obrigações mútuas entre cidadãos, pois exige o cumprimento da palavra empenhada.

### 9.1 A *Fides* na Condução da Guerra

O sentido de *fides* na maneira de se fazer a guerra até hoje não foi muito bem esclarecido pelos estudiosos da Cultura Clássica. Entretanto, podemos atestar esse emprego em algumas passagens bastante expressivas da literatura e indiretamente por vários empregos de *fraus*, seu antônimo.

Freyburger (1986:104) cita-nos dois exemplos nos quais o sentido de lealdade é bastante evidente. No primeiro, Tito Lívio, quando narra a traição de um professor da Escola de Falérios, nobremente recusado por Camilo<sup>7</sup>. É a palavra *fides* que designa a atitude romana, palavra empregada cinco vezes. Quando os faliscos<sup>8</sup> são informados da generosidade de seus inimigos, aqueles não param de celebrar a “lealdade” romana: *Fides Romana, iustitia imperatoris in foro et in curia celebrantur* (v.27.11) “a lealdade romana, a justiça do imperador são celebradas no fórum e na cúria”. Imediatamente eles enviaram uma delegação ao Senado Romano para oferecer rendição deles e explicar: *Euentu huius belli duo salutaria exempla prodita humano generi sunt: uos fidem in bello quam praesentem uictoriam maluistis; nos fide prouocati uictoriam ultro detulimus*. (Tito Lívio, v. 27.13) Com o acontecimento dessa guerra dois exemplos salutare foram revelados ao gênero humano: vós preferíeis a lealdade na guerra a uma vitória imediata. Nós estimulados por vossa lealdade vos trouxemos espontaneamente a vitória. Depois eles se declaram súditos romanos e proclamam: *Nec nos fidei nostrae, nec nos imperii uestri paenitebit* (55.14). “Nem nos arrependemos de nossa lealdade, nem vos arrependereis de vosso domínio.” Assim Camilo pôde voltar a Roma aureolado de prestígio: *iustitia fidesque hostibus uinctis* (28.1) “Vós vencestes os inimigos pela justiça e pela lealdade.”

---

<sup>7</sup> M. Furio Camilo, célebre ditador que salvou Roma dos gauleses.

<sup>8</sup> Povo da Etrúria.

Sabemos que a palavra *fides* para os romanos, na condução da guerra, tem como sentido lealdade, retidão, honra e fidelidade à palavra dada. Eis aí o sentido que designa a atitude do combatente na maneira de fazer a guerra.

Um outro exemplo bastante evidente do sentido da palavra *fides* encontra-se na carta guardada por Cláudio Quadrigário e reproduzida por Aulo Gélíio que os cônsules Caio Fabrício e Quinto Emilio enviaram a Pirro, acabando de receber de alguém de seu círculo a proposta de envenená-lo. Ali, eles afirmam primeiramente sua intenção de continuar a guerra sem fraqueza; depois eles esclareceram ao cônsul a traição da qual ele era o objeto e exemplificavam: *Sed communis exempli et fidei ergo uisum ut saluom uelimus, ut esset quem armis uincere possimus*, “Mas nos pareceu bom, para exemplo de todos e em razão das exigências da lealdade que o queiramos são e salvo, a fim de que haja alguém que possamos vencer pelas armas” (N.A.III, 8. 8). Esses exemplos mostram que a moral romana exigia do combatente que ele desse prova de lealdade.

Uma outra passagem da Retórica a Herênio indica que a exigência da “lealdade” podia ser também, no domínio privado, algo como uma espécie de humor em relação ao adversário pessoal. *Nam quem in amicitia perfidiosum cognoueris, eum quaere ... putes iinimicitias cum fide gerere posse?* (IV.25) “De fato, tu deves ter conhecido alguém pérfido na amizade .... por que tu imaginas poder nutrir as inimizades com lealdade?”

Parece-nos clara, nesses exemplos, a noção de *fides* como um dever de travar combate ou de levar uma luta francamente, à exclusão de toda manobra oculta. Não temos muitas provas de tal forma de guerra; é possível que a evolução das artes da guerra, ao longo do tempo, tenha enfraquecido a importância desse dever. Por outro lado, tal noção foi objeto de muita polêmica e, conseqüentemente, comentou-se mais o seu aspecto

negativo que o aspecto positivo. Certos empregos de *fraus* (astúcia, quebra da lealdade) confirmam esse sentido negativo.

Podemos encontrar, ainda, o uso de *fraus* com o sentido de astúcia militar e que normalmente se apresentará com um sentido depreciativo. Freyburger (1986:105) menciona que, na batalha de Canas, o combate começou na ala esquerda por uma púnica *fraus* (má-fé) que consistiu no envio de falsos desertores os quais, colocados na retaguarda, conseguiram massacrar todos os romanos.

*Iam et sinistro cornu romano, ubi sociorum equites aduersus numidas steterant, consertum proelium est primo et a punica coeptum fraude.* (Tito Lívio, LXXII 48). “Agora também na ala esquerda do exército romano onde a cavalaria dos aliados estava face a face aos Numidas, o combate foi primeiro travado e iniciado por má-fé dos cartagineses” Depois, em outra ocasião, os cartagineses tentam evitar esse tipo de manobra e tomam outras medidas: *Ne quid ab tergo fraudis esset.* (Tito Lívio, LXXIV 473). “Para que não houvesse má-fé na retaguarda”.

Em outro exemplo, durante a guerra contra Antíoco<sup>9</sup>, o general do rei Polyscénedes, Rodiano, expulso da Pátria, reduz uma grande parte da armada rodiana. Tal vitória faz o general pensar em uma púnica *fraus*, segundo a qual ele trocaria de campo de batalha, desde que pudesse retornar à sua Pátria. Tal atitude evidencia um exemplo da má conduta do general. Seriam todos esses casos de *fraus* e não de *fides*.

Já em outras situações, o emprego de *fides* é surpreendente. Quando Aníbal queimou todas as terras da Campânia, exceto as de Fábio Máximo, Tito Lívio afirma que age *de fraude ac dolo*. *Acesserant duae res ad augendam inuidiam dictatoris, una fraude ac dolo Hanibalis, quo, cum a perfugis ei monstratus ager dictatoris esset... ab uno eo*

---

<sup>9</sup> Rei da Síria cuja capital, Antioquia, era uma das mais povoadas, mais ricas e mais cultas do Oriente.

*ferrum ignemque et uim omnem hostilem abstineri iussit...* (T.L. XXII, 23.4) “Duas coisas somaram-se para aumentar a inveja do ditador: uma que surgiu de uma fraude e astúcia capciosa de Aníbal porque tendo sido a propriedade do ditador designada a ele por desertores determinou que ferro, fogo e qualquer agressão do inimigo fossem mantidos a distância, enquanto todo o campo em volta era reduzido a terra nua.”

Um outro exemplo exatamente igual à *fraus* expressa acima está na referência à astúcia dos cartagineses que amarram tochas inflamadas nos chifres dos bois, a fim de que pudessem se desvencilhar de um embaraço.

*Deinde (Romani), ut humana apparauit fraus, tum uero insidias rati esse, cum maiore tumultu conciliant se in fugam.* (XXII, 17.6). “O mesmo acontece com o simulado abandono do campo púnico antes do combate de Canas<sup>10</sup>.”

*Hanibal nequicquam detecta fraude in castra rediit.* “Detectada a fraude Aníbal voltou ao acampamento sem motivo”. (XXII, 43.1). Sem dúvida, essa forma de fazer a guerra não seria o ideal nos dias de hoje e seria, ainda, muito menos compatível com a mentalidade do romano da época antiga. Em outro exemplo, *Consules nimia cupiditate conserendi cum hoste manu in necopinantem fraudem lapsos esse* “Os cônsules com grande desejo de travar combate com o inimigo caíram numa imprevista armadilha” (T.L. XXII, 33:10); observa-se que a palavra *fraus* designa a simples emboscada preparada pelos cartagineses aos cônsules Marcelo e Crispino; há também aquele trecho em que os Samnitas prepararam uma emboscada e bloquearam os Romanos nas Forcas Caudinas, aproveitando-se de uma imprudência estratégica declarada do cônsul.

*Cum fraus hostilis apparuisset, praesidium etiam in summo saltu conspicitur.* “Como a fraude do inimigo estivesse evidente, a tropa também foi avistada na parte mais

---

<sup>10</sup> Aldeia da Apúlia, célebre pela vitória de Aníbal sobre os Romanos em 216 A.C.

alta do desfiladeiro” (Fast. II, 226-227, cf. 213-214). Sobre o erro estratégico, *non haec Furculas nec caudium nec saltus inuios esse, ubi errorem fraus superbe uicisset*. “Nem estes caminhos estreitos, nem as gargantas, nem os desfiladeiros eram intransponíveis, onde a fraude soberbamente vencesse o descuido”. Ovídio também declara o massacre de 306 Fábios, vítimas de insídias: *Simplex nobilitas, perfida caue. Fraude perit uirtus*. “Ó nobreza crédula, cuidado com os golpes traiçoeiros. A coragem sucumbe com a fraude” (Fast. II, 226-227, cf. 213-214).

Todos esses exemplos provam o sentido de *fides* na época. É importante lembrarmos que a moral tradicional romana rejeitava profundamente situações que não fossem condizentes com a verdade e a justiça, logo as emboscadas e traições não poderiam ser consideradas compatíveis com a mentalidade do combatente.

## 9.2 Os Fundamentos Religiosos

Pelo exposto acima, fica-nos claro que a moral tradicional dos romanos não concebe a utilização das traições como forma de fazer a guerra. Esse princípio tem raízes antigas, na moral e na religião romanas.

Na obra política de Péricles, observamos primeiro que a recusa do estrategema se encontra na moral do combatente grego. Sob a pena de Tucídides, encontramos exemplos que enfatizam a forma como os atenienses se preparam para a guerra. “Nossa confiança se baseia pouco sobre os preparativos e os estrategemas, mas antes sobre a valentia que buscamos em nós mesmos no momento de agir.” (II, 39.1).

Percebemos, no exemplo, que a moral do combatente grego recusa o uso de estratégias como forma de fazer a guerra. Com certeza, o ideal do combate franco estava

inserido no homem greco-romano, e talvez esse comportamento do combatente já fizesse parte da natureza humana.

Um outro sentido da *fides* romana ocorre em Tito Lívio (27, 13), quando os faliscos reconhecem a força da emulação da “lealdade” romana, na expressão *fide prouocati*, colocada em destaque por um quiasmo que responde a iniciativa de Camilo. Parece-nos evidente ser um aspecto da velha mentalidade do “dom e da troca”.

A *fides* de Camilo chama a atenção para a *fides* dos faliscos e, entre ambas, parece haver uma espécie de contrapartida natural e moralmente constrangedora que é a confiança de seus inimigos. A rendição desses inimigos seria a manifestação concreta e substancial do conceito de *fide prouocati*.

Assim, a *fides* na guerra tem seus fundamentos baseados em concepções propriamente religiosas: Tito Lívio deixa isso evidente em uma passagem em que conta que Aníbal massacrou o exército romano em Canas e os gauleses aniquilaram também as tropas do cônsul designado Lúcio Postúmio Albino na floresta Litana. Os bárbaros usaram uma estratégia original: eles cortaram as árvores ao longo da estrada e as fizeram desabar no momento em que passava o exército, fazendo com que os homens caíssem uns sobre os outros, estraçalhando assim todo o exército (XXXI, 24). Após Tito Lívio contar o acontecimento, em Roma, Semprônio afirma que, apesar de tudo, era necessário que se mantivessem todos os esforços contra Aníbal. *Gallicum bellum et omitti tuto et differri posse, ultionemque eam fraudis in deorum ac populi Romani potestate fore*. “Podia-se renunciar sem perigo à guerra contra os gauleses e adiá-la, os deuses e o povo romano teriam ocasião de vingar-se dessa perfídia” (XXXIII.4). Logo, parece-nos que a mentalidade romana considerava que praticar qualquer tipo de *fraus* seria provocar a cólera

dos deuses, mesmo que essa *fraus* parecesse pouco condenável. Fazer a guerra com a *fides*, para os romanos, era, de fato, um dever religioso.

Cícero, no *De legibus*, afirma:

In quo (sc bello) et suscipiendo et gerendo et deponendo ius ut plurimum ualere et fides (eorumque ut publici interpretes essent) lege sanximus. “Nós fixamos pela lei... que o direito e a lealdade são essenciais, tanto quanto se trata de empreender uma guerra quanto em fazê-la ou pôr um fim a ela”. Ex. II, 34.

Ele atribui, ao mesmo tempo, a interpretação desses deveres aos *feciais*, guardiães da *fides*.

O combatente romano, se desejasse fazer a guerra lealmente, isto é, sem praticar as estratégias aproveitando-se das astúcias e traições, sem dúvida, ele atrairia a confiança de seu inimigo e o encorajaria a render-se. E os deuses, tomados como testemunhas pelos *feciais*<sup>11</sup>, favoreceriam tal atitude. É importante, ainda, lembrarmos que esses deveres não aparecem mais na época histórica.

De todo esse estudo acerca do valor da palavra *fides* na cultura latina do período clássico, podemos comprovar que a noção de *fides* era forte componente cultural da *Urbs*. Muito provavelmente, o romano chegou aonde chegou por essa firmeza nas suas ações e convicções.

É importante lembrarmos que os romanos foram os conquistadores do mundo: Gália, Lusitânia e Grécia estiveram sob seu domínio por largo período de tempo. Entretanto, se Roma exerceu um predomínio total sobre os povos conquistados a ponto de impor suas leis, tradições e costumes, foi com a Grécia que absorveu toda a sabedoria, na arte e na cultura, embora a literatura latina tenha mantido uma individualidade original em suas obras.

---

<sup>11</sup> Grupo de vinte sacerdotes que se reuniam para declarar a guerra e sancionar tratados.

É sabido que, nos momentos em que se fizeram necessários desafios, quer nas artes quer nos combates foi a justeza do caráter romano – povo imbuído dos valores das gerações precedentes e inspirado por uma mentalidade de espírito revolucionário associada ao tradicionalismo da cultura antiga – que lhes conferiu o título de conquistador do mundo.

Então, o emprego da palavra *fides* revela que, no mundo antigo, a guerra era feita pelo ideal do combate.

Uma questão proposta por Freyburger<sup>12</sup>: a palavra *fides* é específica da religião?

Freyburger afirma que, segundo Meillet, na época clássica a palavra *fides* tinha um caráter religioso como podemos constatar na fórmula: *di uestram fidem!* e todas as exclamações análogas. Virgílio, na Eneida I. 292, fala da *cana fides* ao lado de *vesta*. Ex.: *Cana fides e vesta*. “A lealdade branca e Vesta”. A única palavra da família de *fido* que, com *fides*, tinha o vocalismo zero da raiz é o nome do deus Fídio. O autor acredita que a raiz de *credo* admite este mesmo caráter.

Em Cícero, Nat. Deor. I14: *Animaduertant quid de religione, pietate, sanctitate, caerimoniis, fides iureiurando quid de templis, delubris, sacrificiisque solemnibus... existimandum sit*. Mais do que as acepções derivadas de confiança, o valor religioso de *fides* provém, como tudo indica, do meio institucional, do enredo místico na qual a noção é integrada. Por isso, é necessário determinarmos estas influências, tendo em vista a diversidade das situações concretas. Pierre Grimal ressaltou duas grandes categorias do emprego: primeiro uma *fides* geral que rege, sem a referência precisa, as relações entre os homens e uma outra *fides* restrita, limitada aos termos de um tratado: *indutiæ* ou *fædus* (tréguas ou pactos).

---

<sup>12</sup> FREYBURGER, Gérard. (1986: 99).

Parece-nos que em uma análise mais detalhada, podemos distinguir uma terceira categoria de fides, em suma três pólos de referência: os costumes que são para *pietas* (piedade), por exemplo, portadores de uma indiscutível carga religiosa; uma promessa, mais ou menos solene; um juramento, enfim, uma obrigação que os deuses sancionem bem particularmente – sendo entendido que estes três domínios podem se superpor ou mais exatamente se reforçar.

Podemos perceber pelo exposto que há uma polêmica entre os estudiosos sobre o fato da palavra *fides* ser oriunda do vocabulário específico da religião. Notam-se, entretanto, maiores evidências de que teria sua origem no campo do patriotismo, da lealdade, do cumprimento da palavra do homem na vida em sociedade.

A nosso ver, essas controvérsias não esclarecem o porquê do vocábulo *fides* ser ou não específico da religião, já que os romanos pautaram sua vida no *Ius*, na *Religio* e na *Fides*.

Logo para esclarecer essa polêmica, torna-se necessário fazer um breve resumo da origem da crença em um só deus no mundo clássico, entender o significado do termo *fides* na Antiguidade e na época do aparecimento do Cristianismo.

As primeiras manifestações emotivas do homem resumiam-se sempre em medo e admiração pelos fenômenos da natureza. Na sua incapacidade mental para explicar tais fenômenos, começou a imaginar a natureza como uma série de elementos a ele superiores.

Desse processo imaginativo, surgiu a concepção das primeiras divindades, as quais estavam diretamente relacionadas com os fenômenos que presidiam à natureza e a si próprios. Deste modo, além da forma humana atribuída aos grandes deuses, evidenciou-se também o culto a alguns deles como bons espíritos, protetores das casas e de seus moradores. Na sua estrutura, a religião romana era contratual porque as relações entre os

deuses e os homens eram baseadas no interesse recíproco. Era também formal porque admitia a necessidade do mais escrupuloso cuidado com os gestos e palavras que compunham as cerimônias sob pena de ineficácia. Como sabemos, a religião romana era politeísta. É relevante ainda mencionarmos que, no início do cristianismo, pregou-se no ocidente em língua grega. A Koiné foi a base que serviu de intérprete ao pensamento cristão, em todo o mundo antigo. Logo, podemos concluir que a língua grega já constituía a primeira forma de expressão escrita do cristianismo em suas fontes mais puras.

Assinalemos também algumas informações da doutora Guida Nedda B. P. Horta, em um excelente artigo sobre Helenismo e Cristianismo (Calíope, v. 1988:87) corrobora essa idéia ao afirmar que “antes da revolução do verbo Divino qualquer tentativa nesse sentido esbarrava sempre nas limitações da capacidade intelectual dos especuladores e da sensibilidade emocional dos fiéis”.

Somente no século IV a.C., uma inteligência ordenadora que rege o mundo, aparece com Xenófanes e Heráclito. Mas foi Anaxágoras, no século V, que essa inteligência ordenadora se firmou e também dirigiu o mundo a partir de matéria pré-existente.

Partindo desse conceito e de outras doutrinas relacionadas com ele, Platão vai desenvolver no século IV a.C. a doutrina axial de sua religião filosófica, na qual uma inteligência Divina forma e ordena o mundo.

Afirma ainda a autora que essa inteligência já se encontraria simbolizada pelo “Demiurgo do Timeu”, diálogo platônico que influenciou sobremaneira o pensamento filosófico cristão primitivo dos escritores gregos. Entretanto o que Platão expôs alegoricamente no Timeu não é ainda a doutrina judaico-cristã da criação *ex nihilo*, embora tanto os judeus como os cristãos tivessem reconhecido muitas relações de suas crenças na filosofia platônica. Portanto, o que o artista platônico apresenta não é, contudo, o supremo

e muito menos o princípio divino, até mesmo porque esse artífice está limitado pelas imperfeições de uma irracionalidade eternamente existente nas coisas, e por um movimento provocado por algum princípio que, de maneira alguma, não seria de sua responsabilidade. A idéia de que o poder divino organiza tudo no sentido do melhor, segundo um propósito reto e sábio, é apenas uma parte essencial na crença em Deus, segundo o que os cristãos entendiam. Logo, esse princípio platônico deixa evidente que os propósitos divinos são impossíveis de se prever ou discernir.

Muitas outras informações e reinterpretações poderiam servir de exemplos de como foi incessante o desejo do homem em buscar a sua essência e a do universo na Antiguidade. Entretanto a idéia de um Deus único, criador de todas as coisas, só foi possível quando o homem se converteu ao Cristianismo através da interpretação do Evangelho. Embora Plotino, no século III, tenha professado, pela primeira vez, no pensamento grego, a doutrina da fonte Transcendente do ser da qual todas as coisas extraem sua existência, essa doutrina confirma a idéia primeira do ser, mas não da ordenação do mundo. Não há dúvida de que para os cristãos, um deus planejador e legislador do universo já existia na filosofia grega, mas esse Deus nunca estará de acordo com o que diz o texto bíblico de que no princípio Deus criou o céu e a terra. Esse conceito filosófico do processo de transcendência do homem e do universo deixa claro que o homem só foi aceitá-la quando se converteu ao cristianismo.

O ponto fundamental a que nos propomos é justamente depreender, ao longo do exposto, que na Antigüidade não se chegou ao sentido do Deus único, criador do mundo, embora os pensadores cristãos estivessem de acordo com a idéia de um deus ordenador e legislador, inspirado pela filosofia grega. Esta não contempla a idéia de que o pai criou o mundo e depois se revelou no mundo pelo filho, o *verbum* já é uma pessoa divina.

Por conseguinte, podemos concluir que a verdade de um Deus único criador de tudo só não foi confirmada pela confusão emanada de idéias filosóficas, pagãs, muitas vezes mal compreendidas e pouco esclarecidas pelos cristãos.

Assim, a controvérsia a respeito do vocábulo *fides*, ser ou não específico do vocabulário cristão, fica esclarecida se pensarmos a acepção de *fides* como fé em um Deus que tudo rege e governa.

Vemos que a fé é a crença fundamental do princípio cristão.

Como pudemos observar no capítulo anterior, na sua aplicação geral, *fides* aparece como uma regra de conduta, muitas vezes pouco precisa, mas nunca como um termo específico do vocabulário religioso. *Fides* apóia-se, segundo os sábios, ao mesmo tempo sobre o sagrado e sobre o profano, porém é efetivamente santa. A lealdade é um dever religioso e o crédito um dom dos deuses.

Até o Cristianismo despontar, o mundo pagão greco-romano vivia um esvaziamento religioso, frente à perda de ritos, crenças e filosofias até então de reconhecido valor.

O Evangelho representou, naquele momento, a remissão dos pequenos pelo amor divino, algo totalmente novo, original e talvez, por isso mesmo, tão convincente e poderoso em termos de conversão por propiciar a crença em um Deus único para todo o universo. Daí o surgimento do sentido da crença como fé religiosa em um Deus único, criador do homem e do universo. E é com esse sentido que podemos entender o vocábulo *fides* como específico da religião cristã. Se não foi possível na época antiga acreditar na transcendência de um Deus, deveu-se isso, com certeza, às dificuldades dos filósofos em comprovar um ser superior a eles, que tudo podia e era senhor do mundo. Já os cristãos, baseados nos ensinamentos religiosos, aceitaram incondicionalmente a crença em Deus,

sem procurar origem ou explicações. Eis aí, a nosso ver, o sentido religioso do vocábulo *fides*, sentido inerente ao espírito do homem, um sentido subjetivo que não pode ser explicado mas aceito pela graça de Deus.

Outro ponto a destacarmos, dentro da análise dos fundamentos religiosos, é a correlação de *credo* e *fides*.

O verbo latino *credo* e o substantivo *fides* que, na sua origem, são termos religiosos, receberam, desde o latim arcaico, empregos na maioria das vezes profanos, em virtude do desaparecimento da velha cultura indo-européia na Itália e pela dominação cada vez maior tomada pela cultura material do mundo mediterrâneo.

Vamos, assim, procurar avaliar integralmente a parte do elemento religioso presente nos conceitos de confiança e de crédito de um lado e de outro presente naqueles que derivam de ambos.

**A – Valor profano** da confiança, na época histórica, seja ela dada ou obtida.

Na literatura republicana e augustiniana, o sentido religioso de confiança e de crédito que havia, não chegou até hoje ao nosso conhecimento. Na época, o termo não exprimia confiança nos deuses, mas nos homens ou, então, a crença em alguma coisa. Meillet afirma que, em textos mais antigos, *\_credo* com sentido de correspondente a *fides* sempre aparecia em sentido profano.

O autor ainda dá outro exemplo.

Chrémis disse a Demiphon, em Terêncio, Phorm 810 *itam paruum mihi fidem esse apud te*. Observamos que este responde sem nenhuma nuance religiosa: *Vis me hoc credere? “Custa-me acreditar nisso”*. Quando Dido afirma a propósito de Enéias, em Virgílio, *Credo equidem, nec uana fides, genus esse deorum* (En. IV, 12). “Creio na

verdade, nem a minha confiança é vã, que a sua descendência é divina”. Observamos que *fides* nos exemplos acima, não exprime qualquer fé religiosa, mas, ao contrário, toda sua convicção humana de que o herói troiano é de raça divina.

Nem mesmo o vocábulo *credo* contém em si mesmo uma essência mais religiosa. Temos observado, muitas vezes, que esse vocábulo constituiu um trunfo social totalmente profano, com os mesmos direitos que a riqueza. Certamente ele não pode, sendo também um componente importante da “honra”, estar dissociado da moral.

Mesmo na fórmula asseguradamente antiga do sacerdote fecial em relação à de uma nação inimiga: *iusteque pieque legatus venio, uerbisque meis fides set*. “Eu venho como embaixador delegado de uma maneira justa e piedosa”; e que minhas palavras obtenham crédito (Tito Lívio I,32,6). Nada, nestes exemplos permite considerar *fides* como um termo que tenha exclusivamente a ver com o domínio religioso, já que a confiança pedida aparecia após uma invocação a Júpiter.

#### **B – A confiança em sua origem é uma fé religiosa?**

A proposição de A. Meillet, para épocas anteriores a nossos textos, encontra um apoio não negligenciável nos empregos do verbo *sânscrito srad-dha* correspondente exato de *credo*, exemplo interessante para se entender o sentido de *fides*, se admitirmos a hipótese da influência de um antigo *crede-s*.

Pelo contrário, J. Bayet não hesita ao afirmar que o sentido antigo de *fides* é a fé religiosa. Já G. Dumézil é mais prudente. Ele comprova que, ao paralelismo *srad-dha-credo*, corresponde um paralelismo interessante nas mentalidades védica e latina. Ele afirma que o sentido verdadeiro dessa fé religiosa não é, contudo, a palavra *fides* que a exprime, nem mesmo o verbo *credo*. É depois do aparecimento do Cristianismo que podemos verificar como os valores de *credo* e *fides* nos são familiares, mediante a

influência dos originais hebraicos e gregos e que concordam de maneira tão impressionante com os de *srad-dha* e de seu substantivo.

E Benveniste vai mais longe. Ele nega toda origem religiosa de *fides*: a ligação antiga entre *credo* e *fides* reavivou-se com o cristianismo. Foi então que *fides*, termo profano, evoluiu para o sentido de fé religiosa.

Assim, A. Meillet afirma ser difícil esclarecer de uma maneira absoluta o caráter religioso do vocábulo *fides*.

Podemos assinalar, ainda, o caráter aleatório da hipótese *credes*. É bem possível que a confiança dada ou obtida tenha sido percebida em épocas mais antigas como um fenômeno sobrenatural. Magdalain ressaltou os vínculos íntimos que parecem ter existido entre a confiança e a exatidão de um rito, entre fé jurada e o ato da fé.

Nos nossos dias ainda admitimos e obtemos a confiança sempre por razões misteriosas, que outrora podiam ser atribuídas à ação dos deuses. Entretanto veremos casos em que o crédito, sem nenhuma dúvida, se achava sob a proteção divina.

Mas o que sempre é protegido é a confiança profana, aquela de que desfrutamos junto aos homens. Não podemos, então, considerar *fides*, cujo sentido – provavelmente o original - de “confiança” foi profano na época histórica, como um termo que, no início, teria designado especificamente a fé religiosa.

**C** – A marca religiosa de *fides* pelos costumes, uma promessa, um juramento.

O valor religioso é nítido para a acepção de promessa e, sobretudo, para o de boa fé – “lealdade”. Este valor pode ser ressaltado pelo adjetivo *sanctus* explicitado pelo substantivo *religio* ou imposto pelo contexto.

Para as acepções derivadas de confiança o valor religioso de *fides* provém, como tudo indica, do meio institucional, do enredo místico no qual a noção é integrada. Por isso,

é necessário determinar estas influências, tendo em vista a diversidade das situações concretas. Pierre Grimal ressaltou duas grandes categorias do emprego: primeiro uma *fides* geral que rege, as relações entre os homens sem a referência precisa, e uma outra *fides* restrita, limitada aos termos de um tratado: *indutiæ ou fædus* (tréguas ou pactos).

Parece-nos, assim, que uma análise mais detalhada, permite distinguirmos uma terceira categoria, em suma, três pólos de referências: os costumes ligados a *pietas*, por exemplo, portadores de uma indiscutível carga religiosa; uma promessa, mais ou menos solene; um juramento, enfim, obrigação que os deuses sancionem bem particularmente – sendo entendido que estes três domínios podem se superpor ou mais exatamente se reforçar.

Pelo exposto, podemos perceber que há uma controvérsia entre os estudiosos sobre o fato da palavra *fides* ser oriunda do vocabulário específico da religião. Notam-se, entretanto, maiores evidências de que teria sua origem no campo do patriotismo, da lealdade, do cumprimento da palavra do homem na vida em sociedade.

## 10. TRADUÇÃO DO SERMÃO XII DE SÃO CESÁRIO DE ARLES<sup>13</sup>

Explicação da fé e interpretação de seu nome.

1. Em todas as leituras sagradas, caríssimos irmãos, com muitos elogios é louvada a fé, a qual não só as divinas escrituras, mas também todo o gênero humano não cessam de louvar. E oxalá como ela é louvada pela língua, assim também fosse louvada pela vida; como é proclamada pela boca, assim também fosse guardada pelo coração; e como é anunciada pelos lábios, assim fosse cumprida pelas obras. Com efeito, é tão grande a força da fé, que também ousam louvá-la aqueles que fingem guardá-la. E verdadeiramente é louvada com merecimento a fé, sem a qual nenhuma boa obra nunca é começada ou concluída, segundo o que está escrito: “Sem a fé é impossível que alguém agrade a Deus”. Com efeito, sobre ela na pessoa de Cristo e da igreja é dito: “Vem minha amiga desde o início da fé”. Também o bem-aventurado apóstolo Paulo naquele catálogo, onde louvou todos os antigos santos, valorizou-a através de cada um deles dizendo: “Pela fé Abel, Enoque, Noé, Abraão agradaram a Deus” etc. Sobre ela também o próprio Senhor disse no evangelho: “A tua fé te salvou”; e ainda: “Se crês, todas as coisas são possíveis para aquele que crê”; e mais ainda: “Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: desenraiza-te e transplanta-te, e isto será feito para vós”.

---

<sup>13</sup> A divisão sêxtupla do Sermão XII é aqui mantida.

Portanto, ainda que o bem da fé seja apregoado com tantos louvores, todavia o sentido de seu nome é ignorado por muitos. Com efeito, a fé (*fides*) recebeu o nome a partir de “*fit*” (é feito), isto é, a partir daquilo que é feito: porque nela própria está contida a solidez não só de todas as coisas divinas, mas também de todas as coisas humanas. Daí ainda que alguém diga, não importa com que palavras e com muitos juramentos, que tem fé, se ele não quiser cumprir com atos aquilo que ele diz que crê com palavras, não existe fé porque como eu disse fé (*fides*) recebeu o nome de *fit* (é feito).

2. Vejamos o que deve fazer aquele que quer conservar a fé intacta: que ele sem dúvida acredite de todo o coração que é verdade aquilo em que o fundamento da religião cristã está contido com muita firmeza – não só o que Deus promete, mas também profere como ameaça. Com efeito, então poderá compreender não só o nome da fé, mas também poderá reconhecer mais plenamente o seu poder, se ele colocar estas duas coisas diante dos olhos, isto é, a recompensa da vida eterna e o suplício do castigo perpétuo. E porque de nada adianta acreditar numa e duvidar do outro, que cada um interroge com grande cuidado o seu coração, (para ver) se crê fielmente num e noutra: e se ele reconhecer que tem uma fé verdadeira nestas duas coisas, sustentando com toda a firmeza do coração que não só os justos receberão a glória depois das boas obras, mas também os injustos sofrerão castigo eterno depois das más obras, quando ele acreditar nelas fielmente (com fé), se ele se esforçar com todo o seu espírito para fazer boas obras, pelas quais possa chegar à recompensa, e não praticar o mal para que possa escapar do castigo, que ele se alegre em guardar uma fé verdadeira e não só dê graças a Deus (agradeça a Deus) mas também se esforce com sua própria ajuda em perseverar em sua própria obra. Portanto, irmãos, se desejais prestar atenção a estas coisas, cuidadosamente, podereis reconhecer mais plenamente o nome da fé e o seu valor.

E porque *fides* (fé) recebeu o nome de *fi*” (é feito), como eu disse mais acima, se tu disseres mil vezes que tens fé e não quiseres cumprir com obras o que prometes com palavras, verdadeiramente não existe fé. E se tu afirmares que crês na recompensa que Deus promete e no suplício que ele revela como ameaça e todavia, como já foi dito muitas vezes, não quiseres agir para que possas escapar do castigo perpétuo e chegar às recompensas eternas, certamente não existe fé em ti; e não só de nada te vale que te declares fiel com palavras, mas também (isto) te prejudicará muito: porque é melhor a alguém não prometer, do que não querer cumprir o que prometeu. Com efeito só o nome da fé não poderá libertar-te: e ainda mais, como já foi dito, por isso serás réu duplamente, porque não quiseste cumprir o que prometeste com palavras; e o Espírito Santo clama a ti através de Tiago: “A fé sem obras é morta”.

3. E embora o homem deva cumprir com obras, se puder, tudo aquilo que prometeu, todavia devemos especialmente respeitar aquela primeira e célebre promessa que fazemos a Deus naquele instante em que renascemos no batismo, com a ajuda dele próprio (de Deus). Com efeito somos interrogados no batismo se renunciamos ao diabo, a suas pompas e a suas obras; e respondemos com a voz livre que renunciaremos. Visto que as crianças de modo nenhum podem declará-lo por si, seus pais apresentam-se em lugar delas, como seus fiadores. Se portanto observamos fielmente o que é principal e no qual consiste o fundamento da religião cristã, é certo que com seu próprio auxílio (de Deus) poderemos cumprir as (promessas) restantes.

Mas se negligenciarmos ao cumprir o que prometemos a Deus, não sei se poderíamos guardar aquela fidelidade que é tratada entre os homens. Se, com efeito prometemos algo perigosamente a qualquer homem que tem poder, se deixamos de cumpri-lo quanto mais perigoso é prometer a Deus, e não cumprir? Mas então tememos

um homem, porque receamos ou a morte ou um dano do corpo; então fingimos cumprir o que prometemos a Deus, porque de todos os modos não tememos a morte da alma. E onde está aquela passagem evangélica: “Não temais aqueles que matam o corpo; mas antes temei aquele que, após ter matado, tem o poder de enviá-lo a geena?” Portanto faça-se primeiro o que é prometido a Deus, para que seja cumprido o que tiver sido prometido aos homens.

Que cada um examine sua consciência: e se verificar que cumpriu o que prometeu, se reconhece que renunciou ao diabo e a suas pompas não só com palavras mas também com obras, alegre-se de que conservou sua fé intacta. Assim todavia esteja seguro sobre o passado, para que esteja cauteloso sobre o futuro: porque “será salvo aquele que tiver perseverado até o fim”, mas não aquele que começou. Mas que ninguém por acaso creia que a fé só possa ser destruída pelos pecados capitais: que importa se alguém mata golpeando com uma espada maior ou menor? Quem diz isto, previna-se de que a fé pode correr perigo devido a um discurso ocioso, do qual o Senhor disse que se deverá prestar conta no dia do julgamento final; e também (disse): “Quem disser ao seu irmão louco ou tolo, será réu do fogo da geena”.

4. Portanto medite cada um, como já foi dito, no que prometeu no sacramento do batismo; e porque fez um pacto com Deus, veja se não o violou de nenhuma maneira. Com efeito quando foi interrogado: Renunciais ao diabo, a suas pompas e a suas obras? Então o sacerdote entregou-lhe o pacto para assinar; quando, porém, respondeu: Renuncio, então assinou. Então se, como já foi dito acima, não cumprimos o que prometemos a Deus, não sei se poderemos guardar lealdade aos homens.

Com efeito prometemos que renunciaríamos ao diabo, a suas pompas e a suas obras. Quase ninguém ignora, porém, quais são as pompas do diabo: todavia é necessário

dizer-vos algumas palavras sobre o assunto. Todos os espetáculos violentos, sangrentos ou vergonhosos são as pombas do diabo. Entregar-se à gula ou à embriaguez, submeter a alma infeliz à libidinagem ou à luxúria, é certo que pertence à pompa do diabo; porque em tais atos sua vontade é cumprida. Mas sobre os adultérios ou homicídios, roubos ou falsos testemunhos, por que é necessário que se diga que pertencem à pompa ou às obras do diabo, quando nenhum homem pode ignorá-lo? Com efeito observar os augúrios, consultar curandeiros e recorrer a magos, a oráculos e a adivinhos, não há dúvida de que tudo isto pertence à pompa ou às obras do diabo.

E portanto, visto que podem ser encontrados poucos que se alegrem de estar livres de todas essas crendices, cada um, como eu já disse, recorra à sua consciência: e enquanto a sua alma ainda está contida nesse corpo frágil, que ele se apresse em redimir ou corrigir, pela penitência, pela esmola e principalmente pelo perdão de seus inimigos, tudo aquilo que ele reconhece que existiu ou existe nele dentre os supracitados males; e assim com a ajuda de Deus que ele se empenhe em curar as feridas passadas, de modo que depois ele nunca ouse admitir que daí novamente possa ferir-se.

5. E não se engane inutilmente dizendo: Creio pela misericórdia de Deus, que nunca perecerão a fé ou o batismo que recebi. Bem crês, se fizeste o que prometeste: se guardaste o pacto que assumiste com o Senhor, fica tranqüilo, porque não perecerão nem tua fé nem teu batismo. Mas se deixaste de cumprir com atos o que prometeste com palavras, com que rosto ou com que consciência sabes que não perecerá o teu batismo, pois não respeitaste o teu pacto? Ouve o Senhor que diz: “Que adianta que me digais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?” E novamente: “Quem tem os meus mandamentos e os segue, ele próprio é quem me ama”; e mais uma vez: “Nem todos os que me dizem Senhor,

Senhor, entrarão no reino dos céus; mas aqueles que fazem a vontade do meu Pai, que está no céu”.

Prestai atenção com cuidado, porque segundo as supracitadas frases nada adianta ao homem que ele diga que tem fé, se deixa de cumprir com obras o que promete com palavras, segundo aquele trecho da escritura: “Se fizeste um voto a Deus, não demores a cumpri-lo; com efeito desagradá-lhe a promessa infiel e tola. Muito melhor é não fazer o voto, do que após o voto não cumprir a promessa”. E para que também possamos entender claramente estas coisas com relação a nós ou a nossos criados, diga-me alguém se lhe basta que seu escravo o dia inteiro diga que ele é seu senhor e não deixe de elogiá-lo com muitos louvores, e todavia negligencie ao cumprir as tarefas que ele ordenou. Se portanto as palavras sem as obras não nos agradam, quanto mais junto a Deus a fé sem as obras não poderá ser útil?

Antes de tudo deve-se temer que alguém creia que receberá a misericórdia de Deus, de tal modo que não receie sua justiça; se ele tem esse procedimento, não existe fé. E novamente se ele receia sua justiça de tal modo que se desespera da sua misericórdia, não existe fé. E visto que Deus não só é misericordioso, mas também é justo, creiamos nas duas coisas: não nos desesperemos de sua misericórdia temendo sua justiça, nem amemos sua misericórdia de tal modo que negligenciemos sua justiça. Portanto nem se deve esperar mal nem se desesperar mal. Espera mal aquele que julga que merece a misericórdia sem a penitência e as boas obras; e desespera-se mal se após as boas obras não crê que receberá a misericórdia. Daí antes de tudo deve-se refletir e temer que creiamos que a fé pode bastar para nós sem as boas obras; mas tenhamos aquelas palavras do apóstolo Tiago: “Assim como o corpo sem a alma está morto, da mesma forma a fé sem as obras está morta”; e estas: “Tu crês, diz ele, que Deus é um, tu fazes bem; os demônios também crêem e

tremem”. Vede, irmãos, que o Apóstolo disse que aquele que crê e não faz (obras), tem a crença dos demônios. Com efeito se aquele que crê e não faz é considerado semelhante aos demônios, cabe a vós julgar que esperança tem aquele que não crê. Visto que os demônios crêem que Deus existe, e não fazem o que Deus ordena; fica provado que esse não crê nele, porque não quer cumprir com obras aquilo que ele parece prometer com palavras.

6. E para que possais compreender mais plenamente as obras da fé e sua força, quero informar brevemente a vossa caridade. Com efeito toda a força da fé parece consistir em duas coisas: uma, que, como já foi dito, creiamos com toda a certeza que é verdade o que Deus promete; a outra, que seja estabelecido entre nós que não é falso o que Deus profere como ameaça. Se com efeito crês de todo o coração e de todo o ânimo que após as boas obras tu receberás a recompensa que é prometida: da mesma forma sem nenhuma hesitação crês que suportarás um suplício sem fim se fizeres obras más, reconhece que tu conservas a fé intacta; com esta condição, todavia, que cumpras com atos o que crês de coração, e sem nenhuma demora te afastes do mal e faças o bem. No que te afastas do mal, crês que há um suplício; no que fazes o bem, crês que chegarás à recompensa.

Fica sabendo todavia que de nada te vale, se quiseres crer numa coisa e duvidar da outra. Com efeito é útil àquele que logo faz o bem que se afaste do mal; e é útil àquele que se afasta inteiramente do mal que faça o bem. Portanto eu disse isto, porque são muitos os que são vistos a dar esmola de seus roubos e de suas fraudes e todavia não querem afastar-se dos próprios males. Com efeito, caríssimos irmãos, é útil a vós, então, como eu já disse, que não façais o mal, se tiverdes cumprido aquilo que sabeis que agrada a Deus. E então podereis crer fielmente que vos será concedida a recompensa pelas vossas boas obras, quando com a ajuda de Deus começardes a vos abster inteiramente das más ações.

Com efeito se quiserdes fazer ao mesmo tempo não só as boas mas também as más obras de que vale de uma parte construir, de outra parte destruir; e despojar um, mas vestir outro? A essas pessoas o Senhor clama no Evangelho: “Ou plantai uma árvore boa, e (tereis) seus frutos bons; ou plantai uma árvore má, e (tereis) seus frutos maus”; e Salomão: “Assim como o cão é odioso, quando volta a seu vômito, assim também o pecador, quando retorna a seu pecado”; e o profeta: “Ai do pecador que entre numa terra por dois caminhos”; e isto: “Ninguém pode servir a dois senhores”.

Portanto, assim como já esclarecemos acima muitas vezes, visto que a fé (*fides*) recebeu o nome de *fit*, isto é, daquilo que é feito, diz com confiança que crê aquele que quiser cumprir com obras aquilo que ele disse que crê; e assim como já foi dito, esta mesma é toda a força da fé, que creiamos que há duas coisas não só o que Deus promete mas também o que ele profere como ameaça. E se quisermos que permaneça em nós uma fé perfeita, não só não façamos obras más temendo o suplício, mas também lutemos com todas as nossas forças para fazer aquelas que são boas, desejando a recompensa, para que não sejamos obrigados a suportar o suplício eterno com os incrédulos e os impiedosos, mas mereçamos chegar à recompensa perpétua com os fiéis e com os que perseveram nas boas obras. Que se digne em concedê-lo ele próprio, que vive e reina com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

## 11. A CRISTIANIZAÇÃO DE *FIDES* NO SERMÃO XII DE SÃO CESÁRIO DE ARLES

Antes de iniciar nossa pesquisa mais específica sobre a origem de *fides* é importante ressaltarmos que durante a tradução do Sermão XII, observamos que São Cesário, embora divida o texto em partes, mantém uma clara unidade no que concerne ao assunto desenvolvido ao longo de sua prédica, unidade essa digna de um processo de análise detalhado.

Assim dividiremos o texto sobre o estudo em seis partes e pesquisaremos os vários sentidos do vocábulo *fides* como fundamento básico ao entendimento da mensagem cuja temática se baseia na frase *fides a fit nomen accepit*.

**1ª parte:** São Cesário de Arles começa seu sermão chamando a atenção de seus fiéis para como o louvor à *fides* está bastante presente nos textos sagrados, e como toda a espécie do gênero humano que louva a *fides* sem cessar, sem ter consciência do sentido verdadeiro desta palavra. *In omnis divinis lectionibus, fratres carissimi, fides multis præconiis conlaudatur, quam non solum divinæ scripturæ, sed etiam totum genus humanum laudare non cessat.* “Em todas as leituras sagradas, caríssimos irmãos, com muitos elogios é louvada a fé, a qual não só as divinas escrituras, mas também todo o

gênero humano não cessam de louvar”<sup>14</sup>. Parece-nos que São Cesário já aponta uma prática dos fiéis quase que mecânica neste ato de louvor.

E ainda no período: *atque utinam quomodo laudatur lingua sic laudaretur et vita: quomodo prædicatur ex ore, sic teneretur ex corde; et quomodo labiis promittitur, sic operibus impletur*, “E oxalá como ela é louvada pela língua, assim também fosse louvada pela vida; como é proclamada pela boca, assim também fosse guardada pelo coração; e como é anunciada pelos lábios, assim fosse cumprida pelas obras”. O nosso bispo, em uma excelente sinédoque, opõe palavras de sentido conotativo a palavras de sentido denotativo. Quando emprega as palavras inerentes ao domínio da fala (*lingua, os e labii*), faz oposição às palavras *uita, cor* e *opus*. São Cesário, ao usar os três primeiros substantivos de sentido concreto, refere-se às coisas terrenas e às ações do homem. Ao usar as outras três de sentido abstrato, indica a transcendência para o plano espiritual.

São Cesário deixa claro a seus fiéis que o louvor à *fides* não pode ser feito apenas como um hábito praticado pelo homem, não pode estar restrito só ao campo terreno; ao contrário, deve transcender os limites do homem e colocar nosso corpo e espírito em consonância com o mundo transcendental. Senão, seria como se o homem louvasse a *fides* sem acreditar naquilo que diz.

É importante também comentarmos o significado da palavra *virtus* empregada por São Cesário. Segundo o Dicionário Saraiva<sup>15</sup>: “1. *virtus*, substantivo feminino, sentido etimológico: força própria do *vir*; 2. sentido próprio: coragem, energia, qualidade dos *viri*; 3. sentido moral: virtude (amor à prática do bem), mérito, o valor de alguma coisa ou de alguém”.

<sup>14</sup> Foram preservados os sinais de pontuação e a correlação dos tempos verbais usados pelo autor.

<sup>15</sup> Dicionário Saraiva dos Santos. **Novíssimo Dicionário**. 5ª ed. RJ : A. Garnier. s/d, p. 1282.

O significado de *fides* no sintagma nominal *virtus fidei* está reforçado pelo vocábulo *virtus*, se entendermos o sentido de *virtus* como prática do bem exercida pela crença suprema em Deus. Logo aqueles que ousam louvar a fé sem a devida crença de seu merecimento acabam por louvá-la em vão. Logo entendemos que este não é o sentido que São Cesário pretende que seus fiéis adotem; pelo contrário, ele diz que a força da fé é tão grande (*virtus fidei*) que alguns não devem louvá-la leviana e inconscientemente. Isso fica bem claro quando usa exemplos do texto sagrado como: *Sine fide impossibile est quemquam placere Deo*. “Sem fé é impossível que alguém agrade a Deus” (Hebreus 11.6).

Um outro recurso do nosso autor é a habilidade com que elabora seu texto, utilizando um discurso simples com continuidade gradativa do assunto que pretende desenvolver. Muitas vezes, São Cesário recorre a citações da Bíblia como observamos acima a fim de que sua mensagem seja entendida por seus ouvintes e principalmente para que ele tenha certeza e convicção de que sua mensagem tem seus fundamentos na palavra de Cristo.

Depois ele dá exemplos de personagens do Antigo Testamento evidenciando os atos de alguns que, por acreditar na força interior da *fides* conseguiram se salvar: *Ipsam etiam beatus apostolus Paulus in illo catalogo, ubi omnes antiquos sanctos conlaudavit, per singulos commendavit discens: Fide Abel, fide Enoch, fide Noe, fide Abraham placuerunt Deo*. “Também o bem-aventurado apóstolo Paulo naquele catálogo, onde louvou todos os antigos santos, valorizou-a através de cada um deles dizendo: ‘Pela fé Abel, Enoque, Noé, Abraão agradaram a Deus’” (Hebreus, 4.5). Ao usar o texto bíblico, além de enfatizar a importância da palavra *fides*, São Cesário faz uso de um discurso no qual passa apenas a ser o interlocutor da palavra de Deus e mostra que aquilo que Deus

profere tem de ser cumprido. Então, o discurso bíblico atua como respaldo maior da mensagem desenvolvida por ele, apresentando um argumento inquestionável.

O bispo profere um discurso reiterando a seus fiéis que todas as coisas na vida do homem, só são possíveis para aqueles que verdadeiramente crêem, que é preciso ter consciência e perfeita harmonia com os ensinamentos cristãos para louvar a fé e senti-la efetivamente! Conforme Marie-José Delage (1971:176) afirma :

Nós veremos, no estilo de Cesário, revelarem-se dois aspectos diferentes de sua personalidade: por um lado, a sensibilidade, o calor humano; por outro lado, a seriedade, a dignidade às quais se acrescenta o sentimento constante de ser o porta-voz do divino.

No final da primeira parte, São Cesário utiliza algumas passagens da Bíblia e termina o sermão lembrando a origem do sentido verdadeiro de *fides*: *Unde quibuslibet verbis etiamsi cum multis iuramentis dicat se aliquis fidem habere, si id quod si dicit credere uerbis implere noluerit factis, non est fides, quia, sicut dixi, fides a 'fit' nomen accepit.* “Daí ainda que alguém diga, não importa com que palavras e com muitos juramentos, que tem fé, se ele não quiser cumprir com atos aquilo que ele diz que crê com palavras, não existe fé, porque como eu disse fé (*fides*) recebeu o nome de *fit* (é feito)”. São Cesário deixa muito claro o sentido de *fides* já na primeira parte do Sermão, através da etimologia latina cristianizada, como fundamento da verdade cristã.

**2ª parte:** No segundo momento do texto, São Cesário vai enfatizar o que deve fazer aquele que quer conservar a fé intacta, e destaca as ações praticadas pelo homem que tanto podem levá-lo à recompensa da vida eterna quanto ao suplício do castigo perpétuo.

São Cesário procurava sempre transmitir, em seus sermões, uma linguagem clara, mas também a mais sugestiva, que chegasse de modo fácil ao entendimento dos seus

leitores ou dos seus ouvintes. Então, ele revela a intenção de convencer por provas irrefutáveis que aquele que tem fé e faz as obras ganhará o reino do céu.

*Videmus quid sit quod debeat facere, qui fidem vult integram custodire: hoc sine dubio, in quo fundamentum christianæ religionis firmissime continetur, ut et quod promittit Deus et quod minatur, toto corde verum esse confidat. Tunc enim et nomen fidei intellegere, et virtutem eius plenius poterit agnoscere si ista duo sibi ante oculos suos proponat, id est, præmium vitæ æternæ, et suplicium pænæ perpertuæ.*

“Vejamos o que deve fazer aquele que quer conservar a fé intacta: que ele sem dúvida acredite de todo o coração que é verdade aquilo em que o fundamento da religião cristã está contido com muita firmeza – não só o que Deus promete mas também profere como ameaça. Com efeito então poderá compreender não só o nome da fé, mas também poderá reconhecer mais plenamente o seu poder, se ele colocar estas duas coisas diante dos olhos, isto é, a recompensa da vida eterna e o suplício do castigo perpétuo.”

Merece comentarmos que, no segundo momento do texto, São Cesário quase não faz referências ao texto bíblico; ao contrário, paulatinamente desenvolve seu sermão atraindo a atenção de seu público, a fim de que cada um observe as ações praticadas ao longo da vida, se estas lhes garantem trilhar o caminho do bem ou do mal. Em um excelente jogo antitético, alerta seus fiéis para a necessidade da prática da fé como a salvação da alma.

*et quia unum credere, et de alio dubitare nihil prodest, cum grandi diligentia unusquisque interroget cor suum, si utrumque fideliter credit: et si in istis duabus rebus veram fidem se habere cognoverit, corde firmissimo retinens, quod et iusti post bona opera accepturi sint gloriam, et iniusti post mala perpetuam passuri sint pœnam, cum hæc fideliter crediderit, si toto animo contendit bona opera facere, per quæ possit ad præmium pervenire, et mala non agere, ut pœnam possit evadere, fidem rectam se tenere congaudeat, et Deo gratias agat, et cum ipsius adiutorio in ipso opere perseverare contendat.*

“E porque de nada adianta acreditar numa e duvidar do outro, que cada um interroge com grande cuidado o seu coração (para ver) se crê fielmente num e noutro: se ele reconhece que tem fé verdadeira nestas duas coisas, sustentando com toda a firmeza do coração que não só os justos receberão a glória depois das boas obras, mas também os injustos sofrerão o castigo eterno depois das más obras, quando ele acreditar nelas fielmente (com fé), se ele se esforçar com todo o seu espírito para fazer boas obras, pelas quais possa escapar do castigo, que ele se alegre em guardar uma fé verdadeira e não só dê graças a Deus, mas também se esforce com sua própria ajuda em perseverar em sua própria obra.”

A seguir São Cesário continua seu sermão com repetições de palavras cujo significado deixa evidente a impossibilidade do homem escapar do castigo eterno se não cumprir os ensinamentos da Bíblia como, por exemplo, *et quia unum credere et de alio dubitare... et quod uerbis promittis..., quod promittit Deus... quia melius est cuiquam non promittere..., quam quod promiserit implere non uelle*. É importante lembrarmos que essas repetições das formas verbais não seriam desconhecimento de estruturas gramaticais mais arrojadas, tão bem conhecidas pelo nosso bispo. Ao contrário, São Cesário procura enfatizar o sentido do verbo promittere nos ensinamentos do texto sagrado. Essa estratégia pode ser corroborada nas palavras de Marie Delage. “... Mas se isto não é bastante para despertar a atenção, fazer convencer, compreender: é preciso ainda que as verdades expressas se gravem no espírito dos fiéis e que as palavras se fixem na memória deles” (1971:199).

Para conseguir chegar a isso, Cesário utiliza dois procedimentos: os paralelismos e as repetições. Podemos ressaltar ainda o jogo de palavras que tão bem dão a seu discurso a harmonia e entendimento de sua prédica e, sobretudo, evidenciam a sua mensagem. Observamos ainda que, somente a palavra fides, São Cesário emprega várias vezes, e as formas verbais são quase sempre reforço ao vocábulo fides. Ex.:

*..., qui fidem uult integram custodire..., Tunc enim et nomen fidei intellegere...et si in istis duabus rebus ueram fidem se habere cognoverit..., ut pœnam possit evadere, fidem rectam se tenere congaudeat..., si diligenter uultis adtendere, et nomen fidei et virtutem eius plenius poteritis agnoscere...etc.*

Outro ponto a destacar é que o discurso de São Cesário se coloca, do ponto de vista lingüístico, em uma zona intermediária entre a língua escrita e a língua falada, logo não há dúvida de que ele se preocupa com o fato de que o Sermão XII seja dirigido a pessoas

humildes e, conseqüentemente, sem conhecimento da língua culta, o que seria suficiente para evitar o rigor da norma culta ciceroniana.

Ao final do parágrafo, São Cesário afirma que não basta alguém dizer que tem fé: é preciso cumprir aquilo que prometeu. Se o homem não cumpre com obras o que prometeu e não crê no que diz o texto sagrado, que receberá as recompensas eternas, é porque não existe a fé em seu coração. Depois no final da segunda parte, o bispo dialoga com o leitor, deixando de forma bem clara que *quia melius est cuiquam non promittere quam quod promiserit implere non velle*. “Porque é melhor alguém não prometer do que não querer cumprir o que prometeu”. E confirma suas palavras citando Tiago: *Fides sine operibus mortua est*. “A fé sem obras é morta”. Assim compreendemos que é através do cumprimento das obras e das promessas feitas a Deus pelos homens que podemos obter a graça da fé.

**3ª parte:** O bispo vai destacar a obrigação dos homens de cumprir as promessas feitas a Deus. E se por algum motivo ele não conseguir cumprir aquilo que prometeu, que pelo menos cumpra aquela promessa que nosso pai firmou quando (re)nascemos no batismo, ou seja, o sentido empregado agora no texto para *fides* é o de perseverança na fé.

*Et licet totum quicquid homo promiserit, si potest, debeat operibus adimplere, illam primam et præclaram promissionem, quam eo tempore quo in baptismo renascimur Deo promittimus.*

Notamos, na terceira parte, uma prática comum empregada por Cesário: o uso de palavras que, ao se contextualizar, desvelam todo o sentido da mensagem que se quer evidenciar, por exemplo, o verbo *nascor*, de terceira conjugação, presente do indicativo, cujo sentido primeiro é o de nascer, vir ao mundo. Entretanto, o sentido atribuído por São Cesário é o de renascer. E é com este sentido que ele vai desenvolver a temática do pecado

original. Sabemos que toda criança só vai renascer quando vir a luz do mundo, ou seja, nasce do pecado e renasce para a vida que é confirmada através do sacramento do batismo.

Como podemos constatar, esta fala do bispo é a reprodução da verdade cristã. Nesse sentido, o uso do verbo *nascor* por São Cesário permite a seus fiéis o conhecimento do sentido de *fides* com base na doutrina cristã: o homem só renasce para a vida quando renuncia ao pecado original, e é através da *fides*, que podemos aceitar o perdão de Deus. Só assim somos absolvidos do pecado original.

*Interrogamur enim in baptismo utrum abrenuntiemus diabolo, pompis et operibus eius; et abrenuntiuros nos voce libera reponemus. Quod quia infantes per se minime profiteri possunt, parentes ipsorum pro eis fideiussores existunt. Si ergo quod primum est, et in quo fundamentum christianæ religionis consistit fideliter conservamus certum est quod reliqua cum ipsius adiutorio implere poterimus.*

“Com efeito, somos interrogados no batismo se renunciamos ao diabo, às suas pompas e a suas obras; e respondemos com voz livre que renunciamos. Visto que as crianças de modo nenhum podem declará-lo por si, seus pais apresentam-se em lugar delas, como seus fiadores. Se, portanto, observamos fielmente o que é principal e no qual consiste o fundamento da religião cristã, é certo que com seu próprio auxílio (de Deus) poderemos cumprir as (promessas) restantes”.

Depreendemos nesse trecho o uso de farta exemplificação do sintagma nominal “as pompas do diabo” empregado por São Cesário para chamar atenção do perigo que corremos se acreditamos nessas pompas do diabo:

*Prossimus enim nos abrenuntiuros diabolo, pompis et operibus suis.* “Com efeito prometemos que renunciaríamos ao diabo, a suas pompas e às suas obras.” *Quæ autem sunt pompa diaboli?* “Quais são as pompas do diabo?” *Omnia spetacula vel furiosa val cruenta vel turpia.* E ainda prossegue: *Gula vel ebrietate servire, libidini vel luxuriæ infelicem omniam animam subiugare (...).*

“São pompas do diabo:” *De adulteris vero vel homicidiis, rapinis vel testimoniis falsis quid opus est ut dicantur ad pompam vel ad opera diaboli pertinere, cum hoc nullus possit hominum ignorare?.*

E ainda observamos: *et caragios, sortilogos, divinos inquirere, totum hoc ad pompam vel ad opera diaboli non est dubium pertinere*. Também não podemos deixar de comentar as seqüências de adjetivos e substantivos empregados por São Cesário para reiterar aos seus fiéis a necessidade de renunciar ao mal para praticar o bem.

A seguir, São Cesário afirma que, se o homem não cumpre as promessas feitas a Deus, não poderá guardar aquela fidelidade que é tratada entre os homens. Constatamos nessa passagem do Sermão XII que o autor vai trabalhar com dois sentidos diferentes de *fides*: um ocorre quando fazemos uma promessa a um homem que tem poder, e nos empenhamos em pagá-la, visto por temer a morte ou um dano do corpo. Neste sentido, São Cesário se refere à *fides* romana: cumprir a palavra dada, ou seja, confirmar a lealdade e acreditar na fé intacta como fundamento religioso cristão entre os homens. O outro sentido vai além das possibilidades de explicação. É a certeza de que a *fides* é um sentimento latente no coração do homem, não dependente do outro mais dependente da graça da fé em Deus. Conforme Gerard Freyburger: “Este balanço semântico proíbe considerar a priori a *fides* apenas como um termo específico do vocabulário religioso. Fides se apóia ao mesmo tempo sobre o profano e sobre o sagrado” (1986:320). Ela é, entretanto, efetivamente santa. A lealdade é um dever religioso e o crédito é um dom de Deus. No texto de São Cesário, isto fica-nos claro no trecho:

*Si vero hoc quod Deo promittimus implere neglegimus, nescio si illam fidem quæ inter homines agitur servare possimus. Si enim homini cuilibet potestatem habenti periculose aliquid promittimus, si hoc implere neglegimus, quantum periculunus est Deo promittere, et nom reddere?*

“Mas se negligenciamos ao cumprir o que prometemos a Deus, não sei se poderíamos guardar aquela fidelidade que é tratada entre os homens. Se com efeito prometemos algo perigosamente a qualquer homem que tem poder e deixamos de cumprí-lo quanto mais perigoso é prometer a Deus e não cumprir?”

Continuando seu sermão, o pregador vai enfatizar que, pior que sofrer um dano no corpo, é a morte da alma. Aquele que promete a Deus e não cumpre e finge ter cumprido o que prometeu, de todos os modos não teme a morte da alma.

Novamente São Cesário faz uso do texto bíblico, a fim de que cada um pense nas conseqüências de não serem cumpridos os desígnios de Deus. *Nolite timere eos qui corpus occidunt; sed potius eum timete, qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam?* “Não temais aqueles que após ter matado, tenham poder de enviar-vos à geena”.

É evidente o cuidado de São Cesário quando fala sobre as promessas feitas em vão pelo homem, sem nenhum compromisso com a fé. O sentido de fé usado por São Cesário é de que a fé não deve nem pode ser negligenciada. As conseqüências desse ato poderão levá-lo ao fogo da geena, o que é corroborado no final da terceira parte do Sermão:

*Qui hoc dicit, adtendat etiam de otioso sermone fidem periclitari posse, de quo Dominus in die iudicii rationem dixit esse reddendam; et illud: Qui dixerit fratri suo racha sive fatue, reus erit geennæ ignis.*

“Quem diz isto, previna-se de que a fé pode correr perigo, devido a um discurso ocioso, do qual o senhor disse que se deverá prestar conta no dia do julgamento final, e também disse: “Quem disser ao seu irmão louco ou tolo, será réu do fogo da geena.” (Mateus 5,22).

Outra prática indispensável no discurso de São Cesário é sempre retomar o assunto do sermão comentado anteriormente, a fim de fixar na memória dos fiéis a mensagem cristã. O uso de interrogações, figuras de linguagem são múltiplas, empregadas pelo bispo, embora permaneça sempre um equilíbrio formal do discurso. M. J. Delage (idem:198) diz: “A todo momento”, Cesário interrompe o curso de sua argumentação para colocar questões

em nome de toda a comunidade; algumas vezes a questão é impessoal. Os exemplos dessa ordem são enumeráveis, quer se tratando de uma questão real em que se colocam certos fiéis, ou mais freqüentemente, uma interrogação puramente fictícia e, às vezes, pessoal, o que pode ser constatado na terceira parte do Sermão. "Isso pode ser comprovado quando ele convoca a assembléia usando a primeira pessoa do plural "... mas se negligenciamos ao cumprir o que prometemos a Deus..." e depois passa a dirigir-se a cada um "...cada um examine a sua consciência...". "Assim, todavia, esteja seguro sobre o passado..."

**4ª parte:** Dando continuidade à sua prédica, São Cesário lembra-nos ainda, que aquilo que prometemos no sacramento do batismo é um pacto feito com Deus, contudo certos vícios praticados pelo homem, ao longo de sua vida, são considerados como pompas do diabo.

Certamente as promessas feitas pelo homem muitas vezes não são cumpridas em função de uma tendência natural do homem com a prática religiosa; desse modo, São Cesário vai lembrar aos fiéis que o sacramento do batismo só pode ser entendido se o sentido da *fides* estiver incutido no nosso espírito.

*Consideret ergo unusquisque sicut iam dictum est, quod in baptismo sacramentum promisit; et quia pactum cum Domino fecit, videat si eum ex nulla parte violavit. Quando enim interrogatus est: abrenuntias diaboli, pompis et operibus eius? Tunc ei sacerdos subscribendum pactum obtulit; quando autem respondit. Abrenuntio, tunc subscripsit. Si ergo, sicut iam supra dictum est; quod Deo promissimus non implemus, nescio si hominibus fidem servare possimus.*

"Portanto, medite cada um como já foi dito, no que prometeu no sacramento do batismo; e porque fez um pacto com Deus, veja se não o violou de nenhuma maneira. Com efeito quando foi interrogado: renuncias ao diabo, a suas pompas e a suas obras? Então o sacerdote entregou-lhe o pacto para assinar; quando, porém, respondeu: Renuncio, então assinou. Então se, como já foi dito acima, não cumprimos o que prometemos a Deus, não sei se poderemos guardar lealdade aos homens."

São Cesário utiliza um certo número de imagens, elaboradas cuidadosamente na estrutura de seu sermão, de modo a explicar a mensagem desejada e a dar mais força a seu

discurso; não se furta ao direito de recorrer às metáforas, às interrogações e às antíteses quando julga necessário. Além disso, no segundo parágrafo do texto da quarta parte, vai usar uma série de adjetivos e substantivos *omnia spetacula vel furiosa vel cruenta vel turpia, pompæ diaboli sunt. Gulæ vel ebrietati servire, libidini vel luxuriae infelicem animam subiugare, ad pompam diaboli certum est pertinere; quia in talibus actibus illius voluntas impletur...* “Todos os espetáculos violentos, sangrentos ou vergonhosos são as pompas do diabo. Entregar-se à gula ou à embriaguez, submeter a alma infeliz à libidinagem ou à luxúria, é certo que pertence à pompa do diabo, porque em tais atos sua vontade é cumprida”.

Observamos, ainda neste parágrafo, que São Cesário fala dos vícios praticados pelo homem e que o próprio corpo do homem sofrerá as conseqüências de suas ações. São essas predisposições maléficas dos homens as pompas do diabo.

Os vícios praticados pelo homem têm seus resultados no próprio homem que as praticou, entretanto, no final do sermão, São Cesário fala também das ações praticadas pelo homem e seu reflexo agindo contra outrem as quais levam muitas vezes à destruição do outro. São os prazeres do diabo: adulterar, matar, roubar e prestar falso testemunho. Tudo isso também pertence à pompa ou às obras do diabo. *De adulteriis vero vel homicidiis, rapinis vel testimoniis falsis quid opus est ut dicantur ad pompam vel ad opera diaboli pertinere, cum hoc nullus possit hominum ignorare?* “Mas sobre os adultérios ou homicídios, roubos ou falso testemunho por que é necessário que se diga que pertencem à pompa ou às obras do diabo, quando nenhum homem pode ignorá-los?”

É relevante ressaltarmos ainda, a observação final do parágrafo em que o bispo afirma que, se o homem não cumpre as obras de Deus, não será fiel a seus compromissos e conseqüentemente a Deus, e dificilmente será sincero com os demais. Assim, fica

evidenciado no Sermão XII, o espírito apostólico do autor quando procura esclarecer todas as possibilidades de exemplos e comparações, para que se cumpram os ensinamentos das lições divinas.

E, por fim, São Cesário fala-nos das credices praticadas pelo homem as quais também pertencem às pompas do diabo.

Merece destaque também a coesão e a coerência do texto de São Cesário. Notamos que, na quarta parte do sermão, o bispo fala dos vícios praticados pelos homens e suas conseqüências refletidas no próprio homem. Depois fala das más ações partilhadas com outro, tais como: matar, roubar, levantar falso testemunho e, finalmente, fala-nos das credices maléficas daqueles que tentam dissuadir o outro da mensagem cristã. Enfatiza ainda, os pecados fundamentais que levam o homem ao fogo da geena.

**5ª parte:** Na quinta parte, o bispo alerta seus fiéis a não crer que a *fides* e o sacramento do batismo nunca perecerão. Deus é misericordioso, porém é justo. E aquilo que o homem promete em um pacto com Deus tem de ser cumprido.

*Nec se inaniter circumveniat dicens: credo de Dei misericordia, quod nunquam peritura sit fides vel baptismo meus quem accepi.* “E não se engane inutilmente dizendo: Creio pela misericórdia de Deus que nunca perecerão a fé ou o batismo que recebi.”

Então veremos que, neste primeiro parágrafo São Cesário através de citações da Bíblia, comprova o que ele afirmou acima.

*Audi Dominum dicentem: “Quid prodest quod dicitis mihi Domine Domine, et non facitis quæ dico?”* (Lucas 6:46) «Ouve o Senhor que diz : “Que adianta que me digais Senhor. “Senhor, e não fazeis o que eu digo?” *et iterum: Qui habet mandata mea e facit ea, ipse est qui diligit me.*

E novamente: “Quem tem os meus mandamentos e os segue, ele próprio é quem me ama.” (Jn 14, 21). *Et iterum: ‘non omnes qui dicunt mihi Domine, intrabunt in regnum caelorum; sed qui faciunt voluntas Patris mei qui in caelo est.’* (Matheus, 17 :21) E mais uma vez: «nem todos os que me dizem Senhor, entrarão no reino dos céus, mas aqueles que fazem a vontade do meu pai que está no céu.” Assim, no primeiro parágrafo, São Cesário usa uma última citação em que resume todo o sentido das frases reproduzidas acima. *Si quid vovisti Deo, ne moreris reddere; displicet enim ei infidelis et stulta promissio. Multo melius est non vovere, quam post votum promissa non reddere.* (Ecle 53) «Se fizeste um voto a Deus, não demores a cumpri-lo, com efeito desagradar-lhe a promessa infiel e tola. Muito melhor é não fazer o voto do que após o voto não cumprir a promessa.”

São Cesário, quando recorre às citações do texto sagrado, não negligencia o assunto abordado por ele, ao contrário, evidencia a importância do assunto abordado. Vejamos o que nos diz M. Delage (idem:196).

Apoiando-se em geral em versículos da Bíblia, São Cesário formula um desejo, um conselho, ou relembra uma obrigação e depois, para o apoio de sua solicitação, apresenta uma série de argumentos tirados de comparações com as necessidades dos corpos ou com as exigências da vida material e social e tudo salpicado de referências à Escritura.

Continuando a análise do sermão, São Cesário adverte os seus fiéis para o perigo de se cometer os pecados mortais, retirando exemplos do texto bíblico para confirmar sua mensagem.

A seguir, São Cesário explica, através de situações praticadas pelo homem, aquilo que comprova ser a *fides* o único caminho para a salvação da nossa alma. Mais uma vez, ratifica-se todo o empenho do bispo em explicar e provar ao seu público a misericórdia de Deus.

Também o emprego dos verbos temer, crer, recear, desesperar e esperar, associado ao emprego das conjunções adversativas, dão ao Sermão um extraordinário movimento interno.

*Anti omnia temendum est, ne se aliquis sic credat accepturum Dei misericordiam ut non expavesat iustitiam; quam rem si fecerit, non est fides. Et iterum si sic expavescit iustitiam, ut desperet de misericórdia, non est fides. Et ideo quia Deus non solum misericors sed et iustus est, utrumque credamus. Nec iustitiam metuentes de misericórdia desperemus, nec sic amemus misericordiam ut iustitiam neglegamus. Ergo nec male sperandum est, nec male desperandum. Male sperat, qui se sine pænitentia et bonis operibus putat promereri misericordiam; et male desperat si post bona opera non se credit recepturum esse misericordiam.*

“Antes de tudo deve-se temer que alguém creia que receberá a misericórdia de Deus, de tal modo que não receie sua justiça. Se ele tem esse procedimento, não existe fé. E novamente se ele receia sua justiça de tal modo que se desespere da sua misericórdia, não existe fé. E visto que Deus não só é misericordioso, mas também é justo, creiamos nas duas coisas: não nos desesperemos de sua misericórdia de tal modo que negligenciemos sua justiça. Portanto nem se deve esperar mal nem se desesperar mal. Espera mal aquele que julga que merece a misericórdia sem a penitência e as boas obras; e desespera-se mal se após as boas obras não crê que receberá a misericórdia.”

Mais uma vez, em uma perfeita gradação e oposição das formas verbais, constatamos o desejo do bispo de que seus fiéis não tenham dúvida sobre sua argumentação. São Cesário parece mergulhar no texto e fazer sua catarse, ou seja, seu desejo ardente em deixar bem claro que, se o homem teme, duvida, desespera-se, o fundamento do sentido da *fides* não está presente naqueles que desejam ganhar o reino dos céus.

Deus é misericordioso mas também é justo. Se o homem não acreditar que esses dois procedimentos andam *pari passu* não existe a *fides*. E é com esse desejo de tocar os sentimentos do homem a fim de aproximá-lo mais de Deus que Cesário retoma seus conselhos. Sem as obras e as penitências, não será permitida ao homem a plenitude da vida eterna. Ainda mais uma vez, através da figura dominante das antíteses, evidencia a tensão entre uma vida que priorize o espírito e outra não, já que o homem prioriza a matéria. E, mais uma vez, São Cesário vai buscar no texto sagrado a comprovação de suas palavras:

*Sicut corpus sine anima mortuum est, ita fides sine operibus mortua est.* (Tiago.

2.26). “Assim como o corpo sem alma está morto, da mesma forma a fé sem as obras está morta”.

*Et illud : Tu, inquit, credis quia Deus unus est, bene facis, et dæmones credunt, et contremescunt.* E estas: “Tu crês, diz ele, que Deus é um, tu fazes bem: os demônios também crêm e tremem.”.

Sabemos que um dos recursos utilizáveis com o propósito emotivo e expressivo é a linguagem figurada. Pode atuar implicitamente por metáfora. Levando em conta essa constatação, percebemos que São Cesário usa o recurso da comparação para a problemática espiritual do homem diante da opção que deve seguir como se lê abaixo.

*Videte, fratres, quia, qui credit e non facit, dæmonum credulitatem eum Apostolus habere dixit. Si enim qui credit et non facit dæmonibus similis dicitur; qui non credit quam spem habeat vestrum est iudicare.* « Vede, irmãos, que o apóstolo disse que aquele que crê e não faz as obras tem a crença dos demônios. Com efeito, se aquele que crê e não faz as obras tem a crença dos demônios. Com efeito, se aquele que crê e não faz é considerado semelhante aos; cabe a vós julgar que esperança tem aquele que não crê”.

Verificamos, mais uma vez, a constante preocupação do bispo em transmitir sua mensagem a fim de ser bem entendido por seus fiéis. Notamos, ainda, a presença de características afetivas na linguagem usada por ele, as quais se opõem ao estilo intelectual dos escritores profanos.

Observamos também um amor entusiasmado à causa da conversão; quer não só comover seus fiéis, mas também arrebanhar as ovelhas que se encontram desgarradas do rebanho. E, para que consiga tocar-lhes o coração e o espírito, no Sermão XII a importância do vocábulo *fides*. Devemos lembrar que, se por um lado, São Cesário inicia o Sermão XII criticando o louvor acerbadado do vocábulo *fides* por seus fiéis, muitas vezes sem fé, por outro lado, através de sua contundente pregação, fica evidente que o homem precisa compreender o sentido da *fides*, para que possa ter certeza de que possui a graça em

seu coração. Então, São Cesário repetirá de forma clara tudo o que já foi dito anteriormente, para que cada um possa viver neste mundo com fé e chegar com felicidade à vida eterna ou, então, ser comparado aos demônios que crêem e não fazem as obras que Deus ordenou.

**6ª parte.** Na sexta parte do Sermão XII, São Cesário conclui e faz a síntese de sua prédica. Recapitula os ensinamentos ministrados aos fiéis e ressalta que a felicidade do homem só está segura no cumprimento das boas obras e na crença da mensagem do texto sagrado, o que podemos constatar pelo número de vezes que menciona a origem de *fides* (*fides a fit nomem accepit*).

Entretanto o homem só poderá chegar à plenitude do espírito através da graça da força da *fides*. E, assim, pelo caráter finalizador do sermão, o nosso bispo novamente elabora seu texto carregado de metáforas, antíteses e comparações com o propósito de dar-lhe mais vigor e mais recursos, para prender a atenção de seu público. Logo no primeiro parágrafo, sintetiza-se o sentido da força da *fides* como verdade inquestionável através das formas verbais crer, prometer e proferir. *Tota enim virtus fidei in duabus rebus uidetur consistere: una, ut, sicut iam dictum est certissime credamus verum esse quod promittitur Deus; alia, ut apud nos definitum sit, non esse falsum quod minatur Deus.* “Uma, que como já foi dito, creiamos com toda certeza que é verdade o que Deus promete, e a outra, que seja estabelecido entre nós que não é falso o que Deus profere como ameaça”.

No segundo parágrafo, o autor vai intensificar o quanto é vantajoso para o homem afastar-se do mal. Novamente reiterar-se-á toda a argumentação anterior.

Não podemos deixar de notar a maneira como o autor elabora suas idéias no texto. Retoma o sentido de *fides*, construindo um discurso em que o ouvinte já não está mais incluído como receptor, do que está sendo dito, mas como um ouvinte que depreende a

crença na *fides* e na doutrina cristã como certa e absoluta. São Cesário agora trabalha com o dito e não dito do texto. É preciso que cada um de seus fiéis depreenda aquilo que vai além das explanações feitas pelo bispo; ou seja, o sentido da fé como salvação da alma. Mas, se por ventura, alguém de alguma forma, negligenciar a mensagem evangelizadora, São Cesário apóia-se no texto sagrado com frases escolhidas bem escolhidas descodificando a mensagem cristã, tornando (o texto sagrado) uma mensagem sua, a fim de convencer aquele que ouve.

Por fim, São Cesário conclui seu discurso evidenciando a seus fiéis a importância da força da *fides*, e que a felicidade do homem está segura no cumprimento das boas obras e nos ensinamentos do texto sagrado.

Ao longo dos nossos estudos acerca dos sermões cesarianos, encontramos algumas vezes autores que se mostram resistentes ao estilo do bispo. Entretanto, com um olhar mais atento à produção do seu texto cesariano, notaremos uma série de construções morfosintáticas bastante condizentes com o seu público. Embora encontremos um número muito grande de repetições da mesma forma verbal e estruturas morfosintáticas muito próximas à expressão da oralidade daquela época, esses fatos não permitem considerar o texto do nosso bispo como uma literatura expressa em linguagem evasiva ou decadente. Ao contrário, São Cesário elabora um texto a seu modo, da mesma forma que cria expressões que freqüentemente são de suma importância para que seu público ouvinte, na maioria dotado de pouca instrução, possa entender o fundamental da filosofia cristã. A conversão do homem, a prática religiosa são atospuramente decididos pelo homem. E se alguém renuncia aos prazeres da vida material e abraça a vida religiosa, é preciso que desenvolva sua tarefa bem. Por isso, pensamos que São Cesário é mais um entusiasmado guardador das ovelhas do rebanho do senhor, que deixa seus sentimentos suplantarem a

razão. Parece-nos que ele, em seu desejo ardente de prender a atenção dos fiéis com seu sermão, deixa sua sensibilidade ultrapassar o cuidado com o purismo da língua ciceroniana. É nesse momento que São Cesário procura estar mais próximo de seu público. Assim, as repetições das formas verbais, os empréstimos à língua hebraica e a criação de palavras novas (neologismos) se fazem necessários para um melhor entendimento de sua pregação.

Frente a isso, o leitor deve observar que essa sexta parte do Sermão XII deve ser entendida como um texto coeso em que o sentido da palavra *fides* é recapitulado. Não é adequada, aqui, uma divisão do texto como a feita nas outras cinco partes do sermão. A doutrina cristã, com sua finalidade de convencer o cristão tem, na sexta parte, prova inequívoca da veracidade do sentido da *fides* e, sobretudo, a fidelidade à construção da obra religiosa.

Feita a análise das partes do Sermão XII, verificamos um número incidente do emprego do vocábulo *fides*. Logo compreendemos que tal atitude estilística tem por finalidade convencer o fiel da importância do sentido de *fides* como o cumprimento das obras para aqueles que abraçam a vida cristã.

São Cesário desenvolve sua argumentação teológica sobre a fé cristã, partindo de uma etimologia literária romana que associa *fides* ao verbo *fit*: *fides a fit*. Em outras palavras: *fides* provém da forma verbal *fit*.

Reiteramos, com mais um exemplo, que a fé, para ele, se fundamenta na realização das obras: *si te milies dicas fidem habere, et quod uerbis promittis operibus implere nolueris, penitus non est fides*.

Outra evidência da intenção de São Cesário de comprovar a etimologia de *fides* é o fato de ele mencionar tal etimologia algumas vezes no sermão. A partir da etimologia de

*fides*, ele estabelece um argumento lingüístico-teológico, ao proclamar que a fé sem as obras é morta.

No latim clássico, Cícero já associava *fides* ao verbo *fit* para mostrar que a *fides* era o cumprimento da palavra dada. São Cesário reafirma essa etimologia no Sermão XII, cristianizando-a.

*Fides enim a fit, id est, ab eo quod fiat, nomen accepit: quia in ipsa omnium nonsolum divinarum, sed etiam humanarum rerum firmitas continetur* (12,1).

Com efeito *fides* (fé) recebeu o nome a partir daquilo que se faz (*fit*).

Toda essa argumentação é sintetizada por uma passagem de Tiago que diz *fides sine operibus mortua est*. “A fé sem as obras é morta” (2,26).

São Cesário de Arles, no Sermão XII, prega sobre a importância da fé (*fides*) em nossa vida. Ela é enaltecida não somente pelos textos sagrados, mas também por aqueles que fingem ter fé. Julgamos relevante destacar algumas passagens bíblicas citadas na abertura do sermão, as quais falam sobre a fé, por considerá-las de grande valor no convencimento de seus fiéis. Vejamo-las.

- a. *Sine fide impossibile est quemquam placere Dea*. (Epístola de São Paulo aos Hebreus 11:6). “Sem a fé é impossível alguém agradar a Deus.”
- b. *Fides tua te saluom fecit*. (São Lucas 17, 19). “Tua fé te salvou.”

Em outro exemplo, Cesário associa o substantivo *fides* ao verbo *credo*:

- c. *si credis, omnia possible sunt credenti*. (São Marcos 9, 23) “se crês, tudo é possível àquele que crê.”

Considerando que nossa pesquisa versa sobre o Sermão XII, transcrevemos as citações bíblicas na forma como aparecem nesse sermão, pois cremos que São Cesário

citava de memória os trechos bíblicos utilizados em suas pregações. Com este procedimento respeitaremos fielmente o pensamento do autor.

- d. Outro recurso na construção do Sermão XII é o emprego de segmentos frasais utilizados como conseqüência argumentativa do pregador. São exemplos:

Como manter a fé intacta com fundamento da religião cristã: *Ut et quod promittit Deus et quod minatur toto corde uerum esse confidat.*

A compreensão da fé através de duas verdades: *præmium uitæ æternæ et supplicium pænæ perpetuæ*. Há aqui uma antítese que opõe os que têm fé aos que não a possuem. A verdadeira fé se manifesta nos corações daqueles que crêem com toda firmeza nessas duas coisas: *Quod et iusti post bona opera accepturi sint gloriam, et iniusti post mala perpetuam passuri sint pænam*. “Que não só os justos receberão a glória depois das boas obras, mas também os injustos sofrerão castigo eterno depois das más obras”

- e. A partir do momento em que se acredita confiantemente nessa verdade *Cum hæc fideliter crediderit*, o cristão deve agradecer a Deus por ter compreendido o sentido da fé.

Observamos na construção da antítese reiterada que coloca em campos opostos os que crêem e os que não crêem.

O sintagma *bona opera facere* tem como coroamento *ad præmium pervenire* realçado pela seqüência *mala non agere* que traz como resultado *ut pænam possit evadere*. Eis aqui, portanto, o verdadeiro fundamento da fé cristã.

## 12. O CAMPO SEMÂNTICO DE *FIDES*

Para analisar a cristianização da palavra *fides*, no Sermão XII de São Cesário, faz-se necessário defini-la por critérios semânticos, a fim de que possamos depreender os sentidos usados pelo bispo e observar o seu desempenho oratório ao ampliar o sentido de *fides* para garantir a temática do Sermão XII, a partir da frase *Fides a fit nomen accipi*”.

A origem de uma palavra é explicada pelo estudo da etimologia. Como já vimos em capítulo anterior, a origem das palavras teve real destaque na Antiguidade. Segundo Ullmann (1964), a filosofia grega, havia duas escolas de pensamentos rivais. Os naturalistas acreditavam existir entre o som e o sentido uma relação intrínseca, os convencionalistas defendiam ser essa relação puramente arbitrária. Mais tarde Varrão considerou a etimologia como uma das três divisões dos estudos lingüísticos, ao lado da morfologia e da sintaxe. No século XIX, quando os estudos etimológicos ainda não apresentavam cunho científico, a semântica torna-se um estudo autônomo e surge como uma parte importante da lingüística, especialmente com o lingüista francês Michel Bréal.

O estudo da origem das palavras (etimologia) múltiplas definições que atestam sua origem, ou ainda, podemos baseá-lo na concepção aristotélica de que a palavra é a menor unidade de significação da fala. Embora essa teoria tenha sido fundamental para o desenvolvimento de estudos nas áreas da filologia e da lingüística, mais tarde, foi revista por outros gramáticos. Observou-se que a parte menor de significação de uma palavra é

apenas um morfema: os sufixos, os prefixos, os morfemas verbais, os temas, etc. Mas sem dúvida, podemos explicar a etimologia de uma palavra por meio da observação da raiz o nome, da função das partes mínimas que se juntam a esse tema e que dão origem a outros nomes diferentes que surgem, bem como descobrir a época em que se deu o aparecimento da palavra. Finalmente vamos constatar que os vários processos de formação de um nome são caminhos possíveis para um estudo na área da etimologia.

A verdade é que sempre haverá dúvidas ao buscar-se o reconhecimento da origem das palavras.

Assim, em nossa análise, será considerado o fato de que o bispo de Arles vai asseverar o sentido do substantivo *fides* partindo da frase *Fides a fit* visto que o verbo *fit* tem como primeira acepção “ser feito, fazer-se”. Logo, São Cesário vai amplificar o sentido de *fides* apoiando-se na raiz do verbo *fit*. Sabemos que essa etimologia não tem base científica, ou seja, foi empregada no texto cesariano com fundamento doutrinário visto que sua intenção é garantir, através do verbo *fit*, o sentido de fazer cumprir com as obras. São Cesário usa essa etimologia fictícia como o argumento principal sobre o qual faz seu sermão, não querendo ocupar-se do sentido de *fides*, mas servir-se do sentido expresso por ela porque quer respaldar a idéia que pretende dar ao termo em sua pregação. Torna-se, assim o ponto de partida da sua pregação: *fides* provém de *fit*.

Percebe-se aqui um ponto de contato entre a etimologia e a semântica. Se a etimologia vai para dar o significado desejado à palavra, é necessário, então, ocupar-se do campo semântico dessa palavra. A etimologia funcionou como um apoio para chegar ao sentido de *fides* defendido pelo autor que deu forte carga emotiva à palavra, para que seus fiéis reconhecessem que a fé depende das obras feitas. Conforme Ullmann:

Outro fator que depende largamente do contexto é o aspecto emotivo do significado da palavra. Em princípio, praticamente qualquer termo pode adquirir tonalidades emotivas num contexto apropriado (1964:106).

Ocorre que, na área da semântica, os estudos são vários e nem sempre claros, visto que quanto mais nos aprofundamos na leitura de obras de filósofos e lingüistas, constatamos um verdadeiro descontínuo de teorias e discordâncias.

Um exemplo disso ocorre com a definição de significado. Ullman (1977:111) afirma que o significado é um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem. Também Ferwillerger (apud ULLMANN, 1977:107) afirma que “antes de apresentarmos e criticarmos teorias que tentam explicar o significado seria melhor defini-lo. Sabemos de antemão que tal tarefa é impossível. Não existe a definição do significado.

Wittgenstein (apud Ullmann, 1964:131), por sua vez, diz que o significado de uma palavra é o seu uso na língua. O lado positivo dessa conceituação está em definir o significado em termos contextuais e, portanto, empíricos. Isso pode corroborar o uso semântico feito por Cesário da palavra *fides* no Sermão XII. O conceito de *fides* adquire uma função cognitiva, como a base da comunicação entre os indivíduos (o pregador e seus fiéis), através das imagens que se formam no espírito desses indivíduos.

Partindo desse sentido, a produção textual de São Cesário, pode-se afirmar, revela-se através do sentido interior, de sua alma. O desejo de fazer-se entender pelos seus ouvintes faz com que ele exacerbe a sua emoção e deixa nascer os vários sentidos do vocábulo *fides* que comprovem a sua imagem, do que ele deseja transmitir: sem as obras não existe fé. Essa explicação encontra respaldo nas palavras de Guiraud:

A linguagem, como já se viu, tem uma função lógica ou cognitiva, ela serve para a comunicação de conceitos, evocando no espírito do interlocutor as imagens que se formam no nosso próprio espírito. Mas essa comunicação nocional, que é a finalidade da ciência ou do conhecimento lógico, só é indiretamente a finalidade da comunicação social, que é essencialmente volitiva: comunicamos nossos pensamentos com o fim de obter certas reações (1980:37).

Constata-se, assim, que Cesário, ao partir da etimologia, pratica uma teoria semântica de forma muito eficiente. Usa a etimologia como meio estudo no sentido canônico da palavra, mas fica claro que há uma riqueza semântica que se expande continuamente. O vocábulo *fides* sofre uma transfiguração semântica, uma pequena transferência de sentido que parte de um sentido geral para um sentido cognitivo, subjetivo, emocional.

O sentido de *fides* como lealdade, empenho no cumprimento da palavra dada contém um traço semântico de ação praticada pelo homem (ser leal na guerra, ser leal na política, ser leal no amor....).

Já no Sermão XII, Cesário transmuta esse sentido objetivo e mais coletivo para um subjetivo e emocional, visto que ele não tem como provar o sentimento de *fides*. O indivíduo latino podia externar a sua *fides* por ações na guerra e na política, por exemplo, mas como o cristão vai externar a sua fé? Somente através das obras. Fazer as obras é acreditar que se agrada a Deus para receber a recompensa da vida eterna. Assim o crer nos conduz ao fazer.

Vemos que a palavra *fides* assume um novo sentido sem abandonar totalmente o sentido anterior. É como se avançasse na especificidade de sentido.

É Guiraud, com muita propriedade, quem fundamenta essa análise: “O sentido muda porque uma das associações é secundária (sentido contextual, valor expressivo, valor social); ele desliza progressivamente sobre o sentido da base e o substitui; o sentido *evolui*” (1980:61).

Vemos, assim, que o universo das teorias semânticas – embora com discordâncias – é unânime quanto ao reconhecimento da importância do contexto no estudo do significado.

É exatamente o estudo do contexto em que o Sermão XII é pregado que revela o processo de cristianização já presente no vocábulo *fides*.

Partindo, portanto, de uma etimologia já corrente no mundo clássico, São Cesário ensina que a fé sem as obras é morta, citando várias passagens bíblicas em que este conceito é ressaltado. Por quê? Porque *fides* (fé) provém de *fit* (é feito).

### 13. A SINTAGMATIZAÇÃO DE *FIDES*

*Fides enim a 'fit', id est, ab eis quod fiat, nomen accepit.*

Continuando nosso percurso sobre a '*fides*', passaremos a analisar o processo de sintagmatização - o emprego freqüente de locuções onde ocorre este substantivo - desenvolvido por São Cesário para comprovar que a fé nada vale sem as obras. Notamos ainda a conexão semântica estabelecida entre os radicais de *fides* e *fit*, independentemente de sua evolução histórica do indo-europeu ao latim.

A etimologia *fides* a *fit* remonta à Antigüidade clássica, conforme assinala Marie-José Delage (1971:400-401) através de duas passagens ciceronianas. Foi cristianizada por São Cesário em seu sermão sobre a fé (*fides*).

Conforme Ernout e Meillet (1951:414) *fides* provém da raiz grega *\*bheidh-/bhidh* na forma de grau zero e *fio* provém da raiz grega *\*bhewe-/bhu-*. A palavra *fides* foi utilizada no sermão que analisamos com fundamento unicamente teológico, pois São Cesário cita várias passagens bíblicas, para ressaltar a idéia de a fé sem as obras não tem valor. Por conseguinte, no exame do texto cesariano devemos ter sempre em mira o ponto de partida de sua pregação aos fiéis cristãos de Arles: *fides* provém de *fit*. Portanto ter fé (*fidem habere*) equivale a prometer com palavras (*verbis promittere*) e cumprir através das obras (*operibus implere*). Notamos assim, que vários sintagmas vão sendo utilizados intencionalmente pelo pregador, já que quer enfatizar em seu sermão que a fé sem as obras

não é *fides*. Um exemplo disso está na passagem da parte do sermão destacada a seguir. *Et si te adseras credere præmium quod promittit Deus, et suplicium quod minatur et tamen... agere nolueris ut pœnam perpetuam possis evadere, et ad æterna præmia pervenire, omnino non est in te fides* (12,2).

“E se afirmares que crês na recompensa que Deus promete e no suplício que ele revela como ameaça e contudo: não quiseses agir para evitar o castigo perpétuo e alcançar a recompensa eterna verdadeiramente não existe fé em ti.”

Como vemos, acreditar na recompensa e nos castigos divinos sem realizar as obras que nos garantem as recompensas eternas e nos livram dos castigos perpétuos indica que não temos fé. Observamos que essas idéias são confirmadas no Sermão XII, texto escolhido para o presente trabalho, como um recurso argumentativo necessário à doutrinação de seus destinatários. Logo, de nada vale afirmarmos ser fiéis apenas, e não cumprir o que prometemos. Não basta o nome da fé para nos salvar.

São Cesário inicia seu sermão dizendo que a fé é louvada não só pelos textos sagrados mas também pelos homens. Ressaltando este fato com o emprego do ablativo instrumental *multis præconiis*: “com muitos elogios”. Destaca ainda o pregador que os louvores à fé deveriam ser seguidos da realização das obras que comprovassem essa proclamação. É o que lemos nos sintagmas antitéticos que evidenciam essa oposição entre declaração da fé e sua concretização pelas obras.

*lingua x vita*  
*ex ore x ex corde*  
*labiis x operibus*

Fica claro que São Cesário estabelece a etimologia de natureza teológica *fides a fit...* já mencionada em nossa análise, apoiando-a em passagens bíblicas no desenvolvimento de sua pregação.

Entre os verbos empregados para designar a manifestação oral da fé, destacamos do sermão os seguintes: *conlaudatur, laudo, prædico, promitto*.

Verificamos ainda, no elogio à fé, os seguintes ablativos: *tantis laudibus*, “com tantos louvores”, *cum multis iuramentis*, “com tantos juramentos”.

Segundo o pensamento cesariano, crer, acreditar com palavras requer o cumprimento com obras: *credere verbis/implere factis*, “crer com palavras e cumprir com atos”.

No texto, três verbos merecem destaque pois eles designam, respectivamente, negligência, a dissimulação e a recusa em realizar as boas obras: *neglego, dissimulo e nolo*.

Crer, ter fé, é um conceito expresso no sermão pelo verbo *credo*, pelo sintagma *fidem habere* ou ainda pela oração *non est fides*: “não existe fé em ti, como equivalente a *non credis, fidem non habes*: “não crês, não tens fé”.

Enumeramos, em seguida, verbos empregados para designar, no sermão, a realização das obras: *teneo, empleo, servo, perficio*.

Aquele que deseja manter a fé intacta *fidem...integram custodire*, “deve crer com toda a força do coração”, *toto corde*, no mais sólido princípio da religião cristã: *et quod promittit Deus: et quod minatur*, “não só o que Deus promete, mas também profere como ameaça”. Estas duas verdades equivalem ao *præmium vitæ æterna* e ao *suplicium pænæ perpetuæ* “a recompensa da vida eterna e o suplício do castigo perpétuo”.

Cada um deve interrogar-se “com grande cuidado”, *cum grandi diligentia*, se crê sinceramente nestes dois ensinamentos.

Neste trecho ocorre a construção reforçativa: *si utrumque fideliter credit*, “se acredita fielmente num e outro”. A resposta afirmativa comprova a verdadeira fé, *veram fidem...habere*, que deve ser guardada com toda força do coração, *corde firmissimo*. A

glória é concedida aos justos após a realização das boas obras, *post bona opera* e o castigo dos injustos após as más obras: *post mala opera*.

No desenvolvimento deste argumento, o verbo *contendo* (esforçar-se) ressalta o esforço para a realização de boas obras: *toto animo...bona opera facere...*, acreditar de todo coração...fazer as boas obras bem como a perseverança neste propósito: *in ipso opere perseverare*. Praticar as boas obras traz a recompensa, praticar as más obras acarreta o castigo divino: *toto animo bona opera facere...ad præmium pervenire...mala non agere....pœnam evadere*: “com todo seu espírito, fazer as boas obras, para chegar à recompensa...não praticar o mal...escapar do castigo eterno.”

Este procedimento traz o regozijo da verdadeira fé, idéia reforçada pelo verbo *congaudio*: “sentir muita alegria”; *fidem rectam se tenere congaudeat*: “que ele se alegre em guardar uma fé verdadeira”. Chega-se assim mais plenamente ao reconhecimento do nome e do sentido da fé: *et nomen fidei et virtutem eius plenius...agnoscere*: “e podereis reconhecer mais plenamente o nome da fé e o seu valor”.

A repetição é um dos recursos argumentativos mais freqüentes em São Cesário. A reiteração da etimologia *fides a fit...* “reforça a equivalência semântica dos sintagmas: *verbis promittere/operibus implere*: “prometer com palavras/praticar as obras. Para que os fiéis assimilem a mensagem de sua pregação, São Cesário utiliza dois importantes elementos retóricos em uma espécie de estratégia de convencimento: a afirmação e a repetição. Ao afirmar e repetir ... vezes “*fides a fit nomen accepit*”, o bispo quer evidenciar a relação que pretende deixar clara entre “prometer pelas palavras” e “cumprir por meio das obras” Segundo Citelli (1995:48)

(Afirmação e repetição) São importantes esquemas usados pelo discurso persuasivo. No primeiro caso, a certeza, o imperativo; a dúvida e a vacilação são inimigas da persuasão. No segundo caso, repetir significa a possibilidade de aceitação pela constância reiterativa”,

Segundo São Cesário, devemos cumprir aquilo que prometemos, lembrando as promessas feitas a Deus no batismo, quando renunciamos ao diabo, a suas pompas e às suas obras, através das promessas de nossos pais, que nos serviram de fiadores perante Deus: *fideiussores* (fiadores). Esta promessa deve ser respeitada por toda a vida, se quisermos nos regozijar de manter intacta a fé, através de palavras e obras: *non solum verbis sed etiam et operibus*.

Vejamos ainda quais são as pompas do diabo, enumeradas na seguinte frase nominal: *Omnia spectacula vel furiosa vel cruenta vel turpia pompæ diaboli sunt*: “todos os espetáculos violentos, sangrentos ou vergonhosos são as pompas do diabo”. Podemos encontrá-las ainda indicadas na seguinte construção de infinitivo: *gula vel ebrietati servire, libidini vel luxuriæ infelicem animam subjugare (...)*: “entregar-se à gula, à embriaguez e submeter a alma infeliz à libidinagem ou a luxúria pertence à pompa do diabo”. As pompas e a obra do diabo são também citadas nesta seqüência de ablativos: *De adulteriis vero vel homicidiis, rapinis vel testimoniis falsis (...)*: “sobre os adultérios ou homicídios, roubos ou falsos testemunhos (...)” e, finalmente, podemos destacá-las mencionadas nas práticas supersticiosas contidas nas seguintes construções infinitivas: *... et auguria observare, et præcantatores adhibere, et caragios, sortilegos, divinos inquirere (...)*: “... e observar os augúrios, consultar curandeiros e recorrer a magos, a oráculos e a adivinhos (...)”.

A fragilidade do corpo em relação ao pecado é ressaltada pelo diminutivo *corpusculum*: *et dum adhuc anima eius in hoc corpusculo continetur...*: “e enquanto a sua alma ainda está contida nesse corpo frágil...”. por isso cada um deve apressar-se em corrigir seus erros: *pænitentiam et elemosinam et præcipue per indulgentiam inimicorum suorum...* “pela penitência, pela esmola e principalmente pelo perdão de seus inimigos”.

No seguinte trecho, a firmeza da fé é destacada pelo advérbio *bene* e pelo emprego dos verbos *promitto* e *facio*: *Bene credis, si fecisti quod promisisti*: “Bem crês, se fizeste o que prometeste”.

Uma característica importante da fé vem realçada num trecho que associa a misericórdia divina ao sentimento de justiça: *ne se aliquis sic credat accepturum Dei misericordiam, ut non expavescat iustitiam*: “que se alguém crer que receberá a misericórdia de Deus, de tal modo não receie a sua justiça”.

Perante Deus, estes dois valores são solidários e indissociáveis. Desta forma, a justiça divina deve inspirar-nos o sentimento de esperança. Justiça e desespero, falsa esperança e misericórdia são valores inconciliáveis. As passagens do sermão que comprovam estas idéias fazem-nos lembrar a técnica barroca do conceptismo que evidenciará a beleza e perenidade aos textos dos sermões seiscentistas. Segundo São Cesário, ter fé equivale a crer na misericórdia e na justiça divina rejeitando o desespero e a negligência: *Nec iustitiam metuentes de misericordia desperemus, nec sic amemus misericordiam ut iustitiam neglegamus*: “Não nos desesperemos de sua misericórdia temendo sua justiça nem amemos sua misericórdia de tal modo que negligencemos sua justiça”.

Nos dois trechos abaixo o advérbio *male* estabelece a antítese formulada pela oposição entre falsa esperança e misericórdia. Vejamos primeiramente: *Ergo nec male sperandum est, nec male desperandum*. Esta idéia vinculada pelo emprego de dois gerúndios é desdobrada a seguir, mediante o emprego dos sintagmas oracionais *male sperat e male desperat*. Exemplo: *male sperat qui sine pœnitentia et bonis operibus putat promeri misericordiam et male desperat. Si post bona opera non se credit recepturum esse misericordiam*: “Se após as boas obras não crê que receberá a misericórdia”. A

inutilidade da fé sem as obras novamente é posta em relevo: *ne nobis operibus credamus fidem posse sufficere*: “não creiamos que a fé pode bastar para nós sem as boas obras”, apoiada nas palavras de São Tiago, segundo o qual assim como o corpo sem alma é morto, também a fé sem as obras é morta...*fides sine operibus mortua est* (Tiago 2.19).

Além disso, São Cesário diz que age como os demônios quem crê sem as obras: *quid credit et non facit*.

Eles também acreditam em Deus, mas não cumprem as suas ordens: *Quia dæmones credunt esse Deum, et non faciunt quæ iubet Deus*.

Conseqüentemente ele não crê, pois não realiza as obras que comprovariam sua fé: *iste in eo probatur non credere, quia quod verbis videtur promittere non vult operibus adimplere*: “fica provado que esse não crê nele, porque não quer cumprir com obras aquilo que ele parece prometer com palavras”. Vemos aqui a mesma assertiva, já feita várias vezes no desenvolvimento do sermão, segundo a fórmula:

***Credere = verbis promittere + operibus adimplere***

A necessidade da firmeza na fé reside no reconhecimento da promessa de recompensa feita aos bons e da ameaça de castigo lançada contra os maus. Esta assertiva é veiculada por duas orações subordinadas relativas: *quod promittit Deus* e *quod minatur* (Deus) e expressivamente vinculada à oposição existente entre o bem e o mal, através dos sintagmas: *Verum esse e non esse falsum*, no seguinte trecho: *Certissime credamus ‘verum esse’ quod promittit Deus; (...) non esse falsum quod minatur Deus...*: “Creiamos com toda a certeza que é verdade o que Deus promete; não é falso o que Deus profere como ameaça”.

São Cesário emprega várias passagens bíblicas para provar que a prática do bem exige o afastamento do mal, e conclui com a seguinte passagem de São Mateus (6.24):

*Nemo potest duobus dominis servire*: “Ninguém pode servir a dois senhores”. Mais uma vez, o bispo de Arles demonstra a utilização de um mecanismo encontrado freqüentemente no texto religioso: a. presença de fragmentos do texto bíblico.

Finalizando, São Cesário reitera a etimologia *fides a fit...* para ressaltar a verdadeira fé *ut credamus utrumque esse, et quod promittit Deus, et quod minatur*. A perfeição da fé, portanto, exige duas posturas do cristão *et tementes suplicium opera mala non faciamus, et desiderantes præmium ea qua bona sunt agere totis viribus laboremus*: “não só não façamos obras más temendo o suplício mas também lutemos com todas as nossas forças para fazer aquelas que são boas, associadas ao esforço voltado para a prática do bem”.

Assim devemos proceder para não sofrermos junto com os incrédulos e os ímpios o suplício eterno: *æternum suplicium sustinere*, mas perseverantes na prática das boas obras merecermos o prêmio perpétuo: *ad perpetum præmium pervenire*.

## 14. A *FIDES* DO LATIM AO PORTUGUÊS

*In fide, quid credendum; (...) Fides est  
qua veraciter credimus id quod nequaquam videre valemus.*

(Santo Isidoro de Sevilha, *Etimologias*, 8:2, 3, 4)

O substantivo *fides* está ligado semanticamente ao verbo *credo*. No latim dos autores cristãos, como São Cesário, *fides* significa a fé cristã, o sentimento de respeito religioso voltado para Deus. Conforme lemos no Sermão XII, este substantivo deve estar ligado ao campo semântico do verbo *facio* (e também do verbo *ago*), pois a fé verdadeira é um sentimento comprovado pela realização das obras. Sendo assim, o substantivo que entre os autores latinos pagãos está ligado aos *verba credendi* (verbos com a acepção de crer, acreditar, como *credo*, no latim cristão semanticamente é associado aos *verba faciendi*, (verbos que significam fazer, realizar, executar). A *fides* romana é um *nomen credendi*, ao passo que a *fides christiana* é também um *nomen faciendi*.

Por esta razão, a etimologia latina *fides a fit*, no sermão que analisamos, foi cristianizada para fundamentar a verdade bíblica de que a fé sem as obras é morta. Este é o ponto de partida do Sermão XII em que São Cesário desenvolve sua pregação a respeito da verdadeira fé cristã.

A seguir estudaremos verbetes que comprovam esta cristianização semântica:

### a. O substantivo *fides*

*Fides* é a forma de grau zero da raiz \**bheidh-/bhidh-* (cf. *fido*) (ERNOUT E MEILLET, 1951:414) Seu sentido religioso é fé, crença; na língua jurídica possui numerosos empregos; serve de substantivo ao verbo *credo*.

#### a.1) Derivados e Compostos

Entre seus derivados, citemos: *fidelis* equivalente a *fidus* possui sentido religioso somente na língua da igreja. O plural *fideles* designa os cristãos. Daí provém: *fidelitas*, *fideliter*, *infidelis*, *infidelitas*, *infideliter*.

*Fides* e seus derivados são bem representados nas línguas românicas, graças à influência da Igreja. Como compostos temos: *perfidus*, *perfidia*, *perfidiosus*.

Outros derivados:

*fido*; *fidus* – “fiel, digno de fé”  
*fidare* – “confiar”  
*fidere* – “ter confiança”  
*fidamen*; *fiducia* – “vizinha de audácia pelo sentido”;  
*fiduciarus*, *fiducialiter*. *Fidius* – “o deus da boa fé”

Compostos de *fido*:

*confido* – “ter confiança”  
*confidens*, *confidenter*, *confidentia* – (geralmente com nuance pejorativa)  
*diffido* – “não ter confiança”  
*præfidens*, *præfidenter* – (raro)  
*pædus* – “tratado” (forma resultativa do cruzamento de um tema masculino \**bhoido* e de um tema neutro – *bheido*)

Do seu derivado *fæderatus* formou-se em época tardia *fædero* (*are*) e daí *confædero* e *confæderatio*.

#### a.2) Construções sintáticas latinas

O substantivo *fides* aparece numerosas vezes no Sermão 12, visto que nele São Cesário prega sobre o fundamento da fé cristã.

Com mais freqüência vem empregado no nominativo e no acusativo. No primeiro exemplo aqui citado é ressaltado o prestígio de que desfruta a fé: *Fides multis præconiis conlaudatur* (12.1).

Vem ainda empregado em formações sintagmáticas em que se destacam a virtude, o valor, a firmeza da fé.: *Virtus fidei, bonum fidel, fidem habere* (equivalente a *credere*).

A etimologia cristianizada de *fides* aparece no sermão quatro vezes, quando se destaca a necessidade das obras para comprovar a validade e a sinceridade da fé... *fides a fit nomen accepit* (12.2).

Consideramos altamente expressivos os exemplos que se seguem:

*fidem integram custodire*  
*nomen fidei intellegere*  
*veram fidei habere*  
*fidem rectam tenere*  
*et nomen fidei et virtutem eius plenius...agnoscere*  
*fidem integram se servasse congaudeat* (12.3)  
*fidem servare* (12.4)  
*fides sine operibus* (12.5) “A fé que não agrada a Deus”  
*fidem integram retinere* (12.6)  
*perfecta fides*

Como compostos e derivados de *fides* colhemos no sermão: *confido, fidelis, fideliter, fiducialiter*.

*toto corde verum esse confidat* (12.2)  
*quod te verbis fidelem dicis;*  
*sic...hoc...fideliter conservamus* (12.3)  
*fiducialiter...credere* (12.6)

### **a.3) Formações vernáculas**

Enumeramos aqui as palavras que em português pertencem ao radical de *fides* em formações verbais e nominais:

“fé, fidelidade, infidelidade”  
 “fiel, fielmente, infiel, fidelíssimo”  
 “pérfido, perfídia, fidúcia, fiduciário”

“fiar, fiador, fiança, afiançar, confiar, confiança, confiante, desconfiar, desconfiança”  
 “fidedigno (digno de fé, que merece confiança)”  
 “confidência, confidente, inconfidência, inconfidente”  
 “federação, federal, federativo”  
 “confederação, confederado”

#### a.4) Construções sintáticas vernáculas

Em português, crer e ter fé equivalem às formas latinas *credere* e *fidem habere* respectivamente, como já vimos várias vezes no sermão aqui analisado.

Ex: “crer em Deus = ter fé em Deus”

Além disso, o substantivo fé (*fides* em latim) aparece em várias expressões de sentido profano ou religioso:

“agir de boa fé (= com lealdade)”  
 “agir de má fé (= sem lealdade)”  
 “homem de fé, mulher de fé, jovem de fé (= que tem fé em Deus, que crê em Deus) a força da fé, o poder da fé”

Lembremos também nosso célebre provérbio:

“A fé remove montanhas”

Além dessas formações fraseológicas, citaremos o “Credo”, oração que representa a profissão de fé dos católicos, assim denominada a partir da primeira palavra (*credo* = eu creio) desta oração que no original latino assim começa: *Credo in unum Deum, Patrem omnipotentem...*

Passemos agora ao estudo da sintaxe vernácula.

Destaquemos primeiramente os verbos **confiar** e **desconfiar** (e derivados nominais). O verbo **confiar**, com o sentido de entregar é transitivo direto e indireto; com o sentido de acreditar é transitivo indireto (tem o objeto indireto introduzido por em); com este sentido também tem como complemento oração subordinada substantiva objetiva direta. Então vejamos:

“confiamos esta missão a pessoas idôneas”  
 “confiamos em Deus”  
 “confiamos que tudo correrá bem”

O verbo antônimo (**desconfiar**) é transitivo indireto (construído com a preposição *de*), podendo ter como complemento objeto indireto ou oração subordinada substantiva objetiva direta: “Desconfio de suas atitudes”, “Desconfiei de que ele procedia mal”

Mencionemos ainda os sintagmas abaixo, relacionados com o verbete fé (do latim *fides*):

“fazer fé = confiar, acreditar”  
 “dar fé (expressão cartorial) = autenticar, assegurar”  
 “ter fé = acreditar, crer”  
 “digno de fé = que merece crédito”  
 “digno de confiança = que merece confiança”  
 “dar confiança = dar atenção”  
 “ter confiança = confiar, acreditar”  
 “estar confiante = acreditar”

Exemplos:

“temos fé em Deus”;  
 “não dar confiança aos invejosos”;  
 “temos confiança em nossos atletas”;  
 “ele é pessoa de confiança”;  
 “estou confiante no futuro”

## **b. O verbo *credo***

Verbo pan-românico que significa depositar confiança em, acreditar, crer. O substantivo correspondente a *credo* é *fides*.

### **b.1) Derivados e Compostos**

Relacionemos os seus derivados:

*creditum* – “crédito, creditor, credor”;  
*creditarium* – “depositário” (*creditus*);  
*credibilis, incredibilis, incredibilitas*;  
*credulus* (com valor pejorativo, exceto no baixo latim);  
*credulitas, incredulus, incredulitas*;

*credentes* – “os cristãos”;  
 \**credentia* – substantivo criado para substituir *fides*; *credo* (*are*) de formação tardia

Entre os compostos citemos: *accredo*, *concredo*, *descredo* (no baixo latim).

## b.2) Construções sintáticas latinas

O verbo *credo* constrói-se como intransitivo; com acusativo, com acusativo e dativo; com proposição infinitiva. No sermão que examinamos, *credo* repete sua sintaxe clássica (aparece construído como intransitivo; como transitivo direto (acusativo); em proposição tendo por complemento uma oração subordinada infinitiva); mas ocorre ainda com proposição introduzida por *quod* (em concorrência com a proposição infinitiva clássica), construção que, de certa forma, pode evidenciar a presença da subordinada substantiva de infinitivo desenvolvida nas línguas românicas. Com o propósito de enfatizar o sentimento de fé, o verbo *credo* pode vir reforçado pelos advérbios de modo *fideliter* e *fiducialiter*, derivados dos substantivo *fides*. Vejamos os exemplos:

*unum credit* (12.2);  
*si utrumque fideliter credit*;  
*credere praemium quod promittit Deus*;  
*si unam rem volueris credere* (12.6);  
*bene credit* (12.5);  
*qui non credit*  
*ne nobis sine bonis operibus credamus fidem posse sufficere* (12.5)

Um único exemplo ocorre com ablativo introduzido por *in*: *Iste in eo probatur non credere*. (12.5)

Vejamo-lo tendo por complemento a subordinada introduzida por *quod*: *Sed ne forte aliquis credat, quod fides per capitalia tantum crimina frangi possit*. (12.3)

Citamos dois exemplos com o reforço do advérbio de modo:

*poteritis fideliter credere* (12.6)  
*ipse se fiducialiter dicit credere*

### b.3) Formações vernáculas

Existem numerosas palavras em português ligadas ao radical do verbo *credo*:

“crer, crença, crente, credence”;  
 “credor, crédito, crediário, crível, incrível”;  
 “crédulo, credulidade, incrédulo, incredulidade”;  
 “credibilidade, credencial, credenciar, credenciamento”;  
 “creditar, acreditar, desacreditar”;  
 “descrer, descrença, descrente, descrédito”.

### b.4) Construções sintáticas vernáculas

O verbo **crer** emprega-se como intransitivo, como transitivo indireto (com preposição em) ou como transitivo (com oração subordinada substantiva objetiva direta):

“é necessário crer”;  
 “creio em Deus”;  
 “creio que ele virá hoje”.

Seu antônimo (**descrer**) emprega-se como transitivo indireto (com a preposição de): “Descremos de nossos governantes”.

O verbo **acreditar** emprega-se como transitivo indireto (com a preposição em) ou como transitivo direto (com oração subordinada substantiva objetiva direta): “Acredito em sua lealdade”; “Acredito que ele diz a verdade”.

Destacamos finalmente expressões relacionadas com os verbos **crer** e **acreditar**:

“dar crédito a” = acreditar  
 “cair em descrédito” = ficar desacreditado  
 “estar crente” = acreditar (empregado sem preposição em português corrente): “estava crente que ele voltaria”.

### c. O verbo *ago*

O sentido original de “*ago*” exprime a atividade em seu exercício contínuo, enquanto “*facio*” exprime a atividade tomada em certo instante. *Ago* é essencialmente durativo; *facio*, quase determinado. Ambos são empregados no sermão que estamos analisando.

### c.1) Derivados e compostos latinos

Citemos entre seus derivados: *agmen* (marcha); *agilis*, *actio*, *actus*, *activus*, *actualis*, *actito* (freqüentativo), *actum*.

*Ago* forma numerosos compostos com prevérbios, a maioria em *-igo*, alguns contratos (*cogo*, *dego*): *abrigo* (expulsar); *adigo* (levar); *ambigo* (duvidar); *ambiguus*; *cogo*; *exigo* (expulsar); *exactio*; *exactor*, *inigo* (levar para); *prodigo* (dissipar); *prodigitas*; *prodigalitas*; *redigo* (reduzir); *subigo* (submeter); *transigo* (atravessar); *circumago* (levar em volta); *perago* (acabar).

Destaque-se ainda o freqüentativo intensivo *agito* (perseguir) e seus compostos: *cogito* (\**co* – *agito*); *cogitatio*, *cogitatus*, *praecogito*, *recogito*.

Com prevérbio negativo:

*incogitans*, *incogitantia*, *incogitatus*, *incogitabilis*;  
*exagito*, *subigito*.

### c.2) Construções sintáticas latinas

O verbo “*ago*” contrói-se com acusativo objeto direto ou acusativo introduzido por *in*. Pode ainda empregar-se com ablativo introduzido por *cum* ou *de*. No sermão XII, juntamente com *facio* indica as boas obras que o cristão deve realizar, ou as más obras que ele deve evitar:

*mala (opera) non agere. (12.2)*<sup>16</sup>  
*si opera mala egeris. (12.6)*  
*ea (opera) quae bona sunt agere... (12.6)*

Há também um exemplo onde se ressalta que a lealdade entre os homens depende da fé em Deus:

*“nescio si illam fidem quae inter homines agitur servare possimus. (12.3)*

---

<sup>16</sup> Os exemplos deste item foram retirados do Sermão XII de São Cesário (1971:401).

### c.3) Formações vernáculas

Ligados ao radical de *ago*, temos em português:

“agir, agência, agente, agenciar”;  
 “ação, acionar, ata, ato, ator”;  
 “atuar, atuação, atuante, ativo”;  
 “ativar, atividade, ativamente, desativar, coagir, coação, coator”;  
 “exigir, exigência, exigente, exato, exíguo, pródigo, prodígio, prodigioso, prodigalidade, prodigalizar”;  
 “reagir, reação, reator, reagente, reativar, retroagir, retroativo”;  
 “transigir, transigência, transigente, intransigência, intransigente, transição, transitório, transitivo, intransitivo”;  
 “agitar, agitação, agitador, cogitar, cogitação, ágil, agilidade, agilmente, agilizar”.

### c.4) Construções sintáticas vernáculas

O verbo **agir**, proveniente de *ago*, contrói-se como intransitivo: “Agimos com muita cautela”. Possui numerosos cognatos, que admitem predicação diferente, conforme vemos nos exemplos abaixo:

“os prepotentes coagem os mais fracos”  
 “exigimos o cumprimento da lei”  
 “exigimos que a lei seja cumprida”  
 “as ferrovias deficitárias foram desativadas”  
 “não cogitemos desse assunto”  
 “não transigimos com o mal”  
 “agilizamos os serviços desta repartição”

## d. O verbo *facio*

### d.1) Derivados e compostos

Este verbo possui numerosos derivados e compostos. Entre os primeiros, citamos:

*factum* (feito, ato);  
*facilis, facultas, facilitas*;  
*difficilis, difficultas, perfacilis; facinus* (ato bom ou mau);  
*factio* (facção); *factor*.

Os verbos compostos de *facio* apresentam o radical *-ficio*:

*affixio, affectio, affecetus, affecto* (are);  
*conficio* (acabar); *confectio, confector, confectura, confectus*

*deficio* (abandonar, faltar) *defectus*;  
*efficio* (acabar de fazer), *effectus*, *efficiens*, *efficienter*, *efficientia*, *effectio*,  
*effectivus*, *efficax*, *efficacia*; *inficio* (tingir);  
*interficio* (matar), *interfectio*, *interfector*, *interfectorix*, *interfectorius*;  
*officio*, *offector*, *offectura*;  
*perficio* (acabar, concluir), *perfectus*, *imperfectus*, *perfecte*, *perfectio*,  
*perfector*, *perfectrix*;  
*praeficio* (colocar na chefia de),  
*praeficus*, *praefica* (carpideira),  
*praefectus*, *praefectura*; *proficio* (avançar, progredir),  
*profectus*, *reficio*, *sufficio*;  
*officium* (proveniente de *opi* – *ficium*: trabalho, tarefa, dever), possui  
derivados: *officiosus*,  
*inofficiosus*, *officiose*, *officiositas* (no baixo latim), *officialis* (no latim  
imperial).

A voz passiva do infectum de *facio* é formada por um verbo ativo de aspecto durativo *fio* (raiz *\*bhewe-/ \*bhu-*). Na época clássica os seus compostos têm a passiva em *-ficio*, enquanto na época arcaica ainda existiam as formas em *-fio*.

#### d.2) Construções sintáticas latinas

O verbo *facio* contrói-se como intransitivo; com acusativo (objeto direto); com acusativo e dativo; com duplo acusativo; com subjuntivo introduzido por *ut*; com infinitivo.

No sermão analisado, este verbo está relacionado com as boas obras que o cristão deve realizar e as más obras que ele deve rejeitar (como ocorre com o verbo *ago*):

*bona opera facere* (12.2)  
*bene credis, si fecisti quod promisisti.* (12.5)  
*qui credit et non fecit.*  
*et facias bonum.* (12.6)

O composto *perficio* ocorre no trecho em que se ressalta o valor da fé na conclusão das boas obras: *Sine qua (= fide) nihil unquam boni operis inchoatur et perficitur* (12.1).

Ressaltamos ainda a importância do verbo *fio* na elaboração deste sermão, visto que São Cesário por quatro vezes sustenta que a etimologia de *fides* se prende a este verbo.

Este fato já existia na latinidade clássica, mas o bispo de Arles cristianizou este artifício lingüístico (visto tratar-se de etimologia fictícia), para comprovar o princípio cristão de que a fé sem obras é morta, ao afirmar:

*Fides enim a 'fit', id est, ab eo quod fiat, nomen accepit (12.1)*

Por conseguinte, nossa análise considera, para efeitos de pesquisa, que esta etimologia deve ser endossada como um recurso retórico de caráter doutrinário, utilizado pelo pregador para despertar em seus fiéis o sentimento de fé assentado numa prática religiosa perseverante: Quem crê em Deus, deve comprovar sua fé, realizando boas obras.

### **d.3) Formações vernáculas**

Ao radical de *facio* pertencem os seguintes verbos e nomes:

“fazer, fácil, facilidade, faculdade;”  
 “facínora, facinoroso;”  
 “fato, fator, factício, facção, faccioso;”  
 “feito, feitor, feitora, feitoria;”  
 “afazer, afetar, desfazer, desfeitear; afeição, afeto, confecção, confeccionar;”  
 “deficiência, deficiente, defeito, defeituoso;”  
 “eficiência, eficiente, eficaz, eficácia;”  
 “perfazer, perfeito, perfeição, aperfeiçoar, aperfeiçoamento;”  
 “refazer, refeição, refeitório;”  
 “suficiência, suficiente, insuficiência, insuficiente;”  
 “difícil, dificuldade, dificultar, dificultoso.”

### **d.4) Formações sintáticas vernáculas**

O verbo **fazer** (proveniente de *facio*) constrói-se como intransitivo; transitivo direto (com objeto direto, nominal ou oracional); transitivo direto e indireto.

“fiz este trabalho sem dificuldade” – fiz este trabalho.  
 “fiz um grande favor ao amigo” – só fazemos favores aos amigos.  
 “ele promete mas não faz.”  
 “faremos de nossos alunos profissionais eficientes.”

Citamos em seguida algumas expressões de uso corrente formadas com o verbo

**fazer.**

- “fazer bem” = (proceder bem); “fazer mal” = (proceder mal)
- “fazer o bem, fazer o mal.
- “fazer bonito” = sair-se bem; “fazer feio” = sair-se mal
- “fazer de conta” = imaginar
- “fazer fé em” = acreditar, confiar em
- “fazer (com) que” = esforçar-se por
- “fazer jus a” = merecer, ter direito a
- “fazer-se mister” = ser mister, ser necessário
- “fazer questão” = exigir
- “fazer cerimônia” = ficar acanhado, não se sentir à vontade
- “fazer ciente” = tornar ciente, informar
- “fazer festa” = acolher calorosamente
- “fazer –se de rogado” = recusar com insistência
- “fazer vista grossa” = fingir que não vê, omitir-se
- “fazer votos” = desejar muito

**e. O substantivo *verbum***

*Verbum* significa palavra, em oposição a *res* – coisa, realidade. Na língua da Igreja traduz o grego *logos* como nome do filho de Deus.

**e.1) Derivados e Compostos**

Possui como derivados: *verbosus*, *verbose*, *verbositas*, *verbalis*.

Formacompostos com o radical *–verbium*; *adverbium*, *adverbalis*, *diverbium* (diálogo na comédia em oposição o “cantica”, os cânticos), *praeverbium*, *proverbium*, *proverbialis*.

**e.2) Construções sintáticas latinas**

No sermão XII, o neutro *verbum* aparece no plural, para designar as palavras proferidas pelos homens, quando manifestam o seu sentimento de fé, em oposição a *opera*, as boas obras que devem comprovar essa fidelidade dos homens às leis divinas:

*quibuslibet verbis etiamsi cum multis iuramentis dicat se aliquis fidem habere... (12.1)*  
*credere verbis implere... factis*

*quod verbis promittis (12.2)*  
*Te verbis fidelem dicis*  
*quod verbis promisisti implere noluisti*  
*si vero quod verbis promisisti operibus implere dissimulasti (12.5)*

Uma única vez o plural “*verba*” aparece no sermão para designar as palavras utilizadas nas relações humanas, marcando a oposição entre os sintagmas *sine operibus verba* e *fides sine operibus* (a fé que não agrada a Deus):

*Si ergo nobis sine operibus verba non placent... (12.5)*

### **e.3) Formações vernáculas**

Apresentam o radical de *verbum* em português as palavras: verbo, verbal, verboso, averbar, averbação, advérbio, adverbial, deverbal, provérbio, proverbial.

Merece destaque o helenismo **parábola**, termo de retórica empregado com o sentido de comparação; na língua da Igreja tem o sentido parábola, provérbio, e na Vulgata o sentido de palavra, que permaneceu nas línguas românicas (exceto no romeno). Nelas “parábola” suplantou *verbum*, graças à frequência e à importância do seu emprego na língua religiosa, e também por causa do sentido de *verbum* (*verbum divino*) nessa mesma língua.

Em latim parábola tem os derivados *parabolare* (falar) e *parabolice* (figuradamente); em português possui numerosos derivados:

“palavra, palavrado, palavreado, palavrear, palavroso, palavrão, apalavrar, apalavrado, apalavramento”;  
 “par(o)lar, parolice, paroleiro, parlenda”;  
 “parlatório, parlamento, parlamentar”;  
 “palrar, palavrão, palrador”.

### **e.4) Construções sintáticas vernáculas**

O substantivo **palavra**, oriundo do latim *parabola* (que superou o neutro *verbum*), forma numerosas expressões nominais e verbais:

“homem de palavra” = honrado  
 “homem sem palavra” = mentiroso  
 “palavra de rei”  
 “dar a palavra”  
 “empenhar a palavra”  
 “cumprir (com) a palavra”  
 “faltar à palavra” = deixar de cumprir  
 “cortar a palavra” = interromper  
 “dar a palavra” = dar permissão para falar  
 “ter palavra”  
 “medir as palavras”  
 “pesar as palavras”  
 “tomar a palavra” = começar a falar

## f. O substantivo *opus*

Significa trabalho, obra, produto do trabalho (em sentido concreto). É um termo geral especializado nas línguas técnicas: *bona opera* (na língua da Igreja).

### f.1) Derivados e Compostos

Possui um derivado *opusculum* e os compostos:

*opifex* (operário, artesão), *officium* (de opificium), *officina* (de opificina); *offinator*, *officinatrix* (na época imperial).

O feminino *opera* (atividade do trabalhador, em sentido abstrato) provém do plural coletivo de *opus*.

Entre seus derivados, encontram-se:

*opella* (forma poética rara), *operosus* (laborioso), *operositas*, *operarius* (operário), *operaria*; *operor* e *opero* (trabalhar).

Temos ainda as formas tardias: *operator*, *operatrix*, *operatorius*, *operativus*, *operatio*, *cooperatio*, *cooperator*, *inopero*, *inopero*.

### f.2) Construções sintáticas latinas

*Opus* vem empregado no plural para designar as boas obras, determinados ou não pelo adjetivo *bonus*. Na aceção de obras más vem sempre determinado, no sermão estudado, pelo adjetivo *malus* ou pelo genitivo *diaboli*.

*et quomodo labiis promittitur, sic operibus impletur* (12.1)

*post bona opera* (12.2)

*bona opera facere perseverare* (único emprego no singular)

*abrenuntiasse diabolo et pompis illius non solum  
verbis sed etiam et operibus* (12.3)

*ad pompam vel ad opera diaboli pertinere* (12.4)

*si opera mala egeris* (12.6)

*si et bona simul et mala opera facere vultis...*

Uma única vez registramos *opera*, na acepção de tarefas que o escravo executa para seu senhor:

*et tamen opera quae iusserit implere dissimulet* (12.5)

### **f.3) Formações vernáculas**

Ligadas ao radical de *opus*, dentre outras, temos:

“opera, operar, operário, operação, operacional, operatório”;

“operoso, operosidade, operante, opúsculo, inoperância, inoperante”;

“obra, obrar, obreiro, obrador”;

“cooperar, cooperação, cooperativa, cooperador”;

“ofício, oficial, oficioso, oficializar, oficina”

### **f.4) Construções sintáticas vernáculas**

O substantivo **obra** é o representante mais corrente de *opus/opera* em português e forma várias expressões:

“obra de arte”

“obra de fachada” = de pouca importância

“obra de fôlego”

“obra de misericórdia”

“obra-prima”

“meter mãos à obra”

### **g. O verbo *impleo***

Significa **cumprir** e é o mais usado dentre os compostos de *pleo* (raiz \**ple-*).

### **g.1) Derivados e Compostos de *pleo* (verbo desusado)**

*adimpleo* (cumprir), *adimpletio*, *adimpletor*, *compleo* (cumprir), *completio*, *completus*, *complementum*, *completivus*, *completor*, *completorium*, *incompletus*;

*depleo* (esvaziar), *expleo* (esvaziar), *explementum*, *expletio*, *expletivus*, *expletus*, *inexpletus*, *impleo*, *impletio*, *impletus*;

*oppleo*, *repleo*, *repletus*;

*suppleo*, *supplementum*;

*plenus*, *pleniter*, *plenitas*, *plenitudo*, *plenarius*;

*plerus* (que subsiste na forma *plerusque*, de uso raro no singular).

À raiz de *pleo* e *plenus* pertencem ainda: *plus*, *plures*, *plurimus*, *pluritas*, *pluralis*, *pluralitas*, *pluraliter*, *plusculum*, *complures*.

### **g.2) Construções sintáticas latinas**

São Cesário empregou o verbo *impleo* e seu composto *adimpleo* com o sentido de cumprir, ao ressaltar em seu sermão que a fé deve ser comprovada pela prática de boas obras. Ambos os verbos constroem-se com acusativo ou ablativo:

*si... quod verbis promittis operibus implere nolueris...*(12.2)

*operibus adimplere*

*si... quod Deo promisimus non implemus...* (12.4)

*si quod verbis promittit operibus implere neglexerit* (12.5)

### **g.3) Formações vernáculas**

Ligadas aos radicais de *pleo*, *plenus* e *plus*, temos em português:

“adimplência, adimplente, inadimplência, inadimplente”;

“completo, completar, completivo, incompleto”;

“complemento, complementar, complementação”;

“cumprir, cumpridor, cumprimento; descumprir, descumprimento”;

“expletivo, implemento, repleto”;

“suplência, suplente, supletivo, suplemento, suplementar”;

“suprir, suprimento”;

“pleno, plenário, plenitude”;

“plural, pluralidade, pluralismo”.

Do adjunto ‘*plenus*’ provêm o adjetivo **cheio** e seus inúmeros cognatos, como destacamos abaixo:

“cheio, encher, enchente, enchimento”;  
 “desencher, preencher, preenchimento”;  
 “recheio, recheiar, reencher, reenchimento”.

#### **g.4) Construções sintáticas vernáculas**

Selecionamos alguns verbos de uso corrente para a exemplificação abaixo:

“completamos todas as questões da prova.”  
 “cumpra (com) o seu dever.”  
 “cumpre que trabalhemos.”  
 “não descumpram as ordens recebidas.”  
 “os torcedores encheram o estádio.”  
 “preenchi todos os formulários.”  
 “reenchemos o reservatório.”  
 “supriremos a todas as despesas.”

#### **h. O substantivo *bonum***

É a forma neutra substantivada do adjetivo *bonus* = bom, empregado em oposição a *malus* = mau.

##### **h.1) Derivados e Compostos**

Oriundo de *\*dwenos*, apresenta as formas arcaicas *duenos* e *duonos*. Possui como derivados o substantivo *bonitas*, sendo raras e tardias as demais formas em *bon-*.

O advérbio correspondente *bene* possui compostos clássicos e usuais: *benignus*, *beneficus*, *beneficium*.

##### **h.2) Construções sintáticas latinas**

*Bonum* é sempre empregado no sermão como substantivo neutro e como adjetivo, concordando com *opera*, as boas obras que comprovam a fé cristã. Aparece também o advérbio *male*:

*post bona opera* (12.2)  
*bona opera facere*  
*bene credis, si fecisti quod promisisti* (12.5)

*facias bonum* (12.6)  
*ea quae bona sunt agere totis viribus laboremus...*  
*cum fidelibus et in bonis operibus perseverantibus...*

### **h.3) Formações vernáculas**

Provenientes de *bonus* e *bene* em português:

“bom, bondade, bondoso, bonachão, boníssimo”;  
 “abonar, abono, abonação, abonador, abonamento”;  
 “desabonar, desabonador, bem, bens (patrimônio), benigno, benignidade”.

*Bene* é empregado como primeiro elemento de palavras compostas, sob as formas bene-/ bem- / ben- : benefício, benfazejo, bem aventurança, bem vindo, bem quisto.

### **h.4) Construções sintáticas vernáculas**

São inúmeras as expressões nominais e verbais formadas a partir de **bem**:

“homem de bem” = digno, honesto  
 “bem comum”  
 “bem estar”  
 “bem querer”  
 “falar bem de”  
 “dar-se bem” = obter êxito, ser bem sucedido  
 “querer bem a” = estimar, gostar muito de

## **i. O substantivo malum**

É a forma neutra substantivada do adjetivo *malus* – mau, em oposição a *bonus* – bom. O advérbio correspondente é *male*.

### **i.1) Derivados e Compostos**

Possui como derivados:

*malitia, malitiosus, malitiositas, malitas*;  
*malignus* (substantivado significa “*diabolus*” na língua da Igreja),  
*malignitas*.

O advérbio *male* serve de primeiro termo a inúmeros compostos que são antigos justapostos: *maledicus, maleficus, maleficium*.

### **i.2) Construções sintáticas latinas**

*Malum* é empregado no sermão como substantivo neutro e como adjetivo, concordando com *opera* para designar as obras más que o cristão deve evitar. O advérbio *male* também ocorre no texto:

*mala (opera) non agere* (12.2)  
*post mala (opera)*  
*ergo nec male sperandum est, nec male desperandum* (12.5)  
*et sine aliqua mora divertas a malo, et facias bonum*  
*...opera mala non faciamus...*

### **i.3) Formações vernáculas**

Provenientes de *malus* e *male* em português: mau, mal, maldade, maldar, maldoso; malícia, malicioso, maligno, malignidade.

*Male* é empregado como primeiro elemento de palavras compostas, sob as formas male- e mal: maledicente, malefício, maldizente, malfazejo, malquisto.

### **i.4) Construções sintáticas**

Dentre as numerosas expressões nominais e verbais formadas a partir de **mal**, comentemos:

“de mal a pior”  
 “mal-entendido” = confusão, equívoco  
 “mal estar”  
 “cortar o mal pela raiz”  
 “dar um mau passo” = proceder mal  
 “dar-se mal” = fracassar  
 “levar a mal”  
 “querer mal a”

### **j) O verbo *promitto***

Proveniente da língua augural com o sentido de colocar diante dos olhos, adquiriu o sentido de prometer, comprometer-se, na língua corrente.

### **j.1) Derivados e Compostos**

Tem como derivados e compostos: *promissio, promissor, promissum, compromitto, compromissum, repromitto*.

### **j.2) Construções sintáticas latinas**

O verbo *promitto* constrói-se com acusativo; com acusativo e dativo; com infinitivo; com preposição infinitiva; absolutamente, com sentido de fazer promessas; com *ad*, tendo o sentido de prometer, ir.

No sermão analisado, aparece em duas situações bem definidas: refere-se às promessas que os homens fazem e que devem ser cumpridas, e refere-se também à recompensa eterna que Deus reserva para os justos. Neste segundo caso, aparece em orações subordinadas relativas que têm como antecedente expresso ou elíptico o substantivo neutro *praemium* – prêmio, recompensa.

Neste segundo emprego, *promitto* vem empregado em oposição a *minor*, ameaçar (verbo que se refere aos castigos que sofrerão os pecadores):

*Et quod promittit Deus et quod minatur, toto corde verum esse confidat.*  
(12.2)

*Crede praemium quod promittit Deus...*

*Melius est cuiquam non promittere quam quod promiserit implere non velle. Illam... primam et praeclaram promissionem, quam Deo promittimus... servare debemus...* (12.3)

*Fiat ergo in primis quod Deo promittitur, ut id quod hominibus promissum fuerit impleatur.*

### **j.3) Formações vernáculas**

Pertencem ao radical do verbo *promitto*, em português:

“prometer, promessa, promessa, promissão, promissor, promissória”;  
“comprometer, compromisso”.

#### j.4) Construções sintáticas vernáculas

O verbo **prometer** constrói-se com objeto direto, com objeto direto e indireto, com infinitivo; com oração subordinada substantiva objetiva direta, como verbo intransitivo:

“prometi um presente ao meu sobrinho.”

“prometo-lhe que voltarei logo.”

“ela prometeu voltar amanhã.”

“quem promete deve cumprir.”

O verbo **prometer** forma várias expressões de uso corrente; o mesmo ocorre com o substantivo **promessa**:

“cumprir (uma) promessa”

“fazer (uma) promessa”

“pagar (uma) promessa”

“prometer o céu e a terra” = fazer promessas exageradas, prometer coisas impossíveis

“prometer mundos e fundos” = o mesmo sentido

#### l) O substantivo *praemium*

É a parte do saque tomado ao inimigo e oferecido à divindade responsável pela vitória ou ao general vencedor. Na língua corrente adquiriu o sentido de prêmio, recompensa legítima.

##### l.1) Derivados

Tem como derivados: *praemior*, *praemiator*, *praemiatrix*, *praemiosus*, *praemialis*.

##### l.2) Construções sintáticas

São Cesário emprega *praemium* (em oposição a *poena* e a *suplicium*) com o sentido de recompensa eterna dos justos. Em vários exemplos ocorridos nesse sermão, serve de antecedente expreso ou elíptico para a oração subordinada relativa *quod promittit Deus*.

*praemium vitae aeternae*  
*ad praemium pervenire*  
*credere praemium quod promittit Deus*  
*desiderantes praemium* (12.6)  
*cum*

*cum fidelibus et in bonis operibus perseverantibus ad perpetuum vereamur  
praemium pervenire*

### **l.3) Formações vernáculas**

São provenientes do radical de *praemium* em português: prêmio, premiar, premiação.

### **l.4) Construções sintáticas vernáculas**

Em português, premiar é o verbo proveniente do substantivo *praemium* e constrói-se como transitivo direto; **prêmio** é o substantivo deverbal correspondente.

“A comissão julgadora premiou os vencedores do concurso.”

“Os vencedores do concurso receberam vários prêmios.”

### **m) O verbo *minor***

Este verbo é derivado de *minae* (saliência de um rochedo; do sentido de coisa suspensa adquiriu o sentido de ameaçar) e significa **ameaçar**. Na língua rústica e popular, em época tardia, surgiu uma forma ativa *mino* (conduzir os animais aos gritos).

#### **m.1) Derivados e Compostos**

*emineo, eminentia, immineo, imminetia;*  
*praemineo, promineo, trnsmineo;*  
*praeemineo, superemineo;*  
*emino, promino, minax (ameaçador);*  
*minancia (e) (forma popular que substitui minae), minatio, minitor,*  
*adminor, adminitor; comminor, interminio, praeminor.*

#### **m.2) Construções sintáticas latinas**

O verbo *minor* constrói-se com dativo; com acusativo e dativo; com proposição infinitiva. Neste sermão, vem empregado em oposição a *promitto*, e refere-se aos castigos reservados aos pecadores, após a morte.

*Et quod promittit Deus et quod minatur, toto corde verum esse confidat.*  
*Credere praemium quod promittit Deus et supplicium quod minatur.*

### **m.3) Formações vernáculas**

Oriundos do radical de *minae* e *minor* temos em português: mina, minar, minado, minaz (ameaçador), ameaça, ameaçar, ameaçado; eminência, eminente, iminência, iminente, preeminência, preeminente, proeminência, proeminente.

### **m.4) Construções sintáticas vernáculas**

Aqui destacamos o verbo **ameaçar**, transitivo direto e indireto, que também se constrói com infinitivos:

“ameacei-o com os punhos cerrados.”

“ameaçamos denunciá-lo às autoridades.”

“o inimigo ameaçava a cidade.”

Ressaltamos ainda as expressões: fazer ameaça (ameaçar) e receber ameaça = ser ameaçado.

### **n) O substantivo *supplicium***

É a súplica dirigida aos deuses, quer para obter um favor, quer em ação de graças ou como forma de submissão; ato pelo qual se apaziguam os deuses, sacrifício. Este substantivo tendeu a ser empregado no sentido do sacrifício oferecido para aplacar os deuses em virtude de uma falta cometida; na língua corrente passou a designar por eufemismo o castigo, e daí o suplício. É um derivado do adjetivo *supplex* = que se curva sobre os joelhos, que se prosterna, suplicante.

#### **n.1) Derivados de *supplex***

*suppliciter, supplico, supplicatio, supplicator, supplicanter, supplicium.*

#### **n.2) Construções sintáticas latinas**

O substantivo *supplicium* vem empregado em oposição a *praemium* (recompensa eterna dos justos) e designa o castigo perpétuo aos pecadores, quase sempre neste sermão, serve de antecedente expreso ou oculto para a oração:

*quod minatur (Deus) supplicium poenae perpetuae (12.2).  
credere praemium quod promittit Deus, et supplicium quod minatur.  
et tementes supplicium opera mala non faciamus, et desiderantes praemium  
ea quae bona sunt agere totis viribus laboremus (12.6).  
aeternum supplicium sustinere.*

### **n.3) Formações vernáculas**

Provenientes do radical de *supplex* e *supplicium*, temos em português: súplica, suplicar, súplice, suplicante, suplício e suplicar.

### **n.4) Construções sintáticas vernáculas**

Destacamos em português os verbos **suplicar** (oriundo de *supplex*) e **supliciar** (oriundo de *supplicium*).

“o mendigo suplicava esmolas”  
“suplicou que lhe perdoassem o erro cometido”  
“o tribunal supliciou o criminoso”

### **o) O substantivo *poena***

Significa punição, castigo, e com ampliação do sentido, pena, sofrimento.

#### **o.1) Derivados e compostos**

Possui os derivados *poenalis* e *poenarius*. Apresenta vários derivados e compostos com contração do ditongo em *-u-*:

*punio, punitio, punitor;  
impunis, impunitas, impunitus*

#### **o.2) Construções sintáticas latinas**

*Poena* emprega-se em oposição a *praemium*, neste sermão designa o castigo eterno dos pecadores.

*praemium vitae aeternae, et supplicium poenae perpetuae  
mala non agere, ut poenam possit evadere (12.2)  
si... agere nolueris ut poenam perpetuam possis evadere, et ad aeternae  
praemia pervenire...*

### **o.3) Formações vernáculas**

São provenientes do radical de *poena* e *punio* em português:

- “pena, penal, penalidade, penalizar”;
- “penar, penoso”;
- “punir, punição, punitivo”;
- “impune, impunidade, impunemente”.

## CONCLUSÃO

São Cesário de Arles foi o mais notável pregador da Gália no século VI, tendo iniciado suas atividades religiosas muito jovem, no final do século anterior. Conhecia profundamente os textos sagrados e as obras dos doutores da Igreja, o que nos levou a pesquisar a trajetória do latim, desde a época clássica até a constituição da latinidade cristã.

O latim dos cristãos é uma língua próxima do latim clássico, embora conserve alguns traços do latim popular dos primeiros séculos da era cristã e abone muitos neologismos de procedência helênica ou hebraica.

A língua de São Cesário representa um compromisso entre a língua literária imperial, evolução natural do latim ciceroniano, e a língua falada. Por este motivo seus sermões são pregados numa linguagem acessível a todos os fiéis, independentemente de seu grau de instrução, adotando estruturas morfossintáticas coerentes com o sistema lingüístico do latim e léxico ligado à vida cotidiana dos fiéis arlesianos (*communia verba*).

No Sermão XII, a fé é definida e comentada a partir de uma etimologia clássica, obtida pela vinculação de *fides* (fé) ao radical da forma verbal *fit* (é feito). Este recurso literário *fides a fit* foi utilizado para provar aos fiéis que “a fé sem as obras é morta”.

O autor criou um vínculo semântico entre um *nomen credendi* (*fides*), expressão do crer, e os *verba faciend*” latinos (ago e facio) para ensinar que “ter fé” significa não apenas

“crer em Deus”, mas também “realizar as boas obras” que agradam a Deus e trazem como recompensa a vida eterna.

Seguindo essa diretriz estilística, São Cesário estruturou diversos sintagmas nominais, verbais e oracionais que dão relevo ao vínculo semântico-etimológico estabelecido, com apóio de inúmeras passagens bíblicas onde lemos que ter fé (*fidem habere*) significa fazer boas obras (*bona opera facere*).

Por fim, desejamos destacar que Cesário como bom evangelizador cristão, tinha um cuidado especial ao se dirigir aos neoconvertidos. Em sua pregação, utilizava estratégias sugestivas (claramente intencionais) para o convencimento daqueles que o ouviam.

Em verdade, estas estratégias de São Cesário permitem ao leitor, ao longo de seu belíssimo sermão, perceber que *fides* já apresenta um novo sentido. Não é mais a *fides* latina clássica que expressava uma espécie de contrato social: a obrigação ao cumprimento da palavra, atitude eminentemente ligada às coisas terrenas.

Quando o bispo de Arles usa a palavra *fides* para evangelizar seus fiéis, afirmando que esta vem de *fit* (verbo fazer), procura respaldar o fato de que o sentimento de *fides* para os cristãos é “fazer as obras. Para ele, não há fé sem a realização das obras”. Para ele, não há fé sem a realização de ações concretas que a demonstrem. Cesário, partindo da etimologia de *fit* (fazer) passa, então, a usar *fides* em um plano transcendental. O sentido de *fides* está voltado para o espírito (sentimento do homem), e é esse “acreditar que ‘ter fé’ é ‘fazer obras’” que revela estar a palavra como empregada no Sermão XII, com o valor religioso e cultural lhe atribuído por uma sociedade agora cristã.

Percebeu-se, assim, ao longo desta pesquisa, que houve um deslocamento semântico de *fides* do campo objetivo para o campo subjetivo: de uma acepção mais ligada ao coletivo e ao concreto, *fides* passa, ao ser cristianizada, a um sentido subjetivo,

expressando uma atitude individual cristã e, por isso, espontânea. É agora uma *fides* que não depende de outrem: é uma manifestação própria e inerente àquele que crê.

Para demonstrar a nova *fides*, Cesário utilizou recursos argumentativos em defesa da verdade cristã, como interrogações, exclamações, apóstrofes, dialogo fictício com seu destinatário, repetições e antíteses como *praemium vitae aeternae e supplicium poenae perpetuae* que se repetem no decorrer da pregação. Associando-os a uma análise do léxico sermonário vinculado ao crer e ao fazer, foi possível estabelecer uma relação de verbetes em nossa pesquisa, mostrando as relações morfossintáticas entre os cognatas latinos de *fides, credo, ago e facio* e os seus representantes diacrônicos do português contemporâneo. Neles ainda hoje subsistem as conotações profanas e religiosas que estiveram vigentes na língua latina.

Registramos, por fim que este tipo de pesquisa, com objetivo inicial ligado estritamente ao campo lingüístico, permitiu descortinar várias relações e possibilidades no campo das Ciências Humanas. Concluimos, assim, que tal vertente de pesquisa possui inúmeras possibilidades de aplicação para pesquisadores interessados no estudo do latim cristão como um instrumento de trabalho para análise de assuntos em áreas como Teologia, História, Filologia e Sociologia.

## BIBLIOGRAFIA

**AMATUCCI, A.G.** *Storia della letteratura latina cristiana*. Bari: Gius & Figli, 1929.

**AUBIS, P.** Le problème de la ‘conversion’. Étude sur un thème commun à l’Hellénisme et au Christianisme des trois premiers siècles. Paris: PUF, 1963.

**AUERBACH, Erich.** *Introdução aos estudos literários*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. *Lingua litteraria e publico della tarda antichità latina e nel mediuevo*. Milano: Giugrè, 1960.

**BERTRAND, Dominique et alli.** *Cesaire d’Arles et la cristianisation de la Provence*. Paris : Les Editions du Cerf, 1994.

**BÍBLIA.** Português. *Bíblia*. Trad. pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora “Ave Maria” Ltda, 66<sup>a</sup> ed..

**BIBLIA SACRA IVXTA VVLGATAM CLEMENTINAM.** 10 ed.. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

**BLAISE, Albert.** Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens. Strasbourg. 1954.

**BUENO, Francisco da Silveira.** *A formação histórica da língua portuguesa*. RJ: Livraria Acadêmica, 1995.

\_\_\_\_\_. *Manuel du latin chrétien*. Strasbourg, 1955.

\_\_\_\_\_. *Saint Césaire d’Arles*. Namur, 1962.

**CAVALIERE, Ricardo.** *Fonologia e morfologia da gramática científica brasileira*. Niterói: Eduff, 2000.

**CESAIRE D’ARLES.** *Sermons au Peuple*. Introduction, traduction et notes per Maria José Delage. Paris: Les Éditions du Cerf, 1971. v.1

**CHANTRAINE, Pierre.** Dictionnaire étymologique de la langue grecque; histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1981.

**CITELLI, Adilson.** *Linguagem e persuasão*. SP: Ática, 1995.

**COROMINAS, Joan.** Dicionário crítico etimológico castellano e hispânico. Madrid: Editorial Gredos, sd.

**COSERIU**, Eugenio. *Tradição ou novidade na ciência da linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença Ed. da USP, 1980.

**COSTA**, Agenor. *Dicionário de sinônimos e locuções da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

**CUNHA**, Maria Angélica Furtado et alii ( org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**CURTIUS**, Ernest Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral com a colaboração de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: INL, 1979.

**DANTAS**, José Maria. *Novo Manual de Literatura*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editorial S.A., 1979.

**ERNOUT**, Alfred & **MEILLET**, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4.éd. Paris: 1951.

**ERNOUT**, Alfred et **THOMAS** Francois. *Syntaxe latine*. 2.éd. Paris: Librairie Klincksieck, 1964.

**ERNOUT**, Alfred. *Morphologie historique du latin*. 3.éd. Paris: Librairie Klincksieck, 1953.

**FARIA**, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino Português*. 4.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

\_\_\_\_\_. *Fonética Histórica do Latim*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica,

\_\_\_\_\_. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica., 1958.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário latino-português*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1943.

**FERDINAND**. *O Fim do Mundo Antigo e o Príncipe da Idade Média*. Tradução Emanuel Godinho, Lisboa, Edições 70, 1985. 455 p. (Cap. XIV e XV - 3a. parte -)

**FERNANDES**, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 18 ed. Porto Alegre: Globo, 1969.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1968.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de verbos e regimes*. 4.ed. Porto Alegre: Editora Globo.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5 impr. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, sd.

**FREYBURGER**, Gérard. *Fides: étude sémantique et religieuse depuis les origines jusqu'à l'époque augustéenne*. Paris: Les Belles Lettres, 1986.

- GAFFIOT**, Félix. *Dictionnaire latin Français*. Paris: Hachetet, 1934.
- GAILLARD**, Jacques. *Introdução à literatura latin: das origens a Apuleio*. Portugal: Editorial Inquérito, 1992.
- GLARE, P. G. W.** *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press. Reprinted, 1990.
- GOULART**, Audemaro et **VIEIRA DA SILVA**, Taranto. *Estudo Dirigido de Gramática Histórica e Teoria da Literatura*. Editora Brasil S.A., 1975.
- GRIFFE**, E. *La Gaule chrétienne et l'époque romaine*. Paris : Editions A. Et J. Picard. Institut Catholique, 1947.
- GRIMAL**, P. *La civilización romana*. Trad. F. de C. Serra Ràfals. Barcelona: Juventud, sd.
- GUIRAUD**, Pierre. *A semântica*. Trad. São Paulo: DIFEL, 1980.
- HAUY**, Amini Boianain. *História da língua portuguesa. Séculos XII, XIII E XIV*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, sd.
- HINNELS**, John R. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- HORTA**, Guida Nedda B. P. *Os gregos e seu idioma*. RJ: Editora Di Giorgio, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Helenismo e Cristianismo na Calíope: presença clássica*. nº 7 . Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- ILARI**, Rodolfo. *Lingüística românica*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- JOSÉ DE ANCHIETA**, S. J. *Poema da bem-aventurada Virgem Maria, mãe de Deus*. V. 1, versos 1725-1770. 70. São Paulo: Edições Loyola, 1980. v. 1.
- LABRIOLLE**, Pierre. *Histoire de la Littérature Latine Chrétienne*. 3. éd. Paris : Les Belles Lettres, 1947.
- \_\_\_\_\_. *La réaction païenne ; étude sur la polémique antichrétienne du I au V siècle*. Paris : L'Artisan du Livre, 1948.
- LE GOFF**, J. *L'Imaginaire Medieval*. Paris: Gallimard, 1985.
- \_\_\_\_\_. *La civilización del occidente medieval*. Trad. F. de C. Serra. Ràfols. Barcelona: Editorial Juventud, 1969.
- \_\_\_\_\_. *L'Imaginaire romain et le christianisme*. Paris: Flamarion, 1969.
- LEJAY**, Paul. *Le rôle théologique de Césaire d'Arles*. Paris: 1906.

- LEPELLEY**, Claude. *L'Empire romain et le christianisme*. Paris: Flammarion, 1969
- LEWIS**, Charlton T. & **SHORT**, Charles. *A Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- LOT**, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1985, 455p. (Cap. XIV e XV – 3ª parte –).
- MACHADO**, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967. 3 v.
- MAIA**, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra : INIC, 1986.
- MARROU**, H. I. *Decadência romana e antigüidade tardia*. Trad. Madri: Rialp. 1980.
- MARTELOTA**, Mário Eduardo. *A mudança lingüística*. In CUNHA, Maria Angélica Furtado et alii (org.). *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro:DP&A, 2003.
- MARTIN**, René & **GAILLARD**, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris. : Éditions Nathan/Scodel, 1990.
- MARTINS**, Joaquim Pedro de Oliveira. *O helenismo e a civilização cristã*. Lisboa: Guimarães, 1952.
- MAURER JR**, Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MILLAR**, F. *El império y sus pueblos limitrofes*. Madri : Siglo XXI, 1984.
- MORHMANN**, Christine. *Études sur le latin des chrétiens*. vol. 1. Paris, 1952.
- MOLINARI**, Edison Lourenço. *A etimologia literária*. In: Uniletras. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 15 : 13-19, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A etimologia como recurso literário*. In: Calíope – Presença Clássica. Faculdade de Letras da UFRJ. Jul a Dez, 1988. 7 : 61-69.
- \_\_\_\_\_. *A etimologia segundo Santo Isidoro de Sevilha*. In: Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro : Publicações Dialogarts, 1999.
- NASCENTES**, Antenor. *Dicionário Etimológico da língua português*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1995.
- SILVA NETO**, Serafim. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- PARATORE**, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

**PEREIRA**, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

**QUINTILIAN**. *Institution Oratoire*. Trad. Jean Cousin. Paris : Les Belles Lettres, 1976.

**ROBERT**, Paul. *Dictionnaire alphabétique analogique de la langue française*. Société du Nouveau Lettré, Alain Ruy, 1973.

**SAID**, Ali. *Gramática histórica da língua português*. São Paulo: Melhoramentos., 1964.

**SAN ISIDORO DE SEVILLA**. *Etimologias*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos., 1982. v. 1.

**SARAIVA**, F. R. Dos Santos. *Novíssimo dicionário latino português*. 5 ed. Rio de Janeiro: H. Garnier.

**SCHNÜRER**, Gustave. *L'église et la civilization au Moyen Âge*. Paris : Payot, 1933.

**SILVA NETO**, Serafim. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

**ULMANN**, Stephen. *Semântica*. Trad. Coimbra : Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

\_\_\_\_\_. *Semântica : uma introdução à ciência do significado*. Trad. De J. A. Osório Mateus. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

**VOGEL**, C. *Césaire d'Arles*. Paris: 1964.

**WILLIAMS**, Edwin B. *Origens da Idade Média*. Trad. De Waltencir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

\_\_\_\_\_. *Do latim ao português*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, 1961.

## SERMO XII<sup>17</sup>

### Expositio fidei, et interpretatio nominis eius

1. In omnibus divinis lectionibus, fratres carissimi, fides multis <sup>30</sup>præconiis conlaudatur, quam non solum divinæ scripturæ, sed etiam <sup>1</sup>totum genus humanum laudare non cessat. Atque utinam quomodo <sup>1</sup>laudatur lingua, sic laudaretur et vita : quomodo prædicatur ex ore, (57) sic et teneretur ex corde ; et quomodo labiis promittitur, sic operibus <sup>1</sup>impleretur. Tanta enim est virtus fidei, ut etiam illi eam laudare præsumant, qui eam servare dissimulant. Et vere merito laudatur <sup>1</sup>fides, sine qua nihil unquam boni operis inchoatur atque perficitur, <sup>5</sup>secundum illud quod scriptum est: « Sine fide impossibile est quem <sup>1</sup>quam placere Deo<sup>a</sup> » De ipsa enim ex persona Christi et ecclesiae <sup>1</sup>dicitur : « Veni proxima mea ab initio fidei<sup>b</sup>. » Ipsam etiam beatus <sup>1</sup>apostolus Paulus in illo catalogo, ubi omnes antiquos sanctos collau<sup>1</sup>davit, per singulos commendavit dicens: « Fide Abel, fide Enoch, <sup>10</sup>fide Noe, fide Abraham placuerunt Deo<sup>c</sup> » et cetera. De hac etiam <sup>1</sup>ipse Dominus in evangelio dixit : « Fides tua te salvum fecit<sup>d</sup> » ; et illud : « Si credis, omniaabilia sunt credenti » et illud ; « Si habueritis <sup>1</sup>fidem ut granum sinapis, dicetis huic arbori moro : eradicare <sup>1</sup>et transplantare, et fiet vobis<sup>f</sup>.

Cum ergo tantis laudibus bonum <sup>15</sup>fidei prædicetur, a multis tamen nominis eius proprietas ignoratur. <sup>1</sup>Fides enim a « fit », id est, ab eo quod fiat, nomen accepit : quia in ipsa <sup>1</sup>omnium non solum divinarum, sed etiam humanarum rerum firmitas <sup>1</sup>continetur. Unde quibuslibet verbis etiamsi cum multis iuramentis <sup>1</sup>dicat se aliquis fidem habere, si id quod se dicit credere verbis implere <sup>20</sup>noluerit factis, non est fides, quia, sicut dixi, fides a « fit » nomen accepit.

---

<sup>17</sup> Cesaire d'Arles (1971:398).

2. Videamus quid sit quod debeat facere, qui fidem vult integram custodire : hoc sine dubio, in quo fundamentum christianæ religionis firmissime continetur, ut et quod promittit Deus et quod <sup>1</sup>minatur, toto corde verum esse confidat. Tunc enim et nomen fidei <sup>35</sup>intelligere, et virtutem eius plenius poterit agnoscere, si ista duo <sup>1</sup>sibi ante oculos suos proponat, id est, præmium vitæ æternæ, et <sup>1</sup>supplicium poenæ perpetuæ. Et quia unum credere, et de alio <sup>1</sup>dubitare nihil prodest, cum grandi diligentia unusquisque interroget <sup>1</sup>cor suum, si utrumque fideliter credit : et si in istis duabus rebus <sup>30</sup>veram fidem se habere cognoverit, corde firmissimo retinens, quod <sup>1</sup>et iusti post bona opera accepturi sint gloriam, et iniusti post mala <sup>1</sup>perpetuam passuri sint pœnam, cum haec fideliter crediderit, si (58) toto animo contendit bona opera facere, per quæ possit ad præmium <sup>1</sup>pervenire, et mala non agere, ut pœnam possit evadere, fidem rectam <sup>1</sup>se tenere congaudeat, et Deo gratias agat, et cum ipsius adiutorio <sup>1</sup>in ipso opere perseverare contendat. Hæc ergo, fratres, si diligenter <sup>5</sup>vultis attendere, et nomen fidei et virtutem eius plenius poteritis <sup>1</sup>agnoscere.

Et quia fides a « fit », sicut superius dixi, nomen accepit, <sup>1</sup>si te milies dicas fidem habere, et quod verbis promittis operibus <sup>1</sup>implere nolueris, penitus non est fides. Et si te adseras credere præ<sup>1</sup>mium quod promittit Deus, et supplicium quod minatur, et tamen, <sup>10</sup>ut sæpe iam dictum est, agere nolueris ut pœnam perpetuam possis <sup>1</sup>evadere, et ad æterna præmia pervenire, omnino non est in te fides; <sup>1</sup>et non solum te nihil adiuvat, quod te verbis fidelem dicis, sed et <sup>1</sup>multum tibi etiam nocet : quia melius est cuiquam non promittere, <sup>1</sup>quam quod promiserit implere non velle. Solum enim nomen fidei <sup>15</sup>te liberare non poterit : quin potius sicut iam dictum est, inde dupl<sup>1</sup>iter reus eris, quia quod verbis promisisti implere noluisti ; et clamat <sup>1</sup>tibi per Iacobum Spiritus sanctus : « Fides sine operibus mortua est<sup>a</sup>. »

3. Et licet totum quicquid homo promiserit, si potest, debeat ope<sup>1</sup>ribus adimplere, illam tamen primam et præclaram promissionem, <sup>20</sup>quam eo tempore quo in baptismo

*renascimur Deo promittimus, <sup>1</sup>specialiter cum ipsius adiutorio servare debemus. Interrogamur enim <sup>1</sup>in baptismo, utrum abrenuntiemus diabolo, pompis et operibus <sup>1</sup>eius ; et abrenuntiatiuros nos voce libera respondemus. Quod quia <sup>1</sup>infantes per se minime profiteri possunt, parentes ipsorum pro eis <sup>25</sup>fideiussores existunt. Si ergo hoc quod primum est, et in quo funda<sup>1</sup>mentum christianæ religionis consistit, fideliter conservamus, certum <sup>1</sup>est quod reliqua cum ipsius adiutorio implere poterimus.*

*Si vero <sup>1</sup>hoc quod Deo promittimus implere negligimus, nescio si illam fidem <sup>1</sup>quæ inter homines agitur servare possimus. Si enim homini cuilibet <sup>30</sup>potestatem habenti periculose aliquid promittimus, si hoc implere <sup>1</sup>negligimus, quantum periculosius est Deo promittere, et non reddere? Sed hominem ideo veremur, quia aut mortem aut damnum corporis <sup>1</sup>expavescimus ; Deo ideo reddere dissimulamus quod promittimus, <sup>1</sup>quia mortem animæ omnimodis non timemus. Et ubi est illud (59) evangelicum : « Nolite timere eos qui corpus occidunt ; sed potius <sup>1</sup>eum timete, qui, postquam occiderit, habet potestatem mittere <sup>1</sup>in gehennam<sup>a</sup>? » Fiat ergo in primis quod Deo promittitur, ut id quod <sup>1</sup>hominibus promissum fuerit impleatur.*

*Consideret unusquisque <sup>5</sup>conscientiam suam : et si se implese viderit quod promisit, abrenun<sup>1</sup>tiasse diabolo et pompis illius non solum verbis sed etiam et operibus <sup>1</sup>recognoscit, fidem integram se servasse congaudeat. Sic tamen sit <sup>1</sup>securus de præteritis, ut sit sollicitus de futuris : quia non qui cæperit, <sup>1</sup>sed « qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit » Sed ne <sup>10</sup>forte aliquis credat, quod fides per capitalia tantum crimina frangi <sup>1</sup>possit : quid interest utrum se maiori an minori gladio unusquisque <sup>1</sup>percutiens interficiat? Qui hoc dicit, adtendat etiam de otioso sermone <sup>1</sup>fidem periclitari posse, de quo Dominus in die iudicii rationem dixit <sup>1</sup>esse reddendam ; et illud : « Qui dixerit fratri suo racha sive fatue, <sup>15</sup>reus erit gehennæ ignis<sup>c</sup>. »*

4. Consideret ergo unusquisque, sicut iam dictum est, quod <sup>1</sup>in baptismi sacramento promisit ; et quia pactum cum Domino fecit, <sup>1</sup>videat si eum ex nulla parte violavit. Quando enim interrogatus est : <sup>1</sup>Abrenuntias diabolo, pompis et operibus eius? tunc ei sacerdos <sup>20</sup>subscribendum pactum obtulit ; quando autem respondit : Abrenuntio, <sup>1</sup>tunc subscripsit. Si ergo, sicut iam supra dictum est, quod Deo pro<sup>1</sup>misimus non implemus, nescio si hominibus fidem servare possimus.

<sup>1</sup>Promisimus enim nos abrenuntiuros diabolo, pompis et operibus <sup>1</sup>eius. Quæ autem sunt pompæ diaboli, prope nullus ignorat : tamen <sup>25</sup>vel ex parte aliqua dicere vobis necesse est. Omnia spectacula vel <sup>1</sup>furiosa vel cruenta vel turpia, pompæ diaboli sunt. Gulæ vel ebrietati <sup>1</sup>servire, libidini vel luxuriæ infelicem animam subiugare, ad pompam <sup>1</sup>diaboli certum est pertinere ; quia in talibus actibus illius voluntas <sup>1</sup>impletur. De adulteriis vero vel homicidiis, rapinis vel testimoniis <sup>30</sup>falsis quid opus est ut dicantur ad pompam vel ad opera diaboli <sup>1</sup>pertinere, cum hoc nullus possit hominum ignorare? Nam et auguria <sup>1</sup>observare, et præcantatores adhibere, et caragios, sortilogos, divinos <sup>1</sup>inquirere, totum hoc ad pompam vel ad opera diaboli non est dubium <sup>1</sup>pertinere.

Et ideo, quia pauci inveniri possunt qui se ex his omnibus <sup>35</sup>liberos esse congaudeant, unusquisque, sicut iam dixi, recurat ad <sup>1</sup>conscientiam suam : et dum adhuc anima eius in hoc corpusculo (6) continetur, quicquid in se de supradictis malis aut fuisse aut esse <sup>1</sup>cognoscit, per pœnitentiam et elemosinam et præcipue per indulgentiam inimicorum suorum redimere vel emendare festinet ; et sic <sup>1</sup>cum Dei adiutorio præterita vulnera studeat curare, ut nunquam <sup>5</sup>postea unde iterum vulnerari possit præsumat admittere.

5. Nec se inaniter circumveniat dicens : Credo de Dei miseri<sup>1</sup>cordia, quod numquam peritura sit fides vel baptismus meus quem <sup>1</sup>accepi. Bene credis, si fecisti quod promisisti : si pactum quod cum <sup>1</sup>Domino inieras conservasti, securus esto, quia non periet nec fides <sup>10</sup>nec

*baptismus tuus. Si vero quod verbis promisisti, operibus implere<sup>1</sup> dissimulasti, qua fronte vel qua conscientia scis quod non perierit<sup>1</sup> baptismus tuus, cum non custodieris pactum tuum? Audi Dominum<sup>1</sup> dicentem : « Quid prodest quod dicitis mihi Domine Domine, et<sup>1</sup> non facitis quæ dico<sup>a</sup>? » ; et iterum : « Qui habet mandata mea et facit<sup>15</sup> ea, ipse est qui diligit me<sup>b</sup> » ; et iterum : « Non omnes qui dicunt<sup>1</sup> mihi Domine Domine, intrabunt in regnum caelorum ; sed quid<sup>1</sup> faciunt voluntatem Patris mei, qui in cælo est<sup>c</sup>. »*

*Diligenter adten<sup>1</sup>dite, quia secundum supra escriptas sententias nihil prodest homini<sup>1</sup> quod se fidem habere dicit si quod verbis promittit operibus implere<sup>20</sup> neglexerit, secundum illud scripturae : « Si quid vovisti Deo, ne moreris<sup>1</sup> reddere ; displicet enim ei infidelis et stulta promissio<sup>d</sup>. Multo<sup>1</sup> melius est non vovere, quam post votum promissa non reddere<sup>e</sup>. »<sup>1</sup> Et ut hæc etiam erga nos vel famulos nostros possimus agnoscere<sup>1</sup> evidenter, dicat mihi aliquis, si ei sufficit ut eum servus suus tota<sup>25</sup> die dominum dicat esse, et multis eum laudibus prædicare non desinat, <sup>1</sup>et tamen opera quæ iusserit implere dissimulet. Si ergo nobis sine<sup>1</sup> operibus verba non placent, quanto magis apud Deum fides sine<sup>1</sup> operibus prodesse non poterit?*

*Ante omnia timendum est, ne se<sup>1</sup> aliquis sic credat accepturum Dei misericordiam, ut non expavescat<sup>30</sup> iustitiam ; quam rem si fecerit, non est fides. Et iterum si sic expavescit<sup>1</sup> iustitiam, ut desperet de misericordia, non est fides. Et edeo quia<sup>1</sup> Deus non solum misericors sed et iustus est, utrumque credamus : nec iustitiam metuentes de misericordia desperemus, nec sic amemus<sup>1</sup> misericordiam ut iustitiam neglegamus. Ergo nec male sperandum (61) est, nec male desperandum. Male sperat, qui se sin penitentia<sup>1</sup> et bonis operibus putat promereri misericordiam ; et male desperat, si post bona opera non se credit recepturum esse misericordiam.*

*<sup>1</sup>Unde ante ominia considerandum est et timendum, ne nobis sine<sup>5</sup> bonis operibus credamus fidem posse sufficere ; sed timeamus illud<sup>1</sup> Iacobi apostoli : « Sicut corpus sine*

*anima mortuum est, ita fides <sup>1</sup>sine operibus mortua est<sup>f</sup> ; et illud : «Tu, inquit, credis quia Deus <sup>1</sup>unus est, bene facis ; et dæmones credunt, et contremescunt<sup>8</sup>» <sup>1</sup>Videte, fratres, quia, qui credit et non facit, dæmonum credulitatem <sup>10</sup>eum Apostolus habere dixit. Si enim qui credit et non facit demonibus <sup>1</sup>similis dicitur ; qui non credit, quam spem habeat vestrum est <sup>1</sup>iudicare. Quia dæmones credunt esse Deum, et non faciunt quae <sup>1</sup>iubet Deus ; iste in eo probatur non credere, quia quod verbis videtur <sup>1</sup>promittere non vult operibus adimplere.*

*6. Et ut plenius opera fidei et virtutem eius possitis agnoscere, <sup>1</sup>breviter caritati vestrae volo suggerere. Tota enim virtus fidei in <sup>1</sup>duabus rebus videtur consistere: una ut, sicut iam dictum est, certis<sup>1</sup>sime credamus verum esse quod promittit Deus; alia, ut apud nos def<sup>1</sup>nitum sit, non esse falsum quod minatur Deus. Si enim toto corde <sup>20</sup>et toto animo credis te post bona opera accepturum præmium quod <sup>1</sup>promittitur : similiter absque ulla hæsitatione, si mala opera egeris, <sup>1</sup>credis te sine fine passurum esse supplicium, agnosce te fidem <sup>1</sup>integram retinere ; ea tamen condicione, ut quod corde credis, op<sup>1</sup>e<sup>1</sup>ribus impleas, et sine aliqua mora divertas a malo, et facias bonum. <sup>25</sup>In eo quod divertis a malo, credis esse supplicium ;in eo quod facis <sup>1</sup>bonum, credis te perventurum ad præmium.*

*Scito tamen nihil tibi <sup>1</sup>prodesse, si unam rem volueris credere, et de alia dubitare. Illi enim prodest quod divertit de malo, qui statim fecerit bonum ; et illi <sup>1</sup>prodet quod facit bonum, qui ad integrum divertit a malo. Hoc <sup>30</sup>ideo dixi, quia multi sunt qui de rapinis et fraudibus videntur ele<sup>1</sup>mosinam dare, et tamen ab ipsis malis non volunt desinere. Vobis <sup>1</sup>enim, fratres carissimi, tunc sicut iam dixi, prodest quod malum <sup>1</sup>non facitis, si id quod Deo placere nostis impleveritis, Et tunc de bonis <sup>1</sup>operibus vestris mercedem vobis reddendam poteritis fideliter credere, <sup>35</sup>quando voc cum Dei adiutorio coeperitis ad integrum a malis actibus (62) abstinere.*

*Nam si et bona simul et mala opera facere vultis, quid <sup>1</sup>prodest ex una parte*

*ædificare, ex alia vero destruere; et unum<sup>1</sup> expoliare, alium vero vestire? Istis talibus clamat in evangelio Dominus : «<sup>1</sup> Aut facite arborem bonam, et fructus eius bonos ; aut facit<sup>5</sup> arborem malam, et fructus eius malos<sup>a</sup> » ; et Salomon : «Sicut canis<sup>1</sup> odibilis est, quando redit ad vomitum suum ita et peccator,<sup>1</sup> quando revertitur ad peccatum suum<sup>b</sup> » ; et propheta ; «Vae peccatori<sup>1</sup> terram ingredienti duabus viis<sup>c</sup> » ; et illud : « Nemo potest duobus<sup>1</sup> dominis servir<sup>d</sup>. »*

*Ergo, sicut iam saepius supra suggessimus, quia<sup>20</sup> fides a « fit » , id est, ab eo quod fiat nomen accepit, ipse se fiducialiter<sup>1</sup> dicit credere, quid quod se credere dixerit, implere operibus voluerit;<sup>1</sup> et sicut iam dictum est, ipsa est tota virtus fidei, ut credamus utrumque<sup>1</sup> esse, et quod promittit Deus, et quod minatur. Ac si volumus ut in<sup>1</sup> nobis perfecta fides maneat, et timentes supplicium opera mala non<sup>15</sup> faciamus, et desiderantes præmium ea quæ bona sunt agere totis<sup>1</sup> viribus laboremus : ut non cum incredulis et impiis æternum cogamur<sup>1</sup> supplicium sustinere, sed cum fidelibus et in bonis operibus perseve<sup>1</sup> rantis ad perpetuum mereamur præmium pervenire. Quod ipse<sup>1</sup> præstare dignetur, qui cum Patre et Spiritu sancto vivit et regnat<sup>20</sup> in sæcula sæculorum. Amen.*



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)